



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Junia Helena Ferreira dos Santos

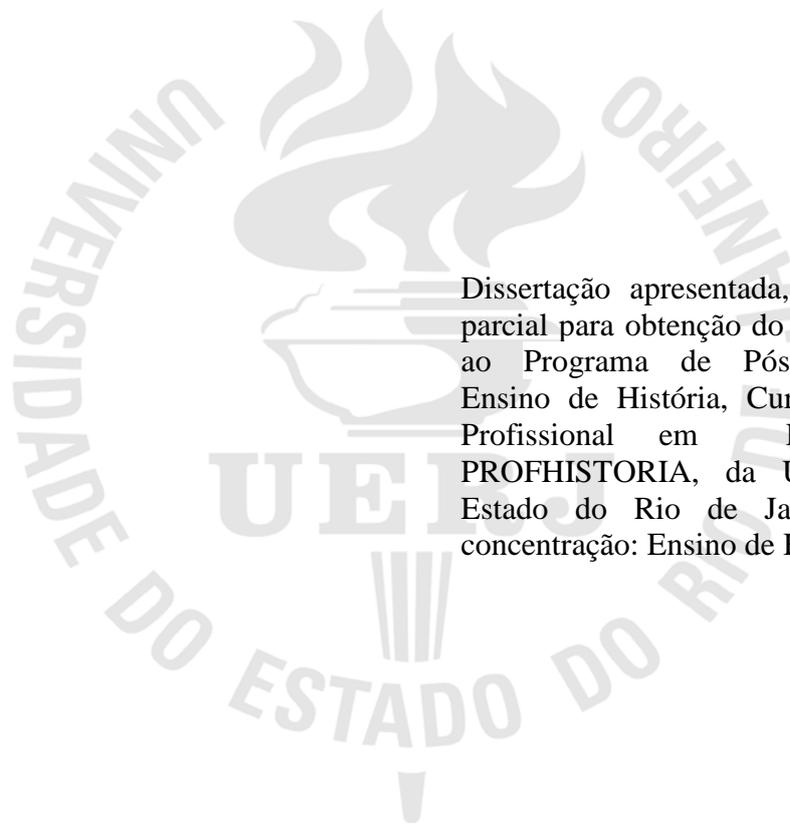
**Caminhando pela cidade: Aula de História e os lugares de memória do  
bairro Serra Centro**

São Gonçalo

2022

Junia Helena Ferreira dos Santos

**Caminhando pela cidade: Aula de História e os lugares de memória do bairro Serra  
Centro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vivian Luiz Fonseca

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S237 Santos, Junia Helena Ferreira dos.  
Caminhando pela cidade: Aula de História e os lugares de memória do bairro Serra Centro / Junia Helena Ferreira dos Santos. – 2022.  
200f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vivian Luiz Fonseca.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Patrimônio histórico – Serra (ES) – Teses. 3. Serra (ES) – História local – Teses. 4. Memória – Teses. I. Fonseca, Vivian Luiz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 93(07)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Junia Helena Ferreira dos Santos

**Caminhando pela cidade: Aula de História e os lugares de memória do bairro Serra  
Centro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 02 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vivian Luiz Fonseca - Orientadora  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Carina Martins Costa  
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

---

Prof. Dr. Christiano Britto Monteiro dos Santos  
Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2022

## **DEDICATÓRIA**

De mãos dadas com meus sonhos, mãe e pai.

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao ser superior por ter me sustentando até o presente momento, só ele sabe as alegrias e angústias diárias. As privações de noite de sono, dinheiro e tempo, principalmente no ano de 2019, para comparecer semanalmente as aulas, as dificuldades emocionais de um contexto pandêmico e as dores do Covid.

A minha família, em especial meus pais, Cosme e Nilzenite por sempre me ampararem e me socorrer nos momentos de maior aflição. E de sempre me incentivar a realizar sonhos e nunca desistir de mim, mesmo quando larguei um Mestrado no passado.

Aos meus amigos, em especial a Penha Goggi Ferraz e a Danyelly Pessini, pelo incentivo e por ouvir minhas ideias mirabolantes, a paixão pelo projeto e sobre o Rio. A Susanna minha veterana de Mestrado e com que pude contar para tirar muitas dúvidas, e por ser essa pessoa acolhedora e com um abraço confortador, mesmo longe. Aos meus parceiros, amigos, que se tornaram irmãos no Mestrado, Luciano Severino, por dividir as alegrias e angústias de sermos “os de fora” e todas as diversas “bads” pois não soltamos nossa mão nunca e Pedro Henrique, meu “parça” carioca, que me ensinou a andar e lidar com um mundo chamado Rio de Janeiro, e pelas loucuras e baldeações, UERJ – PUC – UERJ e depois UNIRIO – UERJ, sem vocês teria sido bem mais doloroso.

A minha orientadora, Vivian, por ser tão compreensiva e maravilhosa, com palavras acolhedoras, em momentos de não ver sentido em nada, não poderia ter feito melhor escolha, o meu muito obrigada, pelas dicas, pelas bibliografias, e pelos puxões de orelha, pelo incentivo e motivação.

A minha banca de qualificação, na pessoa das professoras Carina Martins e Aline Montenegro, pelos conselhos, caminhos a seguir, e pelas ideias brilhantes e leitura atenta, meu trabalho só se tornou o que é, graça aos seus conselhos junto a Vivian. Me sinto honrada por ter vocês na minha caminhada até aqui e ao professor Cristiano que prontamente aceitou participar da banca de defesa.

Aos professores das disciplinas cursadas no Mestrado, Daniel Pinha de Teoria, Patrícia de História do Ensino de História, a Regina Bustamente, de Educação Patrimonial, sem dúvida ampliou meus horizontes e me fez perceber por onde eu devia caminhar, limpou minha visão turva. Luiz Reznik de Seminário de Pesquisa, por cada puxão de orelha e as professoras Ângela de Castro Gomes e Martha Abreu pela valiosa oferta de conhecimento na disciplina sobre intelectuais, sou grata a todos.

A alguns colegas de trabalho, que ouviam falar do meu projeto, que me acolhiam devido ao cansaço e estresse diário, devido às noites sem dormir, e as inúmeras viagens semanais. Sempre perguntando como andava a dissertação.

Aos meus alunos, por partilharem da construção desse trabalho, sem vocês não seria possível, e podem ter certeza de que aprendo diariamente com vocês.

Ao secretário do Mestrado, Silvano, pelas respostas de e-mail tão rápidas e pelos documentos, não tenho palavras para agradecer, como você facilitou a minha vida, estando fora do Rio.

Aos coordenadores do curso.

A minha prima Jaciara por toda ajuda e cooperação, sem você não haveria Mestrado no Rio.

Aos funcionários do Museu Histórico da Serra, em especial a Gilcélia Svensson, por me acolher, aceitar meu projeto e as incontáveis visitas, parte desse trabalho, é mérito de vocês também.

Aos ilustradores da proposta de material educativo Êmilly e Hendryo, por conseguir traduzir ideias em desenhos, vocês deram vida ao material.

Enfim aos que contribuíram direta ou indiretamente, para que eu chegasse até aqui, minha eterna gratidão.

Eles precisam de um Édipo que lhes explique seu próprio enigma, cujo sentido não perceberam que lhes ensine o que queriam dizer suas palavras, seus atos que não compreendera. Eles precisam de um Prometeu, e que no fogo que ele roubou, às vozes que flutuavam geladas no ar se revoltem, transformem-se num som, ponham-se a falar. [...].

*Jules Michelet*

## RESUMO

SANTOS, Junia Helena Ferreira dos. *Caminhando pela cidade: aula de História e os lugares de memória do bairro Serra Centro*. 2022. 200 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

O presente trabalho, discute questões sobre a História Local nas aulas de História, propõe um caminho e relacionando patrimônios, tais como: a escola, o Museu Histórico da Serra, a Casa do Congo e estátua de Chico Prego localizados no bairro Serra Centro, no município da Serra, estado do Espírito Santo. A proposta do trabalho, surge, a partir da experiência das visitas pedagógicas com alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor João Loyola”, devido à proximidade dela com os demais lugares visitados. Assim, após algumas observações e questionamentos dos estudantes nas visitas, trazemos a proposição de um material educativo ilustrado, desenvolvido a partir da perspectiva de caminhar pelo centro histórico da Serra. O material, além de discutir brevemente a história da localidade, da escola e dos patrimônios, sugerindo atividades que podem ser trabalhadas em outras escolas. A dissertação, seguindo a proposta do caminho, apontada no material educativo, tem início com a história do município e dos patrimônios, passando pela questão da memória e do ensino de história e retomando o caminho através da descrição reflexiva de como o material educativo foi elaborado, o que chamamos de retomada do caminho.

Palavras-chave: Cidade. Caminho. Ensino de História. História Local. Lugares de memória.

Patrimônios.

## ABSTRACT

SANTOS, Junia Helena Ferreira dos. *Walking around the city: History Class and the places of memory of the Serra Centro neighborhood*. 2022. 200 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

The present work discusses issues about Local History in History classes, proposes a path and relating heritages, such as: the school, the Serra Historic Museum, the Casa do Congo and Chico Prego statue located in the Serra Centro neighborhood, in municipality of Serra, state of Espírito Santo. The proposal of the work arises from the experience of pedagogical visits with students from the State School of Elementary and High School "Professor João Loyola", due to its proximity to the other places visited. Thus, after some observations and questions from the students during the visits, we propose an illustrated educational material, developed from the perspective of walking through the historic center of the Serra. The material, in addition to briefly discussing the history of the locality, the school and the heritage, suggests activities that can be worked on in other schools. The dissertation, following the proposal of the path, pointed out in the educational material, begins with the history of the municipality and its heritage, passing through the question of memory and the teaching of history and resuming the path through the reflective description of how the educational material was prepared. , which we call resuming the path.

Keywords: City. Way. History Teaching. Local History. Memory places. assets.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa da região metropolitana da Grande Vitória .....	32
Figura 2 –	Foto frontal da casa de Manoel Cardoso Castello .....	37
Figura 3 –	Foto fontral do Museu Histórico da Serra e Casa do Congo em 2021 .....	38
Figura 4 –	Foto da penteadeira de Judith Leão Castello Ribeiro .....	43
Figura 5 –	Foto do Memorial da Assembleia Legislativa do Espírito Santo .....	45
Figura 6 –	Foto do quadro no quarto de Rômulo Castello no MHS .....	46
Figura 7 –	Foto da sala de visitas - Museu Histórico da Serra .....	48
Figura 8 –	Foto da sala da mesa ou sala de reuniões .....	49
Figura 9 –	Foto dos objetos pessoais no quarto de Rômulo Castello .....	50
Figura 10 –	Foto do quarto de Judith Castello .....	51
Figura 11 –	Foto da vista lateral do quarto de Judith Castello .....	51
Figura 12 –	Foto do material coletado em prospecção nas ruínas de Queimado ...	52
Figura 13–	Foto da sala com objetos da prospecção em Queimado .....	53
Figura 14 –	Foto de objetos encontrados no sítio arqueológico de Queimado .....	53
Figura 15 –	Antiga Casa do Congo “Mestre Antônio Rosa” .....	54
Figura 16 –	Monumento a Chico Prego .....	56
Esquema 1 –	Visita pedagógica 1- alunos do 6º Ano – 2017 .....	76
Esquema 2 –	Visita pedagógica 2 – alunos da 1ª Série – 2018 .....	77
Esquema 3 –	Visita pedagógica 3 – alunos da 1ª Série – 2019 .....	77
Figura 17 –	Mapa a partir da ferramenta google maps – caminho da escola aos patrimônios .....	81
Figura 18 –	Desenho – O que tem na cidade? .....	89
Figura 19 –	Desenho “Trajeto da escola EEEFM Professor João Loyola aos	

	principais monumentos históricos de Serra Sede”. Emilly .....	93
Figura 20 –	Desenho “Caminho da escola ao museu” .....	94
Figura 21 –	Desenho “Caminho da escola ao museu”. Hendryo .....	97
Figura 22 –	Desenho “Museu Histórico da Serra” .....	98
Figura 23 –	Desenho “Objetos no museu” .....	99
Figura 24 –	Desenho “Releitura de Chico Prego” .....	102
Gráfico 1 –	Em sua opinião, quem deve cuidar do patrimônio cultural? .....	103
Figura 25 –	Desenho “Objetos na casa do congo” .....	105
Figura 26 –	Relatório do Presidente de Província. Antonio Joaquim Siqueira, 11 de março de 1849 .....	108
Figura 27 –	Carta do Presidente de Província ao Ministro sobre o reestabelecimento da paz e agradecimento ao abafamento a Insurreição de Queimado, 4 de abril de 1849 .....	109
Figura 28 –	Relatório de Província de Felipe José Pereira Leal, 25 de junho de 1850 .....	110
Figura 29 –	Desenho Ruínas de Queimado. Émilly Évelyn Amaral .....	111

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Quantidade de alunos por série, turno e turma .....	73
Tabela 2 –	Descrição do espaço físico da EEEFM “Professor João Loyola” .....	74
Tabela 3 –	Quando você caminha pela cidade ou nas proximidades da escola, o que te chama atenção? .....	90
Tabela 4 –	O que você considera um patrimônio cultural? .....	96

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALEAS	Academia de Letras e Artes da Serra
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBC	Currículo Básico Comum do Espírito Santo
CIVIT	Centro Industrial de Vitória
CST	Companhia Siderúrgica de Tubarão
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
IAPC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IPHAM	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MHS	Museu Histórico da Serra
PCN	Parâmetros curriculares nacionais
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PMS	Prefeitura Municipal da Serra
PSD	Partido Social Democrático

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
1	<b>É PAU, É PEDRA, É O INÍCIO DO CAMINHO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE E SEUS LUGARES</b> .....	25
1.1	<b>O caminhar pela cidade: espaços e lugares no bairro Serra Centro</b> .....	30
1.2	<b>De casarão a Museu Histórico da Serra</b> .....	36
1.2.1	<u>Os personagens no museu</u> .....	42
1.2.2	<u>Os objetos no museu</u> .....	47
1.3	<b>A casa do congo</b> .....	54
1.4	<b>A estátua de Chico Prego</b> .....	55
2	<b>ENSINO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA: O PERCORRER DO CAMINHO</b> .....	59
2.1	<b>Memória</b> .....	61
2.2	<b>Ensino de História e a Educação Patrimonial</b> .....	64
2.3	<b>A construção da proposta e a EEEFM “Professor João Loyola”</b> .....	71
2.3.1	<u>Atividades para a primeira série</u> .....	79
2.3.2	<u>Atividades para a segunda série</u> .....	82
3	<b>CAMINHAR PELA CIDADE NAS AULAS DE HISTÓRIA: O REINÍCIO DO CAMINHO</b> .....	84
3.1	<b>Apresentando a proposta de material educativo</b> .....	87
3.1.1	<u>Quando você caminha pela cidade ou nas proximidades na escola, o que te chama atenção?</u> .....	88
3.1.2	<u>Percorrendo o caminho</u> .....	94
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	116
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120

<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO I – TURMAS DA SEGUNDA SÉRIE (VERSÃO IMPRESSA) .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO II – TURMAS DA TERCEIRA SÉRIE (VERSÃO IMPRESSA) .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE C - Proposta de material educativo .....</b>	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO

Em tempos tão confusos, de contrassensos, da ausência de bom senso, de negacionismos, de revisionismos históricos, de *fakenews*, da ode à ausência de leitura teórica e o exaltar dos resumos e mensagens equivocadas e nada científicas via redes sociais, entrecortadas por mentiras fabricadas e dos nossos sendo diariamente assassinados, às vezes, me pergunto por que continuar professora e permanecer em sala de aula?

Uma possível resposta é que o trabalho diário, o esforço, nunca é só por nós mesmos, ser professor é uma luta diária, ser professor e não ser de luta é uma contradição inaceitável. Outra possível resposta é apesar de tudo que escrevi acima, também são tempos de mudança, de novos fragmentos, de novas memórias, tempos esses de “*Black live matters*”, de adolescentes discutindo sobre temas diversos, de queimar e derrubar estátuas<sup>1</sup> que não nos representam. Ainda é tempo de adentrar espaços, que em nossas cabeças, antes não eram nossos, de outras histórias, de memórias outras e de escola diferente. E por que não, de outra professora? Como diria Freire (2019, p.110),

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.

É nesse tempo, que fui estudante, fiz licenciatura, me tornei professora e continuo estudante. Tempo no qual que foi necessário eu me perder para me achar enquanto pessoa, que nasce esse trabalho.

O presente trabalho surge a partir de inquietações pessoais ao longo da minha formação e prática docente e temas que tenho me interessado nos últimos anos, tais como: o Espírito Santo e mais especificamente sobre a Serra<sup>2</sup>, município em que moro, fui criada e no qual leciono há dez anos, isto é, grande parte da minha trajetória docente.

---

<sup>1</sup> Uma onda de protestos em decorrência do assassinato brutal de George Floyd, pela polícia nos Estados Unidos, levou a derrubada da estátua em homenagem ao escravocrata Edward Colston, foi arrancada de seu pedestal e jogada em um rio na cidade de Bristol, na Inglaterra. No ano seguinte, em julho de 2021, a estátua em homenagem ao bandeirante, Borba Gato, foi incendiada em São Paulo. Nos levando a questionar, a quem serve e quem é representado nos patrimônios?

<sup>2</sup> A Serra é um dos setenta e oito municípios do estado do Espírito Santo, localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória, faz limite com a capital Vitória. É a cidade mais populosa do estado, tendo uma população estimada de aproximadamente 517.510 pessoas (2019), de acordo com dados do IBGE.

Lembro-me no início do curso de graduação em História, no qual muitos professores comentavam que havia poucos trabalhos sobre história local, que a maioria dos alunos queria fazer trabalhos sobre os “períodos clássicos” da história. Acreditamos que devemos pesquisar o que temos afinidade e nos toca, seja no momento no qual iniciamos o trabalho, seja ao longo da nossa ou na trajetória de vida.

Alterações na percepção do que é História, do que ela estuda e novas questões começam a se estabelecer a partir da primeira metade do século XX na França com a Escola de *Annales*, que aponta para uma compreensão histórica totalizante, a ciência história em construção, e que na pesquisa sejam levados em conta, o viés político, social, econômico, cultural, das mentalidades e outros. No que se refere ao objeto da pesquisa, a chamada Nova História legou a emergência de novos temas de pesquisa, um deles foi a História Regional ou ainda, a História Local.

[...] A Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. [...] Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular. (Oliveira, 2003, p.15)

Assim, nos últimos anos, há certa ênfase em estudos que abordam os temas locais e consequentemente um aumento das pesquisas sobre o Espírito Santo, a partir de várias temáticas.

Por esta ótica, nota-se a importância do estudo da História Regional e Local no universo historiográfico, uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto de estudo. A narrativa deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos da região, consequentemente do município. (SILVA: 2013, p.4)

Atualmente, essas questões me são caras, elas refletem a busca por identidade, pertencimento, memórias que tentamos relacionar com o que é trabalhado em sala de aula. Assim, pensar sobre a história local e conseguir conectá-la ao que acontece na História em um contexto macro, me parece ser uma forma de aproximar os alunos, com os conteúdos trabalhados ao longo do ano letivo.

Ainda pensando sobre a questão de pesquisar o que nos toca, e de trabalhos sobre contextos em diferentes escalas, em diferentes escalas, (LEPETIT,1998), acredito hoje, que o que torna determinadas pesquisas com ressonância é mais a criatividade e profundidade nas quais, vivência e pesquisa se encontram. Afinal, os historiadores e as historiadoras, são

sempre pessoas de seu tempo, se relacionando com as questões históricas da sua época ( CERTEAU,1982). Assim, quando escolhemos estudar acontecimentos próximos de nós, de certa maneira somos participantes deles.

A hierarquia dos níveis de observação, os historiadores relacionam instintivamente uma hierarquia das problemáticas históricas: para usar uma linguagem trivial, na escala da nação faz-se história nacional; na escala local, faz-se história local (o que em si, não implica uma hierarquia de importância, especialmente do ponto de vista da história social). Observada “no nível do chão”, a história de um conjunto social aparentemente se dispersa numa miríade dos acontecimentos minúsculos, difíceis de organizar. [...] O trabalho da contextualização múltipla praticada pelo micro historiadores parte de premissas muito diferentes. Ele afirma, em primeiro lugar, que cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos – e, portanto, se inscreve em contextos – de dimensões e de níveis mais variáveis, do mais local ao mais global. Não existe hiato, menos ainda oposição entre história local e global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. (REVEL, 1998, p.25)

Falar sobre a Serra, é algo que me toca hoje, sobretudo pensar em seu potencial como espaço e cidade educadora nas aulas de História, especialmente o bairro Serra Centro<sup>3</sup> no qual se localiza a escola na qual leciono, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor João Loyola”<sup>4</sup>. Nesse bairro, o antigo e o novo se aproximam, assim como em tantas cidades no Brasil e no mundo. Novas construções convivem com casarões antigos de famílias tradicionais da localidade, que atualmente abrigam todo tipo de novos usos: comércios, atividades de administração pública e instituições de memória, como museus e outros.

O objeto do presente trabalho é pensar o caminho do entorno escolar e seus lugares de memória nas aulas de História e propor sugestões de atividades. A partir desse caminho, três patrimônios são elencados como principais, para nossa reflexão: o Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” (MHS) , localizado em um casarão antigo do município da Serra no Espírito Santo, a Casa do Congo e a estátua de Chico Prego. A eles, soma-se à escola EEEFM “Professor João Loyola”, ponto de partida de todas as ações pedagógicas propostas. Ao se pensar atividades relacionadas ao Ensino de História, nesses espaços não escolares, espera-se contribuir para ampliar o conhecimento dos alunos sobre o local e determinados

---

<sup>3</sup> Serra Centro, popularmente conhecido como “Serra Sede”, ou ainda, Centro da Serra, é o bairro mais antigo e a sede administrativa do município da Serra, nesse bairro se localizam o prédio da Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores e o Fórum Municipal, além de casarões antigos (restaram poucos, a maioria foi demolida, dando lugar a prédios comerciais), o Museu Histórico da Serra, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (também conhecida como Igreja Matriz), entre outros espaços.

<sup>4</sup> Escola da Rede Estadual do Espírito Santo, atualmente, oferece a modalidade Ensino Médio regular em todos os turnos.

temas nas aulas de História. Ainda, espera-se ampliar a noção de pertencimento em relação aos patrimônios históricos das proximidades da escola.

Os lugares que apresentamos no caminho, foram escolhidos devido à potencialidade para discutir alguns temas das aulas de História, permitindo o aprofundamento indicado nas competências gerais da Educação Básica apontadas pela Base Nacional Comum Curricular. Destaque-se, sobretudo a terceira, sexta e nona competências,

[...]

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

[...]

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

[...]

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.  
(MEC, 2017, p.9 e 10 – grifo meu)

A partir das personagens e objetos apresentados no museu, na Casa do Congo e a estátua do Chico Prego, é possível discutir temáticas como política, biografias, patrimônios, gênero, escravidão, entre outras, e relacionar o local com o geral. Essas questões, tocam na realidade dos alunos da minha escola e trabalhá-las em sala de aula permite que eles para que se reconheçam na história que é narrada, contada e construída na escola e por cada um deles.

Existem várias justificativas para elaboração deste trabalho. Inicialmente minha formação em Licenciatura em História, que se deu de maneira concomitante com a formação no curso Técnico em Turismo. Sendo assim, a paixão e a curiosidade por espaços históricos, as viagens, me despertaram o gosto pelo turismo histórico, bem como, a tentativa de propor sempre que possível, visitas pedagógicas nas aulas de História. Nelas, objetivava que o aluno pudesse sentir o que chamamos de “respirar histórico”, isto é, vivenciar e observar na prática, espaços em que a história e a memória saltam aos olhos. Sendo assim, desde que iniciei minha prática pedagógica, todos os anos levo os alunos de todas as minhas turmas em espaços que compreendo serem espaços de aprendizagem e que se relacionam com a proposta da escola que leciono.

Somado a isso, no ano de 2017, ano que comecei a propor especificamente essa visita pedagógica aos espaços do entorno escolar (Museu Histórico da Serra, Casa do Congo, Estátua de Chico Prego e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição no Bairro Centro da

Serra), fiz um curso sobre Cidade Educadora, com o título “Educação na cidade: Estudos sobre o processo de modernização de Vitória”. Este curso que tinha como proposta, conhecer, experimentar, educar a partir dos espaços da cidade. Era um curso de Extensão, voltado para Formação de Professores, a partir da proposição do produto de três mestrados do curso de Mestrado Profissional em Humanidades do IFES( Instituto Federal do Espírito Santo) – Campus Vitória. O *locus* foi a cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, e como avaliação do curso, era necessário propor um roteiro de visita pedagógica contemplando os espaços do entorno escolar, ou espaços já visitados no Espírito Santo.

A partir disso, propus um roteiro pedagógico que já havia colocado em prática com os alunos, porém no município no qual atuo. Muitos colegas do curso de formação, apesar de, morarem e lecionarem na Serra, não sabiam que esses espaços existiam, sobretudo o Museu Histórico da Serra e a Casa do Congo, lugares esses, que evocam diversas narrativas, principalmente pelos objetos e personagens que mantêm em seus acervos. Além de se proporem a apresentar e sobre a história do município e do Espírito Santo, eles também tratam da história da Insurreição de Queimado. Ao revisitarem essa insurreição, colocam a Serra<sup>5</sup> como espaço de uma revolta negra no contexto imperial, onde aconteceram diversas revoltas de escravizados. Destaque-se que, a programação anual é feita em torno da História e da narrativa de Queimado e de seus líderes, sobretudo Chico Prego<sup>6</sup>, enforcado em praça pública, próximo onde hoje há uma estátua em sua homenagem.

A partir desse momento, surgiram novas inquietações que serão refletidas e apresentadas neste trabalho, pois além dos colegas, moradores e alguns professores no município da Serra desconhecem esses espaços, os alunos quando perguntados sobre os patrimônios do município, igualmente, não sabiam identificá-los.

Ao questionar os alunos se sabiam o que eram os patrimônios, e apresentando alguns exemplos, eles falavam sobre o Convento da Penha, as Igrejas do Centro de Vitória, mas não identificavam os espaços próximos a eles como patrimônios ou como locais históricos. Isto é, a maioria não conhecia, ou mesmo os que já tinham ouvido falar, não haviam entrado, portanto, não o identificavam como locais históricos e não se identificavam com os mesmos.

Outra justificativa, bastante pertinente é que os lugares como o Museu Histórico da Serra, e a Casa do Congo, contribuem para uma perspectiva pedagógica do aluno como

---

<sup>5</sup> Na época do ocorrido a vila de Queimado, pertencia a capital Vitória, mas devido a proximidade e os escravizados envolvidos na liderança do movimento terem fugido para Serra, alguns serem de famílias locais bem como, exerciam influência com outros escravos, dentre outras questões. Anos depois, Queimado passou a ser distrito do município da Serra.

<sup>6</sup> Mais adiante, discutiremos de maneira mais pormenorizada, sobre a figura de Chico Prego.

protagonista do processo de aprendizagem. Recentemente, concluí uma Pós-Graduação em Educação: Currículo e Ensino pelo IFES de Cariacica que me subsidiou na reflexão de pensar os patrimônios culturais do entorno escolar como lugares em potencial para que o aluno construa a sua própria compreensão dos acontecimentos ali retratados e de outros, a partir da visita e da mediação do professor.

Também é preciso pontuar, a relevância da História Local nos municípios em que vivemos e trabalhamos e suas contribuições para entender a História de maneira macro, e evidenciar os sujeitos históricos locais, o que pode propiciar ao aluno a compreensão de que História acontece perto, não só nos lugares descritos no livro didático. Bem como, - os personagens históricos e suas histórias que perpassam os espaços e a própria construção da história local, atuando como sujeitos participantes - que atualmente tem suas biografias e suas relevância na História da Serra. Destaque-se que existem poucos trabalhos desse porte, que relacionem os patrimônios locais do município da Serra ao Ensino de Histórias.

No que tange ao levantamento de fontes, recorri ao Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, onde consegui encontrar uma obra específica sobre a Serra, o livro “Reminiscência da Serra: 1556 – 1983” de 1984, que se constitui em fonte de grande relevância para informações gerais sobre a história desse município capixaba. Essa obra foi utilizada como livro didático em escolas municipais do Ensino Fundamental do município da Serra – Séries Iniciais, como material de estudo e pesquisa. Foi escrito pelo antigo prefeito Naly da Encarnação Miranda, e foi reeditado, no ano de 2011. O livro tem caráter memorialista, e diverge em algumas datas e informações de outros livros importantes, como a “História da Serra”, do historiador Clério Borges de Sant’Anna, que narra desde a constituição da Serra aos principais acontecimentos e questões atuais.

Há ainda o livro de História do Estado Espírito Santo, escrito por José Teixeira, citado em todos os trabalhos sobre o estado e municípios capixabas e sendo referência bibliográfica indispensável para conhecer e pensar historicamente o Espírito Santo e consequentemente a Serra.

Dentre os estudos e pesquisas relacionados ao município da Serra, em sua maioria os objetos são: a Insurreição de Queimado, a História da Serra, o congo serrano e as festas, bem como, a antiga Vila de Nova Almeida e a Igreja de Reis Magos, localizada no distrito de Nova Almeida na Serra. Alguns trabalhos de História do Espírito Santo mencionam a Serra, entre eles: “Viagem de D.Pedro ao Espírito Santo” de Levy Rocha, que dedica algumas páginas ao município trazendo informações relevantes e confrontando e confirmando apontamentos das obras anteriormente citadas. Cite-se ainda, a obra “A escravidão e a abolição no Espírito

Santo” de Maria Stella de Novaes, obra clássica do contexto da escravidão em terras capixabas e que apresenta a Insurreição de Queimado e seus desdobramentos.

Sobre o Museu da Serra especificamente, existe pouco material, na verdade um único material produzido, por um funcionária na época da abertura do museu<sup>7</sup> e a maior parte das informações está dispersa em diferentes lugares: - no próprio museu, em sites e no livro “Memória Fotográfica da Serra” de Paulo Barros, que apresenta descrições de fotos importantes do município, porém são relacionadas ao casarão (que hoje compreende o museu, a casa do congo e a biblioteca municipal) da família Castello, construído no ano de 1862. Assim, não existem trabalhos que falam sobre este museu e que reflitam suas potencialidades para o Ensino de História, o que possibilita um campo amplo para pesquisa e produção sobre a temática. Com relação aos objetos dispostos no museu, e os personagens que são apresentados no mesmo - o ensino de história, também não existem materiais.

Além das visitas ao Arquivo Público, às bibliotecas municipal, estadual e da Câmara dos Vereadores (a maioria das fontes relacionadas ao município está na Biblioteca da Câmara de Vereadores da Serra que atualmente está fechada e sem previsão de retornar o funcionamento), tinha conhecimento sobre o livro do historiador e presidente de província Afonso Cláudio, “A Insurreição de Queimados: episódio na província do Espírito Santo”, que foi lido durante a graduação, na disciplina de História do Espírito Santo I e é a obra com maior riqueza de fontes documentais. Entretanto, em meu levantamento de fontes, conheci quatro outras obras sobre a Insurreição de Queimados, outra de um historiador, Wilson Lopes de Rezende, “A Insurreição de 1849 na província do Espírito Santo”.

Os outros dois livros são de cunho literário e fornecem pistas sobre a insurreição e são obras mais atuais, em que o tema é revisitado, são eles: “Queimado: a insurreição que virou mito.” de Luiz Guilherme Santos Neves e “Insurreição do Queimado em Poesia e Cordel.” de Teodorico Boa Morte. Há um último livro que propõe uma análise entre a obra de Afonso Cláudio e de Luiz Guilherme Santos Neves, chamado “O templo e a força: a história de uma insurreição imaginada”, fruto da dissertação de mestrado de Isabela Basílio Souza Zon.

Com relação a trabalhos acadêmicos<sup>8</sup>, percorri as bibliotecas online e físicas, inicialmente que possuíam o curso de História e em seguida os cursos de Mestrado e

---

<sup>7</sup> A descoberta e disponibilização desse documento, foi feita em uma conversa informal com a funcionária do museu, elaborei algumas perguntas, que a meu ver seriam necessárias, a partir de questionamentos feitos pela minha orientadora. Na ocasião, me apresentei como aluna do ProfHistória, expliquei a proposta do trabalho. Na verdade, a funcionária já me conhecia, visto que, já fiz várias visitas ao Museu, além de propor a visita aos alunos, nos últimos três anos. A descrição da visita e documento estará presente no primeiro capítulo da dissertação.

<sup>8</sup> O levantamento dos trabalhos acadêmicos foi feito do segundo semestre do ano de 2019, até janeiro de 2020.

doutorado, para observar as temáticas dos trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações e teses, fizemos o seguinte levantamento: no Mestrado em História, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de trezentos e treze dissertações, nenhuma fala sobre Educação Patrimonial, e existem dois trabalhos específicos sobre a Serra, um citado no parágrafo anterior e outro com o título “Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: o: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 – 1850)”<sup>9</sup>. De um total de quarenta e cinco teses do doutorado, também da UFES, não foi encontrado nenhuma sobre Educação Patrimonial, museus ou específicas sobre a Serra.

No Programa de Mestrado em Educação da UFES, de quinhentos e quarenta e oito dissertações, foram encontradas três nos filtros “Educação Patrimonial” e “Museus”, nenhuma sobre a Serra. E entre as duzentos e vinte e nove teses, somente uma sobre “educação em museu”. Já no programa de Arquitetura e Urbanismo, de um total de cento e dez dissertações, seis estão relacionadas com os filtros “patrimônio”, “cidade educadora”.

Na Faculdade Serravix, que mantém o acervo do curso da antiga Faculdade Cesat, que tinha o curso de História entre os anos de 2001 à 2009, de um total de setenta e cinco Trabalhos de Conclusão de Curso, há somente três monografias sobre a Serra e Insurreição de Queimados. No Programa de Pós-Graduação em Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), a partir dos filtros “Patrimônio Cultural” “Educação Patrimonial”, foram encontradas doze dissertações, das quais, somente seis, falavam sobre o município da Serra. Para fechar esse levantamento sobre instituições de ensino superior locais, faltou uma biblioteca, da Faculdade Saberes, que possui o curso de História e que não tem registro online (no caso de TCCs).

O volume de pesquisas em andamento sobre a Serra tem aumentado, contudo, ainda se pode considerar que há lacunas no conhecimento sobre vários temas da História da Serra. Sobre Chico Prego especificamente, não existem trabalhos, uma vez que, seu destaque em detrimento de outros líderes carece de estudo. Sabemos que a homenagem feita ao mesmo através de uma estátua em praça pública na sede do município, emerge de uma memória de seu enforcamento próximo ao local, onde hoje fica a estátua. Devido à quantidade ínfima de registros e documentos sobre o mesmo, sua história está atrelada às diversas narrativas de Queimado.

---

<sup>9</sup> O trabalho citado, é uma dissertação de mestrado, escrita por Lavínia Coutinho Cardoso em 2008.

Há uma grande quantidade de fontes sobre a biografia, ações, trajetórias e discursos políticos de Judith Castello Leão Ribeiro, por ter sido de uma família poderosa, professora, deputada e escritora, foram feitos vários registros escritos e fotográficos ao longo de sua vida. Entretanto, em termos biográficos, ficaram seus objetos pessoais, os registros da Assembleia Legislativa, inclusive há atualmente um memorial em homenagem a Judith, virou nome de escola. Ela ainda escreveu, um livro chamado “Presença”, que recentemente foi reeditado por Ester Abreu Vieira de Oliveira, professora da Universidade Federal do Espírito Santo e membro da Academia Feminina de Letras do Espírito Santo, que apresentou na nova edição do livro de Judith, uma breve biografia da personagem.

A organização do trabalho, segue a perspectiva de um caminho e os capítulos seriam as etapas do caminho, início, meio e fim. Entretanto, na construção do trabalho, observa-se que ao final, não há um fim propriamente dito, mas inúmeras possibilidades de outros caminhos possíveis.

No capítulo inicial, começamos a caminhada pela cidade - o que move nossos olhos? As descobertas, o que impressiona, o que é familiar, o novo? O capítulo apresenta um breve relato de viagem, relacionando questões pessoais e a proposta do trabalho. Nesse capítulo, apresentamos a história da Serra e dos lugares escolhidos para o roteiro do entorno escolar, mobilizando os seguintes autores e conceitos. Na perspectiva de um caminho, saindo da escola, passando pelos lugares e retornando à escola, usamos, desde as propostas de Lana Simam, o conceito do *flâneur* “como um caminhante entre a multidão” (SIMAN: 2013, p.51) -. Relacionamos as contribuições dessa autora, com as questões sobre cidade trazidas por Pesavento (2007). Outro ponto importante do capítulo é a diferença entre espaço e lugar, a partir do geógrafo Yi Fu Tuan.

No segundo capítulo, apresentamos questões como a relação entre história e memória. Começamos o texto apresentando um fragmento literário do livro “A cantiga dos pássaros e das serpentes”, sobre a questão da memória, dialogando com autores que falam sobre a temática. Outro ponto importante, é o Ensino de História e suas relações com a memória, do qual partimos para pensar a proposição do roteiro, as motivações para caminhar pela cidade nas aulas, e o retorno do caminho que são as de atividades e temáticas debatidas na escola. Além disso, as reflexões que subsidiaram a construção da proposta educativa e o relato das visitas pedagógica ao longo dos anos, com diferentes turmas, produzindo experiências distintas.

No terceiro capítulo, apresentamos as reflexões sobre o material educativo, como ele foi pensado, o percurso das atividades com os estudantes ao longo de sua construção,

acompanhado dos dados do questionário (no apêndice), e possíveis fragmentos com relatos de alunos. Análise e registro das etapas do material desenvolvido, bem como explicação da proposta do material educativo.

## 1 É PAU, É PEDRA, É O INÍCIO DO CAMINHO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE E SEUS LUGARES<sup>10</sup>

“A cidade é sempre um lugar no tempo.”

*Sandra Jatahi Pesavento*

O título desse capítulo surge ouvindo a música “Águas de março” composta por Antonio Carlos Jobim, que traz a memória de uma suave descrição, de vida, objetos, ambientes, detalhes, experiências, que me transporta para um dia chuvoso de viagem e como começam a maioria das cidades, pensando aqui no despertar das primeiras civilizações, os primeiros núcleos urbanos e os atuais, que em suas construções iniciais, se formam com paus e pedras. Parafraseando o início da canção, “é pau, é pedra, é o fim do caminho”, entendemos que caminhar pela cidade já construída, com as marcas da modernidade, apresentando as mais diversas transformações, observar seus espaços e lugares, além de experimentar o que ela apresenta, não é o fim, mas o início do caminho.

No início do caminho, ao andar por uma cidade pela primeira vez, o que move o nosso olhar? Essa é uma das reflexões que propomos no trabalho, caminhar pela cidade, observar a cidade e nas aulas de História ser capaz de relacionar o que é estudado com o que foi visto.

Ao caminhar pela primeira vez em uma nova cidade, meus olhos repousam em praças, procuram monumentos, casas e prédios antigos, igrejas e cemitérios tudo que envolve coisas que evocam a ideia de passado. Concomitantemente, observo prédios novos e sustentáveis, tecnológicos e futuristas pois esses, também me chamam atenção. Mesmo fazendo uma pesquisa prévia do que devo conhecer, o que há na cidade e ler relatos de outros viajantes numa tentativa de direcionar o olhar e otimizar o tempo, há o processo de contemplação e surpresa.

O viajante, de acordo com o dicionário, é “quem ou aquele que viaja”<sup>11</sup>, - pessoa que caminha, andarilho, aparecem como sinônimos de viajante - e etc. Em uma visão mais abrangente e pessoal do termo, viajante, para além de turista é aquele que sente o local, vivencia os espaços, pesquisa, organiza antes, durante e depois. É aquele não escolhe um

---

<sup>10</sup> A canção “Águas de março”, foi composta em 1972, por Antonio Carlos Jobim, o título da mesma tem origem no poema “O caçador de esmeraldas”, do escritor Olavo Bilac. A versão ouvida e que inspirou o título do primeiro capítulo foi gravada em 1974 em um dueto com Elis Regina.

<sup>11</sup> O verbete foi retirado do dicionário online < <https://www.dicio.com.br/viajante/> > acessado em março de 2021.

destino aleatoriamente ou somente por ser badalado, mas aquele que de maneira consciente e por desejos e vontades de vivenciar outras culturas, outras cidades, se desloca do seu habitat costumeiro e vive a viagem do início ao fim.

O conceito de cidade é amplo e se modifica no decorrer da história, aqui compreende-se o termo,

A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impossível no individual; cidade: moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO 2007, p.14)

Permito-me contar brevemente a experiência recente de viagem a uma cidade até então desconhecida para mim.<sup>12</sup> Em geral, quando decido fazer uma viagem para qualquer local, passo um tempo pesquisando sobre a cidade, os principais pontos turísticos, locais históricos, que às vezes não são turísticos, produzo uma lista diária das atividades e vou organizando os locais em virtude do tempo de visitação, proximidade, deslocamento. Entretanto, a organiza o da lista são acontece quando chego na própria cidade, a partir da experiência com o local.

Ao descer na cidade de São Borja, tive uma experiência interessante sobre observar a cidade e a certeza que “as cidades fascinam” (PESAVENTO, 2007:11). Acredito que o fascínio, veio da expectativa que sempre tive de conhecer essa cidade. Assim,

“Para um novo morador, o bairro   a princípio uma confusão de imagens; ‘lá fora’   um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro   exige a identifica o de locais significantes, como esquinas, referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro.” (TUAN, 2007, p.3)

Entendo o novo morador, como um caminhante, viajante ou alguém a passeio, com suas impressões iniciais de um espaço. Ao chegar, esse espaço embaçado, constitui-se num emaranhado de informa es, adapta es do olhar, surpresa e outras tantas possibilidades.

Após o momento inicial, com olhar confuso,   preciso organizar o olhar e a mente, incluímos nisso, correr ao hotel, fazer check-in, deixar as malas, e estando em um contexto pand mico, a rotina de desinfec o (banho, troca de roupas e troca de máscara). Feito isso, vamos conhecer o bairro, em específico, o centro da cidade. São Borja<sup>13</sup> pode ser considerada

<sup>12</sup> A viagem relatada no decorrer do texto, ocorreu em janeiro de 2021, no estado do Rio Grande do Sul, as cidades que compunham meu roteiro eram respectivamente: Porto Alegre, Gramado, Canela, São Miguel das Missões e São Borja, esta última   a cidade que faço men o no trabalho.

<sup>13</sup> O município de São Borja, como anteriormente mencionado, localiza-se no estado do Rio Grande do Sul, também conhecida como “a cidade dos presidentes” uma vez que, dois cidadãos locais, estiveram no cargo de presidentes da república brasileira e um deles está enterrado na cidade, respectivamente, Getúlio Vargas, João

uma cidade pequena, porém turística, os locais significantes já saltam aos olhos, uma vez que estão demarcados com placas e menções ao que é evocado como importante, tais como: ruas com nomes de políticos, intelectuais e alguns cidadãos e abaixo de seus nomes, pequenos trechos biográficos. Ainda sobre esses locais significantes, podemos destacar as praças, esquinas, prédios públicos, antigos e novos, além de bustos e memoriais.

Para compreender o que são locais significantes, usados por TUAN (2007), se faz necessário apontar brevemente a diferença entre espaço e lugar, e explicar a opção pelo conceito de lugar, no que tange o presente trabalho.

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. [...] Os espaços são demarcados e defendidos contra invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valores e onde são satisfeitas as necessidades, [...]. (TUAN: 2007, p.1)

Locais significantes, podem ser compreendidos como lugares, se entendemos esse termo em relação aos valores atribuídos a eles, seja pela própria pessoa, pelo poder público, por intelectuais, grupos específicos ou pelas histórias que são contadas através deles. Sendo assim, a escolha do termo lugar, se aprofunda e dialoga com a ideia de lugares de memória a partir de NORA (1993, p.13): “museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade”.

Em uma cidade nova, o viajante ou *flâneur* “como um caminhante entre a multidão” (SIMAN: 2013, p.51), certamente com objetivos diferentes, se colocam a observar a cidade. Enquanto o primeiro costumeiramente, se atém aos locais mais significantes, sejam eles turísticos, históricos ou outros, o segundo observa a cidade como um todo, em seus mínimos detalhes. Mesmo com finalidades diferentes, viajantes e caminhantes, por vezes têm posturas complementares, afinal o viajante não deixa de ser um caminhante e vice-versa. Ambos, ambos se deparam com diversos patrimônios ao longo do caminho.

Retomando o relato, a tarde do primeiro dia na cidade, passada as impressões iniciais dou uma rápida volta no Centro, onde se localizava a praça XV de Novembro, onde estão o Altar da Pátria Sãoborgense, o Mausoléu de Vargas, e nas proximidades da praça, ruas de

---

Goulart e Leonel Brizola, é parte da Rota Missioneira (cidades que fazem parte da Rota das Missões, isto é, dos antigos Sete Povos das Missões). Possui cerca de, sessenta mil habitantes de acordo com o último censo do IBGE, além de ser uma cidade que faz fronteira com a Argentina.

comércio, uma igreja Católica, o prédio da prefeitura. Como já estava tarde, comprei as coisas que precisava na farmácia e no mercado e voltei para o hotel.

No segundo dia, acordo cedo, tomo o café da manhã e me disponho a desbravar o local. Ando cerca de treze quilômetros até a entrada da cidade, para fotografar a placa na entrada “Bem Vindos a São Borja – Terra dos Presidentes e 1º dos 7 Povos das Missões”. No retorno, havia um monumento de 1982 em comemoração ao tricentenário de fundação histórica de São Borja, que fica em uma das praças logo no início da cidade. Sigo com minha lista de lugares a conhecer, na tentativa de aproveitar ao máximo o tempo. Aqui, fica claro a distinção apontada anteriormente, entre o viajante (que pode ser um caminhante) e o caminhante, o viajante em geral, sendo um visitante ou turista, quer e precisa conhecer o máximo de coisas da cidade em um curto espaço de tempo. Já o caminhante, podendo ser um local, ou mesmo que seja um turista, transmite a ideia de caminhar livre, mas não ingênuo sobre a cidade.

Nesse mesmo dia, após o almoço, fui conhecer um dos cemitérios locais, o “Jardim da Paz”, local onde estão o jazigos da família de Getúlio Vargas e também da família de João Goulart. Passei boa parte da tarde, caminhando e observando a dinâmica, os ornamentos, limpeza, cuidado ou a falta dele, bem como as pessoas que estavam ali representadas. Cemitérios apresentam enorme riqueza memorial e esbarram muitas vezes em uma visão limitada, que podem ou não ser visitados, somado a isso, as diversas visões religiosas que atribuem sentido ao local. “De todos os segmentos do patrimônio cultural, o funerário é o que se refere diretamente ao ciclo vital. Os mortos e as manifestações em torno da morte de um determinado grupo social, como legado, se constituem ou não que pode ser preservado”. (CASTRO: 2020, p.145)

Ao findar do segundo dia, uma segunda-feira, sentei em uma lancheria (nome comum no sul para lanchonetes), conversando com o atendente, pedi algumas informações, interagi com alguns locais. Em pouco tempo, descubro que alguns lugares não poderiam ser visitados, pois estavam fechados e era preciso marcar a visita com antecedência. Consegui visitar a Catedral de São Francisco de São Borja ou Igreja Matriz que se localiza nas proximidades da praça XV de Novembro.

O terceiro dia, reservado para visitar os museus principais da cidade o Museu Getúlio Vargas, Museu João Goulart e Capela da Conciliação ou Oratório de João Goulart<sup>14</sup> e ainda o

---

<sup>14</sup> João Belchior Marques Goulart nasceu em São Borja, foi presidente do Brasil entre os anos de 1961 a 1964, o museu acima citado, foi a casa da família do ex-presidente, tendo sido doada ao município, restaurada e aberta ao público. O espaço do museu apresenta fotografias e objetos pessoais de Jango, na área anexa à casa, encontra –

Museu Apparício Silva Rillo<sup>15</sup> e Biblioteca Municipal. No entanto, só consegui visitar o museu que foi a casa de Getúlio Vargas.

O museu de Getúlio Vargas foi um dos motivos principais que me levaram a essa cidade<sup>16</sup>. Quando cheguei o local ainda estava abrindo, um dos funcionários falou que eu poderia olhar o museu e depois faria a visita guiada. Percorri todo o espaço que apresenta de maneira linear, momentos da vida de Getúlio Vargas e da História do Brasil, através de painéis nas paredes, contendo alguns móveis originários da casa, objetos pessoais do ex-presidente, bem como, itens de propaganda das eleições de 1951, em um dos quartos dos filhos está um espaço simulando um túmulo, onde está a máscara funerária do mesmo.

Na visita guiada, informações sobre a vida de Getúlio antes de morar na casa e quando vai para o Rio de Janeiro, um vídeo explicando o espaço e a trajetória desde o nascimento até sua morte, passando pelas relações familiares e políticas. No museu há uma lojinha com objetos para colecionadores e um arquivo anexo ao espaço do museu, que também é espaço para pesquisas. Cabe mencionar que, além das informações sobre Vargas, o museu promove algumas exposições temáticas, com materiais confeccionados por artistas locais ou emprestados por moradores, numa perspectiva de ampliar as possibilidades de conhecimento do visitante.

Após sair dali, me dirigi para os outros museus citados anteriormente, porém não consegui visitá-los por completo, devido ao horário de funcionamento. Na sequência retorno à praça no centro da cidade onde está o Mausoléu de Getúlio Vargas, o monumento ao cidadão e ex-presidente, uma estátua e a carta-testamento dele. Um evocar de memória latente e observado em vários cantos da cidade.

Por último, mas não menos importante, visitei a fonte de São Pedro, seu entorno estava em reforma, mas consegui chegar bem próximo. A fonte tem um histórico interessante, que remonta o passado e as mudanças na cidade.

---

se o escritório do Instituto João Goulart, uma cafeteria e uma loja de produtos artesanais, nossa visita foi somente a parte anexa, como a visita foi no contexto da Pandemia, o funcionamento tinha horário reduzido, o que impossibilitou a visita ao espaço do museu. Quanto a capela, várias narrativas de locais, falam sobre a importância conciliatória do lugar, em que pessoas entram discutindo e saem de mãos dadas ou com as questões resolvidas.

<sup>15</sup> O museu, juntamente com a biblioteca estava fechado para visitação na época da viagem. Em seu acervo, há um arquivo e uma ampla coleção de estátuas e peças religiosas, do contexto das missões jesuítas. Recebeu esse nome em homenagem a esse personagem importante da História local que era poeta, compositor e historiador dedicado à história do município de São Borja.

<sup>16</sup> Desde a adolescência a Era Vargas é um período da História do Brasil que sempre me interessou, durante a graduação foi o período que pesquisei e pretendo retomar um dia. Com relação a cidade de São Borja, sempre tive interesse em conhecer, pela ligação com o personagem Vargas, bem como, por fazer parte da Rota das Missões. Assim, quando tive a oportunidade, fui conhecer, foram poucos dias na cidade, mas o suficiente para observar o que me levou até o local.

A Fonte de São Pedro possui um valor histórico e patrimonial inestimáveis, foi a primeira cacimba comunitária e suas águas inesgotável serviram como abastecimento para a redução de São Francisco de Borja e após o período dos Sete Povos foi paradoro, abastecimento e descanso para tropeiros e animais que passaram por esta região durante toda a nossa história até os dias de hoje. (Portal das Missões).<sup>17</sup>

Esse breve descrição de relato da visita a uma cidade, indica questões que podem ser interessantes para a reflexão sobre a cidade e seus lugares. O que tem em comum Serra e São Borja? O que têm de diferente? Ambas valorizam seus aspectos históricos? Toda vez que, me encontro em outros lugares, faço o exercício de comparar e refletir sobre a minha cidade. É no contato com outros lugares que conhecemos melhor o nosso. “Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos, também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência”. (TUAN, 2007, p.3)

Após apresentar outra cidade, o que tem no caminho da minha cidade? Parafraseando Carlos Drummond de Andrade<sup>18</sup>, no meio do caminho tinha lugares, tinha lugares no meio do caminho, lugares esses que não são obstáculos, mas partes importantes na cidade.

## 1 O caminhar pela cidade: espaços e lugares no bairro Centro da Serra

Serra, Município onde a natureza,  
Em formas infinitas todo dia,  
Mostra encanto em inebriante beleza,  
Formando terra de intensa magia.

Nesta terra a sua melhor riqueza  
É seu povo trabalhador, que cria  
Esperança de uma grande certeza  
De que aqui só haverá Paz e Alegria.

Serra do Mestre Álvaro tão imponente,  
Do seu povo amigo, nobre e valente,  
Agora se expande em tecnologia.

Serra, dos Congos de São Benedito,

<sup>17</sup> A informação foi extraída do site < <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1447/fonte-de-sao-pedro.html> > acessado em março de 2021.

<sup>18</sup> O poema em questão, é “No meio do caminho” do escritor, publicado em 1928, na Revista de Antropofagia. Quando pensei no trabalho como uma espécie de caminho a ser percorrido (caminhar pela cidade, as aulas de História e a retomada do caminho nas aulas), esse poema estava em minhas reflexões.

Do Queimado, de um povo nobre, bonito,  
A quem presto homenagem em poesia.  
*Clério Borges*

É preciso voltar no tempo, trazer a memória, procurar nos documentos e divulgar o que hoje, poucos sabem. Essa Serra da poesia, em partes esquecida, deu lugar a uma grande cidade, parte da região metropolitana, entre o mar e o Mestre Álvaro<sup>19</sup>, mas que ainda conserva ares de pequena cidade com sonhos e realizações de seu povo e através de sua cultura, sendo representada por vezes projetada ainda como a cidade do futuro. A poesia apresenta, ainda, uma cidade amplamente cultural, que tem o Congo como sua forte expressão, marcas do canto e de religiosidade, bem como da história de luta pela liberdade dos negros de Queimado. A Serra que caminhamos hoje é a mesma da poesia de 2008? Será que a Serra da poesia foi (ou é) assim, para todos os moradores da cidade?

Falamos brevemente do bairro Serra Centro e seus lugares na introdução e aprofundaremos informações sobre o mesmo nas páginas a seguir, mas antes, é preciso apresentar a Serra, município do estado do Espírito Santo, localizado na região sudeste do país, e em uma posição estratégica, faz parte da Região Metropolitana de Vitória, centro econômico, administrativo e industrial capixaba.

---

<sup>19</sup> O monte Mestre Álvaro é considerado uma das maiores elevações litorâneas da costa brasileira, área remanescente de Mata Atlântica no estado do Espírito Santo. Sua localização é o município da Serra, entretanto, é possível observá-lo de vários pontos em toda a Região Metropolitana da Grande Vitória.

Figura 1 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Vitória



Fonte: Retirado site < <https://www.brasil-turismo.com/espírito-santo/mapas/grande-vitoria.htm> > acesso em maio de 2020.

A Serra tem seu processo inicial de colonização no ano 1556, quando o Espírito Santo ainda era capitania de Vasco Fernandes Coutinho, com a fundação de uma aldeia próxima ao morro Mestre Álvaro. Tem como seus principais fundadores Maracajaguaçu,<sup>20</sup> chefe dos índios Temiminós e o padre jesuíta Braz Lourenço<sup>21</sup> que fundaram a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição da Serra, hoje Serra.

Os dados oficiais da história do município dão conta de que o Padre jesuíta Lourenço Brás aqui chegou em 1556 e deu à cidade o nome de Nossa Senhora da Conceição da Serra. Omitem dia e mês.

Como os antigos descobridores sempre batizavam os lugares e os acidentes geográficos, vistos pela primeira vez, com o nome do dia, a dedução é de que o

<sup>20</sup> BORGES, 2008, p.39, 40, 41, 49 à 53.

<sup>21</sup> Para maior aprofundamento sobre Braz Lourenço, conferir BORGES, (2008, p.61).

fundador, chegou aqui em 8 de dezembro, dia consagrado à Santa da Conceição. (MIRANDA, 1984, p. 15)<sup>22</sup>

O historiador e memorialista Clério Borges, em seu livro sobre a História da Serra, traz informações complementares, sobre a localização do primeiro povoado e que anos mais tarde, passou a se localizar onde hoje é a sede do município. No mesmo período, também foram criadas outras aldeias, tais como: Carapina, Nova Almeida, Calogi e Queimado, estas, se tornariam mais tarde, distritos do município.

A localização primitiva da aldeia e do primeiro povoado, ocorre entre os atuais bairros de Cascata e Garanhuns, (palavra que quer dizer homem do campo), no sopé (base) da montanha e o rio Santa Maria da Vitória.

Em 1564, oito anos mais tarde, devido a uma epidemia de Bexigas (Varíola\*), a região é abandonada e há uma mudança para o outro lado do Morro da Serra, no local onde atualmente está o Centro da Cidade. Na imaginação popular o Morro seria uma barreira natural com a terrível doença de Bexigas, a varíola. (BORGES, 2008, p. 15).

Foi escolhido um novo local devido a propagação da doença contagiosa e de acordo com levantamento histórico, a escolha do novo local, deu-se pelos clérigos Diogo Jácome e Pedro Gonçalves em junho de 1564. A aldeia anterior, localizava-se mais próximo do rio Santa Maria. A mudança ocorreu para o lado do morro onde hoje está localizada a Sede do município.

Em termos administrativos, o povoado passou a ser conhecido como “Nossa Senhora da Conceição da Serra”, nome que já era utilizado do outro lado do morro conhecido como Mestre Álvaro, imponente na paisagem do município. No ano de 1752, no dia 24 de maio, por através de uma carta-régia, foi elevada à categoria de freguesia<sup>23</sup>. Porém só foi instalada anos mais tarde em 1759, e a Freguesia de Conceição da Serra, foi elevada a vila em 1822.

A Serra deixa de ser vila e se torna cidade, na data de seis de novembro do ano de 1875, “o deputado Major Pissarra foi o autor da Lei que transformou a Vila da Serra em cidade, seno a mesma de nº 6, de 6 de novembro de 1875, assinada pelo então presidente da Província do Espírito Santo, Domingos Monteiro Peixoto” de acordo com Borges, (2008, p. 29).

Em 1800, o antigo povoado tem impulso econômico, com a plantação de cana de açúcar, a princípio com a finalidade de exportação e posteriormente para a indústria de

<sup>22</sup> Há uma divergência sobre a grafia correta do nome do jesuíta e esclarecida por BORGES, (2008, p. 70/71), se era Braz Lourenço ou Lourenço Braz, o nome do jesuíta fundador da Serra e se a grafia era com “s” ou com “z”, em contraposição ao que é citado na obra de Naly Miranda.

<sup>23</sup> BORGES, 2008, p. 29.

aguardente. As plantações de café têm início no ano de 1840, assim tanto a cana quanto o café, tornam-se fontes de muitos recursos para a vila da Serra.

Após 1925, a economia do município passa por uma séria crise, sendo agravada em 1929, com a crise ocorrida nos Estados Unidos e que gerou consequências mundiais e afetou a produção de café no Brasil e inclusive na Serra. Houve a destruição de várias plantações por recomendação do governo federal. Tal recomendação afetou seriamente a economia serrana, uma vez que, era dependente dos lucros oriundos do café.

Nos anos de 1960, a cidade passa por várias mudanças, passando da sua quase totalidade rural para principal polo industrial do Espírito Santo, abrigando inúmeras indústrias no CIVIT (Centro Industrial de Vitória), criado pelo governo capixaba, mas que se localiza na Serra.

São inaugurados os Portos Internacionais como Tubarão e Praia Mole. Em novembro de 1983 tem início o funcionamento da CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão), atualmente conhecida por *Arcelor Mital*, que se transformou em uma das principais siderúrgicas nacionais e da América Latina, que cada vez se expande mais.

O desenvolvimento comercial no município passa por um grande crescimento nos primeiros anos do século XXI. O primeiro shopping da cidade, foi inaugurado em 2002, e com a abertura de novas indústrias e especulação imobiliária com a chegada de empresas construtoras de condomínios fechados, a cidade passa por um processo de verticalização de moradias.

A partir de 2007, diversos empreendimentos imobiliários instalaram-se no município, principalmente na construção de condomínios residenciais fechados de casas e de prédios residenciais e shoppings contribuindo para especulação imobiliária regional. Surgem empreendimentos modernos, com desenhos ousados, voltados para famílias de classe média e num município que começa a se verticalizar. (BORGES, 2008, p. 21)

Nesse contexto, muitas casas e o próprio bairro que é a sede do município passam por transformações, principalmente com a abertura de vários pontos comerciais no andar térreo das residências, sinalização turística, concomitantemente uma intensa vontade de manter os prédios administrativos e do judiciário no local, ao invés de transferi-los para o bairro Parque Residencial de Laranjeiras<sup>24</sup>, bairro que se tornou o metro quadrado mais caro do município,

---

<sup>24</sup> O bairro Parque Residencial Laranjeiras, foi “um conjunto habitacional criado na década de 1970”(BORGES, 2008, p.176-7), um bairro planejado, diferente da maioria dos bairros existentes no município nessa época. Com o passar dos anos, sobretudo de 2010 em diante, se tornou uma área altamente valorizada, pela proximidade com a capital em detrimento da sede do município e pelos condomínios fechados inaugurados em seu entorno, bem como a abertura de vários pontos de comércio, sobretudo com a vinda de grandes redes de comércio varejista e

bem como sua principal área de comércio. Esse processo, comum em várias cidades do mundo, recebe o nome de gentrificação, Paes (2017, p.669), sintetizado como um processo de revitalização ou enobrecimento, a partir de estratégias políticas e econômicas de renovação de espaço urbano.

Assim, era preciso valorizar o centro do município, para além de não perder moradores antigos, atrair novos, e manter o fluxo de pessoas, que procuram os serviços administrativos, tais como as secretarias, a própria Prefeitura e a Câmara de Vereadores. Esse processo ocorre juntamente com a revitalização de espaços, como as praças públicas, algumas inclusive com bustos e estátuas de personagens relevantes para a história local. Mesmo que de maneira tardia podemos compreender a ação a partir do que Huyssen (2000, p.14) chama de “restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais, a onda da nova arquitetura de museus”. Ou ainda, a questão de revitalizar para atribuir valor, não somente para moradores, mas principalmente, para trazer turistas, remodelando espaços, construindo prédios com arquitetura moderna, alterações no trânsito, aumento da largura das ruas e avenidas devido a um maior fluxo de carros e pessoas. Conforme aponta, Rufino (2008, p.155)

Não se preserva para evitar o desaparecimento, mas para conferir valor ao local, não pela ação das novas edificações, e sim, pelo novo agenciamento, por vezes cenográfico, das antigas – e por isso pode incluir adições, remodelações, assim como novos usos, eventos, práticas de consumo.

São essas questões, que se apresentam como pano de fundo ao caminhar pelas ruas do bairro Serra Centro. Compreendo o conceito do que é um centro histórico de uma localidade como “[...] as áreas urbanas que circunscrevem os núcleos antigos e/ou originais das cidades. Os centros históricos são assim chamados por serem considerados localidades importantes e indispensáveis para a compreensão da história da cidade” (LEITE: 2020, p.51). É possível observar diversos lugares, nessa chave e elencamos três deles como principais nesse trabalho: o Museu Histórico da Serra, a Casa do Congo e a estátua de Chico Prego dos quais falaremos a seguir.

---

também do comércio de rua. Cada vez que assume um novo governo municipal, há essa proposta de trazer alguns prédios administrativos para a região. Entretanto, acredita-se que com a inauguração do novo prédio da Prefeitura, a reforma de outros espaços e a construção de um prédio novo para as secretarias do município essa proposta tenha sido adormecida.

## 1.2 De casarão a Museu Histórico da Serra

O casarão que hoje abriga o Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” passou por algumas modificações ao longo de sua história. Hoje seu espaço contempla três ambientes, relacionados com a História e memória do município da Serra, são eles: o Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” no pavimento superior, e no pavimento inferior a Casa do Congo e a Biblioteca Municipal “Belmiro Geraldo Castello”.

Antes de se tornar museu, no local havia um casarão da família Castello, que foi construído no ano de 1862, devido ao casamento do Capitão Castello.

A construção é um típico sobrado de origem portuguesa do século XIX que após as obras de reforma da Prefeitura, foi restaurado para abrigar o primeiro museu público da cidade e a Biblioteca Municipal. O sobrado foi construído no ano de 1862 pelo capitão João Cardoso Castello (1839-1886), por ocasião de seu matrimônio com Thereza da Conceição Rodrigues Castello (1849-1905). O casal teve sete filhos, nascidos no andar superior da casa. O capitão foi comandante da Guarda Nacional da então Província do Espírito Santo e comerciante da Vila da Serra, cujo estabelecimento estava situado no térreo da edificação, como era comum na época. (BORGES, 2008, p. 250).

Na época de sua construção, segundo consta na documentação disponível no museu, foi utilizado o que havia de mais moderno na época.

Essa coerência com sua época poderia ser um indicativo de que o Capitão Castello, trouxe para Serra Sede, engenheiros ou arquitetos com concepções do que havia de mais contemporâneo nas metrópoles das Américas e da Europa. Entretanto os elementos que vemos, segundo informações ainda não documentadas, foram acrescentadas posteriormente a data de edificação.

“O casarão (museu) foi reconstruído em seu aspecto original, respeitando na medida do possível tanto suas características externas, quanto o seu interior, com o mobiliário, as peças decorativas e os utensílios, recriando o ambiente temático de uma residência urbana durante o período da transição do século XIV para o XX.” (MHS, 2008, p. ?)

Figura 2 - Foto frontal da casa de Manoel Cardoso Castello



Fonte: (Não Identificado) C.1940 Acervo IPHAN/DID/Arquivo Noronha Santos.

Tendo passado por várias reformas, que o modificaram do ponto de vista arquitetônico, o casarão não foi tombado como patrimônio nas esferas federal e estadual. De acordo com o dossiê, o local foi reformado por uns dos netos do capitão Castello, Rômulo Castello, no ano de 1947, que construiu uma escada de concreto, dando acesso a parte superior do casarão, construiu também uma nova ala, na parte térrea para servir como garagem.

Dentre as modificações, podemos observar a mudança nas janelas e sacadas do casarão “que tinha um guarda-corpo de ferro batido que foi retirado e em substituição foram construídas umas pequenas varandas com balaústre. Trocou o telhado que era de duas águas, com um pequeno beiral para a rua de telhas de Marselha”. (MHS, 2008, p.8). Sobre as alterações no telhado, além da troca por outro modelo, embutido foram usadas telhas do tipo francesas e calhas em toda a sua dimensão. Conforme podemos observar na fotografia abaixo:

Figura 3 - Foto fontral do Museu Histórico da Serra e Casa do Congo em 2021



Fonte: Acervo Pessoal. JAN/2020.

Sobre o Museu da Serra especificamente, existe pouco material disponível, o que tivemos acesso foi produzido, por uma funcionária na época da abertura do museu<sup>25</sup> e a maior parte das informações está disponível no próprio museu, em sites<sup>26</sup> e no livro memória fotográfica da Serra<sup>27</sup>, porém são relacionadas ao casarão (que hoje compreende o Museu, a Casa do Congo e a Biblioteca Municipal).

Comprendemos museu, a partir da legislação, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, como:

<sup>25</sup> A descoberta e disponibilização desse documento, foi feita em uma conversa informal com a funcionária do museu, onde elaborei algumas perguntas previamente, que ao meu ver seriam necessárias, para uma espécie de diagnóstico do local. Na ocasião, me apresentei como aluna do ProfHistória, expliquei a proposta do trabalho. De acordo com ela, o material é fruto de algumas pesquisas feitas com a documentação disponível anteriormente, por outra funcionária da gestão anterior. Entretanto, ela não se lembrava o nome. Até a data que fomos ao museu pela última vez, 07/01/2020, não havia registro do documento, somente a capa escrito “Museu Histórico da Serra”, e sua data de produção, que foi 2008, ano seguinte a abertura do mesmo. Na verdade a funcionária atual já me conhecia, visto que, já fiz várias visitas ao Museu além de propor a visita aos alunos, nos últimos três anos.

<sup>26</sup> As informações encontradas na internet, em sites, e no próprio museu, sobre o casarão, foram citadas no decorrer do capítulo. O museu possui uma página no *Facebook*, onde há divulgação das atividades feitas, entretanto, a página está bastante desatualizada.

<sup>27</sup> BARROS, Paulo de. Memória Fotográfica da Serra: imagens de um município brasileiro. Vitória, Ed. do autor, 2002.

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm) >. Acesso em: 20. Nov de 2019.)

Essa noção de museu dialoga diretamente com a definição de Mario Chagas, (2010, p.49), para quem “o museu pode ser compreendido como instituição cultural e tecnologia social capaz de ressignificar a herança cultural e colocar em evidência ou mesmo confronto narrativas, discursos e interpretações distintas.”

O museu histórico da Serra, atualmente localizado no centro do município da Serra, no Espírito Santo, tem origem na residência de uma das famílias mais poderosas da cidade, portanto pode ser compreendido no âmbito conceitual do que chamamos de casa-museu, “é um tipo de museu instalado num imóvel que anteriormente teve como função principal a de residência” (OLIVEIRA e ROCCA, 2018, p. 125).

Em consequência dessa natureza, a noção de “casa-museu” carrega a tarefa de conjugar as relações entre arquitetura, acervo e proprietário, oferecendo importante narrativa para compreender a realidade que se pretende visitar. Mas, afinal, o que faz uma casa sair da esfera privada – da qual é provavelmente o maior símbolo – e entrar na esfera pública, abrindo suas portas à visitação? Chagas salienta que as casas-museu portam dimensões poéticas, filosóficas e políticas próprias: passando por um processo de ressignificação, transformam-se num espaço de “teatralização do passado” e “dramaturgia da memória”.

O MHS foi criado pela Prefeitura Municipal da Serra, tendo como principais motivações, homenagear cidadãos que contribuíram para a História da cidade, bem como contar a História do município e preservar o casarão. Foi inaugurado no bairro Serra Centro, ano de 2007<sup>28</sup>, a partir de incentivos municipais da Lei Chico Prego<sup>29</sup>, em 31 de agosto, data

---

<sup>28</sup> É importante pontuar que, tenho uma relação próxima com esse museu. O mesmo foi inaugurado no ano que entrei no curso de Licenciatura em História, e utilizava a biblioteca para estudar. Além disso, vi suas primeiras exposições nas várias visitas que fiz, sou moradora de um bairro próximo onde se localiza o museu. E acredito que estou trabalhando com esse museu, percebendo as transformações pelas quais a instituição passou que por vezes coincidem com mudanças na minha própria formação e ação docente.

Quando passei no concurso da Rede Estadual do Espírito Santo, me mudei para um município da região norte do estado, passando dois anos por lá, e no retorno, consegui transferir minha cadeira (matrícula como chamam no Rio) para a escola que atualmente trabalho e fica próxima ao museu. A partir desse momento fiz novas visitas, já como docente, percebendo alterações na proposta do museu, bem como nas percepções e propostas de atividades que eu tinha com o a ida ao museu. Desde 2017, anualmente, levo minhas turmas de sexto e primeiros anos. E após entrar no Profhistória, sobretudo com a disciplina de Educação Patrimonial, alcancei reflexões e leituras que não tinha antes. Chegamos a 2020, ambos com novas propostas, eu, enquanto docente, na perspectiva de colocar em prática o projeto para o Mestrado e o museu, com nova organização e novos objetivos.

<sup>29</sup> A lei do ano de 1996, nº028/95, consiste na concessão de incentivo fiscal para a realização de Projetos Culturais nas áreas de música, dança, teatro, literatura, cinema, vídeo, artes plásticas, folclore, Ciências Sociais,

em que se comemora o aniversário de uma das suas antigas moradoras Judith Leão Castello Ribeiro no bairro Serra Centro.<sup>30</sup> Sua inauguração coincide com o contexto da primeira “Primavera dos Museus”<sup>31</sup> no Brasil promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus, o IBRAM.

O local foi escolhido para sediar o museu, devido a doação do espaço pela família Castello à Prefeitura, e por ser um dos maiores espaços disponíveis no município, além de conter objetos e memória da relevante família da localidade.

Este casarão foi cedido pela família do Sr. João Luiz Castello Lopes Ribeiro (filho Maria Leão Castello e Darcy Rodrigues Lopes Ribeiro, irmão de Talma Rodrigues, esposo de Judith Leão Castello Ribeiro) vinha funcionando como espaço administrativo da Secretaria de Turismo, cultura, Esporte e Lazer da PMS e como Biblioteca Municipal “Belmiro Geraldo Castello”. (MHS, 2008, p.?)

O museu tem como proposta inicial, divulgar a história da Serra, através de suas exposições permanentes, que contêm, parte do mobiliário e objetos da família Leão Castello<sup>32</sup>, (estes serão descritos a seguir, no subtítulo “os objetos no museu”) e os quadros do pintor Walter Assis<sup>33</sup> sobre “Queimado”, além exposições periódicas de artistas locais, escolas, bem como materiais de arqueologia expostos, no caso da prospecção feita em Queimado para restauro do Sítio Histórico atual.<sup>34</sup> No documento produzido pelo museu, a própria instituição se define e aponta para sua finalidade,

---

museus, associações culturais, etc. Sendo beneficiada pessoa física ou jurídica domiciliada no município, no mínimo há dois anos (emenda de 2015). A legislação foi reformulada no ano de 1999 (Anexos). Tornou-se inativa no ano de 2016, retornando alguns anos depois. A justificativa para o nome da legislação é homenagear Chico Prego, personagem importante na história local.

<sup>30</sup> Para efeito de correspondências, o bairro se chama Serra Centro, mas é comum ser chamado de Serra Sede por moradores e em livros e jornais. O bairro concentra os principais prédios administrativos, políticos e de justiça, tais como: a Prefeitura Municipal da Serra, e suas secretarias; A Câmara de Vereadores e o Fórum Municipal, o que atrai muitas pessoas diariamente. De acordo com Borges (2008, p.180), “Possui 181 quilômetros quadrados, [...]. É o bairro mais antigo da Serra, tendo sido fundado em 1564, devido a mudança de local de colonização devido a epidemia de bexigas.”

<sup>31</sup> A Primavera dos museus é uma temporada cultural tutelada pelo Ibram que acontece todo ano no início dessa estação. A cada ano instituto organiza um evento com temática diferente para as atividades dos museus, tendo como principais objetivos a divulgação, promoção e valorização dos museus do país.

<sup>32</sup> É importante mencionar que, nesse museu, na época de seu surgimento, a história da localidade é contada a partir de objetos pessoais de uma família com grande influência política e econômica na cidade.

<sup>33</sup> Walter Francisco Assis, mais conhecido como “Assis”, nascido em (18) dezoito de (1931) novembro de mil novecentos e trinta em Putiri, zona rural do município e um e falecido em (07) sete de outubro de (2017) dois mil e dezessete. Foi ocupante da cadeira nº 8 da Academia de Letras e Artes da Serra – ALEAS e seus quadros retratam momentos e paisagens da história da Serra. Walter Francisco de Assis é foi pintor, autodidata, recebeu título de Notório Saber, também foi membro do Conselho Municipal de Cultura da Serra Sendo um dos nomes mais destacados de Artes Plásticas no município e no Espírito Santo. Suas obras abordam momentos relevantes da história local, inclusive os quadros que estão no museu, tais como: Enforcamento do negro escravo Chico Prego; Insurreição dos Negros de Queimado e detalhes da Serra Sede no período colonial e dos escravizados. (BORGES, 2008, p.248)

<sup>34</sup> As ruínas da Igreja de São José do Queimado, hoje Sítio Histórico de Queimado, que é um sítio arqueológico cadastrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi o local onde teve início a Insurreição pela liberdade por parte dos escravizados da localidade em 1849. O lugar passou por obras de

O Museu Histórico da Serra é uma instituição pública de caráter cultural permanente, que tem como finalidade preservar, ampliar e divulgar a memória do município, através dos seus agentes históricos de consolidação das identidades, da vida social, cultural, política e econômica do município da Serra. (MHS, 2008, p.?)

O museu pretende alcançar sua proposta de mostrar a História do Município, trazendo a comunidade para o instituição, divulgando a cultura local, expondo trabalhos de escolas e de moradores, organizando eventos, tais como: palestras, exposições, minicursos e apresentações de acervos. Atualmente, a instituição, passa por um período de transição, modificando sua principal característica de museu-casa (museus que originalmente tinha como função ser uma residência), para propriamente um museu histórico, contribuindo assim, para alcançar sua proposta inicial de contar a História da Serra.

A curadoria do museu e todas as propostas educativas em práticas hoje, são fruto do trabalho da funcionária responsável Gilcelia Svensson, que tem formação em História.<sup>35</sup> O museu tem como principal proposta educativa, as visitas guiadas (que serão detalhadas no segundo capítulo), principalmente de escolas do município, públicas das redes municipal e estadual e particulares.

Recentemente, o museu tem aberto suas portas para atividades de formação e sensibilização de professores da Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal da Serra, através da Universidade Federal do Espírito Santo<sup>36</sup>.

Em termos de ampliação, o museu pretende oferecer oficinas, fazer outros eventos, mas há a problemática do espaço. Nesse contexto de transição, uma das ideias é ampliar o espaço onde hoje fica o museu, utilizando também o espaço da atual biblioteca. O museu conta com rampa de acesso, e passará por uma climatização em breve. A média de visitação do ano de 2019 foi de aproximadamente 4800 (quatro mil e oitocentas)<sup>37</sup> pessoas.

Na época em que foi feita a pesquisa o museu contava com duas funcionárias, mas somente uma fazia as visitas guiadas. O museu estava sem monitores e estagiários. De acordo

---

revitalização, a partir de uma parceria entre a Prefeitura Municipal da Serra, Sindicato do Comércio Atacadista e Distribuidor do Espírito Santo (Sincades) e Secretaria estadual de Cultura do Espírito Santo. Durante o período das melhorias, foi feita investigação arqueológica no local.

<sup>35</sup> É importante mencionar que os funcionários que trabalham no Museu, são cargos comissionados. Sendo assim, a cada eleição que se troca de prefeito, há trocas nas indicações dos funcionários, visto que, estão relacionados a uma secretaria específica. A funcionária mencionada no trabalho, trabalhou por oito anos, acompanhando muitas mudanças e reformas no ambiente, bem como nos objetivos do museu, além de ser a responsável pelas visitas guiadas e demais atividades educativas.

<sup>36</sup> A formação continuada ocorreu no formato de oficina através de visitas e palestras para conhecer o acervo do museu e da casa do Congo e o que poderia ser trabalhado a partir dessas visitas, depois as ideias que os professores participantes tinham eram discutidas. A intenção principal era que os profissionais que participaram da formação fossem agentes multiplicadores da cultura local, em suas escolas, através de atividades com os estudantes com os quais trabalhavam.

<sup>37</sup> Levando em conta que a cidade possui mais de 500.000 habitantes e mais de 120 escolas, englobando, as redes públicas municipal, estadual e federal e as escolas particulares, o número de visitantes é baixíssimo.

com uma das funcionárias responsáveis, G. S. (2019) “Hoje o museu ainda conta pouco sobre a história da Serra, mas após esse período de transição, acreditamos que teremos mais espaço, e poderemos alcançar nossos objetivos”.

### 1.2.1 As personagens no Museu

Entre as personagens apresentadas, procurei destacar alguns que conheci ao longo da vida estudantil e nas visitas ao museu, e que se tornaram parte integrante de algumas de minhas aulas.

Uma das personagens é Judith Leão Castello Ribeiro, homenageada no atual nome do museu, mulher, capixaba e cidadã serrana que teve recentemente sua trajetória revisitada em um memorial no ano de 2019, exposto na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, em um espaço reservado a capixabas que tiveram seu nome gravado na história do estado. Este memorial é composto de documentos, uma estátua e fotos do acervo pessoal do filho de Judith, que colaborou na criação do mesmo.

Atualmente, o busto de Judith está no museu, aguardando a doação ou compra por algum espaço do município. Além de ter sido de grande relevância para a Serra, a mesma nasceu na cidade, em 31 de agosto de 1898, filha de João Dalmácio Castello e de Maria Grata Leão Castello, neta paterna do Capitão João Cardozo Castello, construtor e primeiro dono, da casa, onde hoje se localiza o museu, e de Thereza Rodrigues da Conceição Castello.

Sua carreira inicial, foi como professora e cursou a escola primária no município da Serra, e em seguida prestou exame de admissão para o Colégio do Carmo, em Vitória, onde obteve seu diploma no Curso Normal. Formou-se ainda jovem e lecionou no Ginásio São Vicente de Paulo, em Vitória, onde estudaram várias figuras proeminentes do cenário nacional, dentre elas, seus alunos, o ex-senador João Calmon e o jurista capixaba Clóvis Ramallete, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal. No São Vicente, durante quarenta anos ministrou cursos em diversas áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Pedagogia, Psicologia, Geografia, Didática, entre outras.

Em 1930, foi convidada a lecionar na Escola Normal Pedro II, em Vitória, onde tornou-se professora de "Ciências Pedagógicas", em 1932. Permaneceu durante vários anos e aposentou-se em 1963. Ministrou, também, aulas de Psicologia, Metodologia e Prática de Ensino, Educação Moral e Cívica, Economia e Ensino Rural.

Na Escola Normal Pedro II, visando, entre outras coisas, a estimular o aprimoramento cultural de seus alunos, fundou o "Museu Pedagógico" (entre 1930 e 1946, na Escola Normal Pedro II), além de dar início à publicação da "Folha Escolar", jornal de circulação interna das classes primárias, na Escola Normal Pedro II (1930-1946).

Figura 4 - Foto da penteadeira de Judith Leão Castello Ribeiro



Fonte: SANTOS, JUNIA H. F. No MHS . Acervo Pessoal. NOV/2019.

Em 13 de fevereiro de 1932, prestou um concurso estadual, realizado em sessão pública, no auditório do Grupo Escolar Gomes Cardim, em Vitória, onde a professora Judith apresentou, diante da plateia repleta, a tese intitulada "A Educação e o Ensino Interessante". Foi classificada em primeiro lugar pela banca examinadora, composta pelo Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, Dr. Arnulfo Matos e pelo Professor Bodart Júnior, da Escola Superior de Pedagogia de Belo

Em 1933, iniciou sua vida política, apoiou o movimento revolucionário constitucionalista de São Paulo e no ano seguinte, candidatou-se ao cargo de Deputada

Estadual, como candidata avulsa, isto é, sem legenda partidária, conforme a legislação vigente. Tal atitude se justificava pelo fato de discordar da então política estadual em vigor, à época sob orientação da Interventoria de João Punaro Bley.

Já em 1938, numa ocasião em que esteve no Rio de Janeiro, conheceu Talma Rodrigues Ribeiro (que foi Prefeito da Serra, de 1945 a 1946), então funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC), de quem fica noiva alguns meses mais tarde. E casou-se em seguida. Seu esposo foi um grande incentivador de sua carreira política. Não tiveram filhos, mas participaram ativamente da formação dos sobrinhos.

Foi a primeira mulher a se eleger como Deputada Estadual no Espírito Santo, eleita em 1947. Assumiu o mandato na Assembleia Legislativa, pelo Partido Social Democrático (PSD), tendo sido eleita em outras quatro eleições. Como parlamentar, sua principal causa era em benefício dos professores, foi presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, além de apresentar vários projetos ligados à área.

Judith participou de várias instituições, dentre elas a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, da qual foi membro da Comissão Zeladora da Igreja. Além disso, por dezoito anos, foi concomitantemente, primeira-secretária e membro-fundadora do Hospital Santa Rita de Cássia<sup>38</sup>, nome escolhido por sua sugestão. Pertenceu, também, à Associação das Filhas de Maria Imaculada do Colégio do Carmo no centro da cidade de Vitória.

Fez parte da comissão pró-construção da Colônia Pedro Fontes (para tratamento de portadores de hanseníase), em Itanhenga, no município de Cariacica, cidade vizinha da Serra, além de ter sido membro da Campanha da Bondade, foi promotora de eventos em prol de, arrecadar recursos financeiros para a construção do Preventório Alzira Bley, em Itanhenga, para proteção dos filhos de pessoas com hanseníase. Bem como, da Comissão pró-Obras da Catedral Metropolitana de Vitória, tendo sido indicada pelo Bispo D. Luiz Scortegagna e pelo Conselho Episcopal.

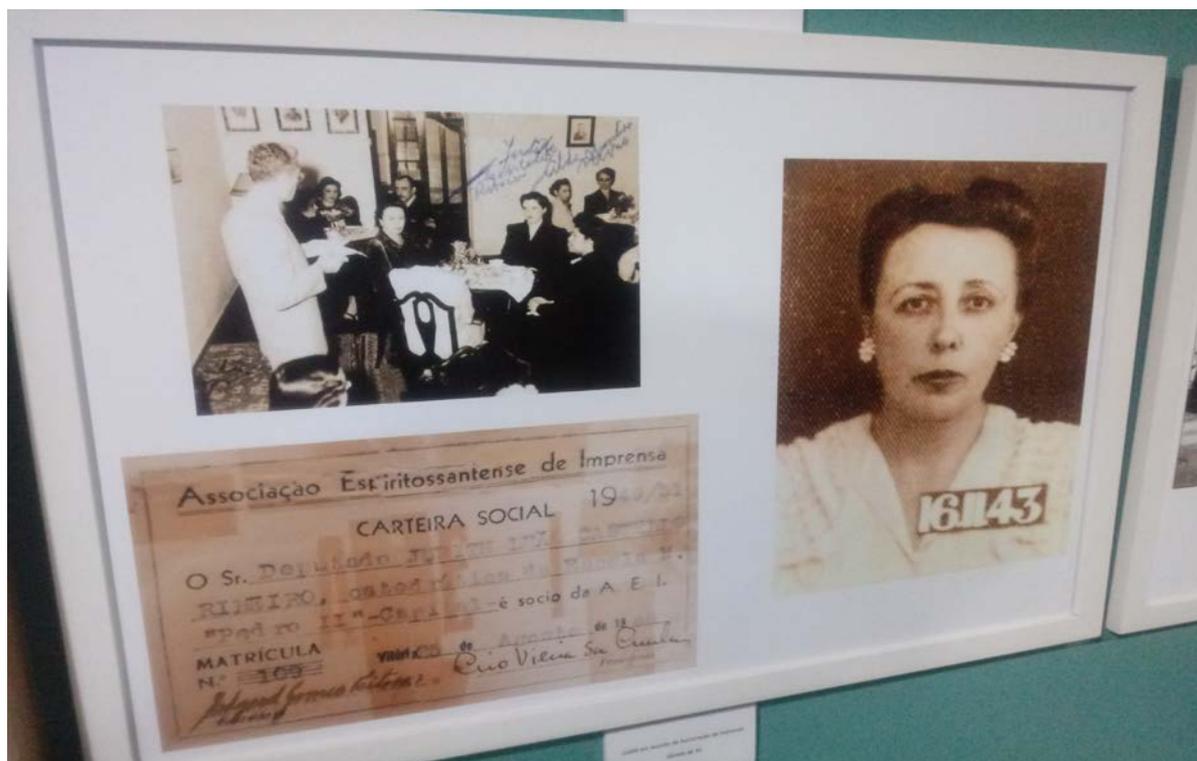
Aposentou-se na escola onde começou a lecionar, e ascendeu a Academia Espírito-santense de Letras Feminina.

Judith ficou gravemente doente, na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido operada no Hospital Beneficência Portuguesa. Retornou a Vitória, entretanto a doença se agrava, e após as festas de fim de ano de 1981, das quais participou. Retornou ao Hospital no Rio de Janeiro, onde faleceu no dia 23 de março de 1982.

---

<sup>38</sup> O hospital é localizado na cidade de Vitória, até hoje referência em tratamento de câncer no Espírito Santo.

Figura 5 - Foto do Memorial da Assembleia Legislativa do Espírito Santo



Fonte: SANTOS, JUNIA H. F. Acervo Pessoal. NOV/2019.

Outra personagem também apresentado no museu é Romulo Leão Castello, irmão de Judith Castello, líder político no município da Serra, onde foi prefeito eleito entre 1947 e 1951. Sua biografia ainda está por ser escrita, mesmo tendo sido personagem relevante na história do município.

No dia 7 de maio de 1900, na cidade da Serra, João Dalmácio Castello, feliz com o nascimento do filho que se chamaria Rômulo, plantou as primeiras sementes de flamboyant que a Serra viu, defronte do sobrado onde residia. Registrando o acontecimento na terra natal. (RIBEIRO, 2014, p.41)

Filho de João Dalmácio Castello e Maria Grata Leão Castello, Rômulo nasceu na Serra, dedicou boa parte de sua vida à política e ao desenvolvimento da cidade. Entre suas principais ações como político local, temos a construção de diversos prédios e praças públicas, a abertura de vias na cidade da Serra, bem como, a instalação de luz elétrica. Ele também reformou o casarão onde hoje é o museu, por volta de 1947, “quando foi prefeito da Serra de 1947 a 1951” (M.H.S, 2008, p.4).

Figura 6 - Foto do quadro no quarto de Rômulo Castello no MHS



Fonte: SANTOS, J. H. F. Acervo Pessoal. MAR/2022.

A terceira personagem incorporada ao museu é Francisco de São José, mais conhecido como Chico Prego. De acordo com Borges (2008, p.139), “O Chico vem de Francisco e a palavra prego, segundo os dicionários significa aquele que gosta de pedir as coisas com insistência”. Foi um dos líderes da Insurreição de Queimados, enforcado na praça principal da cidade, e uma personagem que aparece pouco nos objetos, sendo representada nos quadros, em um espaço reservado às pinturas de autoria de Walter Francisco Assis, artista local, que tem várias obras em espaços no município. Sua memória foi evocada com a construção de uma estátua no ano de 2006 e sua história se confunde com a própria história de Queimado.

O atual sítio histórico de Queimado, palco do principal movimento contra a escravidão no Espírito Santo, a Insurreição de Queimado, é uma das principais histórias contadas pelo museu, em uma sala com quadros e menções ao movimento. Lá, os alunos podem ouvir e sentir-se próximos ao histórico acontecimento. Soma-se a essa sala, parte dos materiais da Casa do Congo, bem como a narrativa contada por antigos moradores<sup>39</sup>, que quase sempre estão por ali, e ainda a escultura de Chico Prego, em uma das praças, que constantemente evoca a memória do fato, sobretudo para àqueles que o conhecem, o que não é o caso da maioria dos moradores e transeuntes.

---

<sup>39</sup> Alguns são antigos moradores e outros são membros da Academia de Letras da Serra, escritores, artesão e componentes de bandas de congo

### 1.2.2 Os objetos no museu

Além dos personagens acima citados, o Museu Histórico da Serra possui em seu acervo atualmente,

“móveis do século XIX e XX da família Castello, bem como peças doadas por moradores locais. Os ambientes, mantêm algumas poucas peças da época da construção do casarão e espaços dedicados aos membros da família do Capitão Castello que se destacaram nas atividades política, social, cultural e econômica da cidade da Serra [...]”. (M.H.S,2008, p.2).

De 2007 até os dias atuais, o panorama do museu vem se alterando lentamente e percebemos a inclusão de outros objetos que trazem narrativas diversas para dentro do espaço expositivo. Ainda hoje, há objetos e espaços que apresentam esses personagens destacados da história local, entretanto, foram criados ambientes com outros objetos de narrativas e personagens que eram pouco mencionados. Nesse sentido, é importante destacar a reflexão de Lopes (2004, p.19):

O que merecia ficar no museu de feição mais tradicional era, em geral, o objeto da elite: a farda do general, o retrato do governante, a cadeira do político, a caneta do escritor, o anel de um bispo... Tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e de indivíduos de destaque.

Os objetos, móveis, fotos e documentos viraram patrimônio histórico da Serra, uma vez que, foram doados<sup>40</sup> pela família Castello e por outros moradores, sendo um grande benefício para a história e memória da cidade. É um local importante de ser conhecido pelos moradores e turistas. Entretanto a maioria dos habitantes do local e do seu entorno, desconhecem sua existência, bem como os espaços que funcionam no antigo casarão.

Na época de sua inauguração o museu contava com uma sala administrativa, duas salas de exposição, nove quartos/salas, sendo dois desses quartos, dedicados aos quadros do pintor Walter Francisco Assis, sobre acontecimentos históricos da Serra. Os demais ambientes

---

<sup>40</sup> A doação da maioria dos objetos foi feita junto com o casarão. Procuramos registros das peças, bem como catalogação das mesmas e a única documentação disponível era o dossiê, elaborado de maneira informal por uma funcionária no ano de 2008. Alguns moradores do município, chegam ao espaço com objetos antigos e os deixam no museu. Na época da pesquisa na instituição não encontrei documentos com esses registros. O que está corretamente documentado, são os materiais de prospecção arqueológicas que ficam alojados em uma das salas do museu.

eram dedicados aos móveis e objetos pessoais de seus antigos moradores. A seguir apresentaremos uma descrição dos espaços do museu.

A sala de visitas<sup>41</sup> é o primeiro espaço que o visitante observa chegando ao museu, “esta sala funcionava como jardim de inverno da família, no tempo em que a casa foi habitada por Rômulo Leão Castello, [...]. Esta sala não existia na construção original” (M.H.S., 2008, p.7).

Figura 7 - Foto da sala de visitas - Museu Histórico da Serra



Fonte: SANTOS, J.H. F. Acervo Pessoal. JAN/2020.

O segundo espaço da visita, é uma espécie de sala de jantar<sup>42</sup> e de reuniões, em geral, era utilizada em almoços e jantares, reuniões de família e políticas, sendo um espaço restrito para crianças. “A mesa não é original da casa, veio de Vitória” (idem). Alguns dos móveis que hoje estão no museu, pertenceram à família Castello, entretanto vieram de outras

<sup>41</sup> Acervo do espaço é composto, por uma sala de estar em palhinha: com uma marquesa, duas cadeiras de braço, uma cadeira de balanço, uma chapeleira de mogno com marchetaria, um chapéu, uma bengala que pertenceu a um morador serrano (não identificado), 1 floreira com espelho e com de talhes de motivos florais em marchetaria e duas cantoneiras. Além de um conjunto de salas forrado com veludo vermelho, contendo: Um sofá de dois lugares, duas poltronas de encosto arredondado, duas cadeiras e uma banqueta redonda. Bem como um quadro de João Cardozo Castello, construtor do casarão, em 1862.

<sup>42</sup> A sala da mesa, como ficou conhecido esse espaço, possui, 1 mesa grande com 13 cadeiras, 2 cristaleiras com espelho, 1 balcão com espelho, 1 louça que foi doada por uma moradora serrana e tem 150 anos (sem identificação), Cópias de comandas da Serra, 1 fotografia da 1ª estrada de rodagem com acesso a Vitória que foi construída por Cassiano Castello e os presidiários da época de 1922; 1 fotografia dos presidiários do governo Nestor Gomes; 2 quadros, sendo um deles pintados por Maria Leão Castello; 1 imagem de Nossa Senhora da Conceição (padroeira do município) e alguns livros de Judith Castello, inclusive a cópia do livro escrito por ela, em 1980.

residências que mantinham, tais como a de Jacaraípe e a de Vitória, uma vez que, os móveis originais da época do Capitão Castello, o primeiro dono, foram vendidos.

Figura 8 - Foto da sala de visitas - Museu Histórico da Serra



Fonte: SANTOS, J. H. F. Acervo Pessoal. JAN/2020

Segundo o explicitado durante a visita ao museu, são três quartos menores<sup>43</sup>, e que em geral eram utilizados para receber visitas e outras pessoas da família. “Um dos quartos abrigava o Padre João França, que quando vinha de Vitória para celebrar missa na Serra, ficava hospedado na casa da Família Castello”, (M.H.S., 2008, p.6).

O quarto de Rômulo Castello<sup>44</sup> se mantém original da época em que o casarão pertenceu a ele, em 1947. Segundo a documentação do museu, Rômulo adquiriu três jogos de

<sup>43</sup> Esses três quartos menores, um era usado por Maria Grata Leão Castello (mãe de Judith e Rômulo), e Maria Leão Castello (irmã de Judith e Rômulo). Em um dos quartos havia quadro pintado por Judith em uma capa de almofada, uma vitrola e uma máquina de datilografia. No outro quarto ficavam alguns pertences da família, tais como: 2 comendas, 2 câmeras fotográficas, 1 placa prateada com a inscrição “Emérita Judith Leão Castello Ribeiro – Serrana Ilustre do Ano e 1 binóculo. Além do outro quarto normalmente utilizado para parentes e o padre, acima citado.

<sup>44</sup> Os objetos do quarto de Rômulo Castello são: 1 cama de solteiro, com detalhes decorativos em baixo relevo de jarras floridas em cobre; 1 cômoda com duas portas e estante; 1 sapateira; 1 guarda-roupas com espelho central oval e dois espelhos retangulares e um gavetão; 2 criados mudos com tampo de mármore branco; Retrato

quartos idênticos e os deixou em suas residências. Durante as visitas, os objetos pessoais dele são os que mais despertam curiosidades nos estudantes.

Figura 9 - Foto dos objetos pessoais no quarto de Rômulo Castello



Fonte: SANTOS, J. H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. MAR/2019

Na seqüência o quarto de Judith Leão Castello<sup>45</sup>, em que os móveis são originais de sua residência em Vitória, comprados na época de seu casamento com Talma Rodrigues, em 1938.

---

de Rômulo Castello em quadro, bem como alguns pertences, tais como: relógio de bolso, carimbo, bloco de anotações, porta envelope, dois tinteiros com porta tinteiro e quatro cachimbos juntamente com o porta cachimbos.

<sup>45</sup> Acervo do quarto de Judith: 1 guarda roupas, na cor palha com portas laterais e uma porta central com espelho; 1 cama de casal com detalhe oval em palinha na cabeceira e dois criados mudos com tampo de vidro; 1 penteadeira com três espelhos ovais, quatro gavetas e dois espelhos que se movem; 1 banquetta de veludo vermelho; 2 cadeiras com espaldar em palinha, 1 cabideiro com seis suportes e 1 quadro pequeno com a foto da mesma ainda jovem e outra foto de seu casamento.

Figura 10 - Foto do quarto de Judith Castello



Fonte: SANTOS, J.H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. MAR/2019

Figura 11 - Foto da vista lateral do quarto de Judith Castello



Fonte: SANTOS, J.H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. MAR/2019

Havia ainda o quatro das crianças<sup>46</sup>, que usavam beliches, entretanto essas camas, não estão no museu e a documentação não informa para onde foram levadas. Sendo assim, o jogo

---

<sup>46</sup> No quarto havia, 1 guarda roupas com uma porta grande com espelho retangular, uma porta menor, uma gavetão e com detalhes entalhados, adquiridos na cidade do Rio de Janeiro.; 1 sapateira, 1 cama de solteiro; Outra sapateira com duas portas e gavetas, além de um abajur em madeira com um crucifixo.

de quarto apresentado quando o museu foi inaugurado era semelhante ao do quarto de Rômulo Castello.

As duas salas de exposição, com quadros pintados por Walter Francisco Assis, contando a história da Insurreição de Queimado. Havia ainda a sala administrativa, banheiros, a cozinha e uma sala de materiais, que não eram abertas à visitação, no período da inauguração.

Atualmente, o museu apresenta nova configuração na disposição das salas, sendo uma sala administrativa, duas salas de exposição, nove quartos/salas sendo três dedicadas a Queimado, objetos arqueológicos<sup>47</sup> que trazem a narrativa da Insurreição de Queimado. O quarto de Judith, o quarto de Rômulo, uma cozinha, banheiros, sala de material arqueológico, essa somente para estudo, hall de entrada e rampa de acessibilidade.

Figura 12 - Foto do material coletado em prospecção nas ruínas de Queimado



Fonte: SANTOS, J.H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. JAN/2020

<sup>47</sup> Os objetos nessa sala são oriundos do Sítio Histórico de Queimado, as ruínas do local, passaram por um processo de restauração, e o material arqueológico encontrado, foi doado ao museu. É importante mencionar, que atualmente há uma sala de estudo com material arqueológico da Serra e do Espírito Santo.

Figura 13 - Foto da sala com objetos da prospecção em Queimado



Fonte: SANTOS, J.H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. JAN/2020

Figura 14 - Foto de objetos encontrados no sítio arqueológico de Queimado



Fonte: SANTOS, J.H. F. M.H.S. Acervo Pessoal. JAN/2020

### 1.3 A Casa do Congo

Situada atualmente no pavimento inferior do atual “Museu Histórico da Serra: Judith Leão Castello Ribeiro”, a Casa do Congo Mestre Antônio Rosa<sup>48</sup> foi criada pela Prefeitura Municipal da Serra no ano 2000, na data de 26 de agosto. O objetivo de sua criação era funcionar como um espaço cultural para divulgação das Bandas de Congo<sup>49</sup>, bem como a realização de exposições, eventos e mostras relacionadas a temática.

Na época de sua inauguração, funcionava em um casarão do século XIX, restaurada pela prefeitura e localizava-se em frente à praça João Miguel, no bairro Serra Centro. A seguir, apresenta-se a imagem do casarão supracitado e que atualmente se encontra fechado. A Casa do Congo, então, passou a funcionar juntamente com o Museu e a Biblioteca Municipal.

Figura 15 - Antiga Casa do Congo “Mestre Antônio Rosa”



O acervo é composto por fotografias, indumentárias, instrumentos musicais e materiais das bandas de congos locais, tais como: bandeiras, casacas, tambores e outros. Também conta

---

<sup>48</sup> O espaço da Casa do Congo recebeu esse nome em homenagem ao Mestre de Congo e serrano Antônio Pádua Machado, popularmente conhecido como Mestre Antônio Rosa, que teve a vida dedicada ao congo, bem como seu desenvolvimento no município.

<sup>49</sup> Além da Casa do Congo de iniciativa do poder público municipal, as bandas do município possuem uma associação “A.B.C” Associação de Bandas de Congo da Serra, sediada em um bairro vizinho ao centro, que mantém acervo e divulgação das bandas locais, bem como, informações atualizadas desse patrimônio imaterial.

com relatos e imagens das ruínas do Sítio Histórico de Queimado, trazendo reflexões sobre ai do qual se pode ouvir sobre a insurreição negra, ocorrida no território que hoje pertence ao município. Ao final da visita, pode-se ainda, escutar, músicas de Congo.

A Casa do Congo, como já mencionado anteriormente, faz parte do prédio do atual Museu Histórico da Serra, no primeiro pavimento, em um espaço menor que o anterior, onde foi inaugurada, porém conservando os objetivos propostos no contexto de sua inauguração.

“é a criação permanente de um espaço Formador de Consciência Histórico-Cultural, onde além de estar divulgando e contribuindo na preservação do congo e de todos os seus elementos, trabalha com várias outras manifestações e iniciativas em relação à cultura. Para a Casa do Congo, investimento em cultura é investimento na qualidade de vida de todos.

A Casa do Congo Mestre Antônio Rosa é uma vitrine para todos aqueles que queiram conhecer o Congo, principal manifestação da Cultura Popular Capixaba, além de outras manifestações artísticas.” (CÂMARA DE VEREADORES DA SERRA)<sup>50</sup>

O principal tema apresentado no lugar é o congo e seus elementos, uma manifestação da cultura popular e também religiosa local, bem como memórias das primeiras bandas do município e menções a populares ligados a tradição desse patrimônio imaterial “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados”. (PELEGRINI, 2020, p.71).

#### 1.4 A estátua de Chico Prego

A imponente estátua de Chico Prego, localizada em uma das praças do bairro Serra Centro, na Praça Almirante Tamandaré, é um monumento construído pelo artesão Jacob Kuster (Tute) em homenagem a Chico Prego, um dos líderes da Insurreição em Queimado, morto por enforcamento na Vila de Nossa Senhora da Conceição da Serra, em janeiro de 1850. A estátua foi construída com recurso da lei que homenageia o mesmo, está próximo ao local da execução de Chico Prego, há 172 anos.

<sup>50</sup> A informação foi extraída do site da Câmara Municipal da Serra < <http://www.camaraserra.es.gov.br/pagina/ler/1028/casa-do-congo-mestre-antonio-rosa#:~:text=O%20Pr%C3%A9dio%20que%20sedia%20a,po%C3%ADtico%20e%20comerciante%20da%20Serra.>> acesso em março de 2021.

Revisitar da figura de Chico Prego, está intimamente ligada as ações dos Movimentos Negros, ativistas culturais e coletivos do município que desde a década de 1980, vem lutando pela memória da Insurreição de Queimado e consequentemente de seus principais líderes. A estátua foi construída no ano de 2006 e dialogava com as exposições sobre Queimado que havia na antiga estrutura da casa do congo, evocando lembranças da revolta, bem como evidenciar a participação dos negros no processo de luta pela liberdade. Soma-se a isso, anualmente na semana de 19 de março há ações e eventos de coletivos e mais recentemente da prefeitura em torno da memória de Queimado.

Figura 16 - Monumento a Chico Prego



Fonte: SANTOS, J. H. F. Acervo Pessoal. FEV/2019

As narrativas sobre Queimado são originárias de jornais da época e escritos e relatos populares, bem como, de livros que contam o ocorrido.

Assim, em 19 de março de 1849, escravos da localidade de São José do Queimado, hoje distrito de Queimado, pertencente ao município da Serra, se revoltaram por causa de uma promessa de liberdade do frei italiano Gregório José Maria de Bene, que se os escravizados construíssem a igreja de São José, teriam alforria, porém isso não ocorreu, e o frei tratou de falar, que prometeu a liberdade no céu e não nessa terra.

Como se tratava da inauguração de uma obra religiosa, e a promessa de serem alforriados, os escravizados engajados naquela construção estavam presentes, era motivo de grande alegria e uma vez que, essa festa também pertencia a eles, razão pela qual houve convite por toda a localidade, principalmente na Serra.

O jornal Correio da Vitória, de 21 março de 1849, dava a seguinte notícia aos seus leitores: No dia 19 do corrente um grande grupo de escravos invadiu a igreja da povoação do Queimado na ocasião em que se celebrava o santo sacrifício da missa, e em gritos proclamava a sua liberdade, e alforria, e seguindo para diversas fazendas e aliciando os escravos delas e, em outras, obrigando os seus donos a darem a liberdade a seus escravos, engrossou em número de 300. (NEVES, 2012, p.11)

Aproximadamente, trezentos homens, mulheres e até crianças participaram desta rebelião encabeçada por Chico Prego, João da Viúva, Elisiário e muitos outros líderes que articularam seu povo para tomar a liberdade com as próprias mãos. A insurreição tomou tamanha dimensão, sendo um movimento tão forte que, para contê-la, foram necessárias tropas vindas do Rio de Janeiro, capital à época, além das forças capixabas.

Os rebelados foram presos e julgados, cinco deles condenados à morte, para servir de exemplo. Um dos líderes da revolta, Elisiário, conseguiu escapar da cadeia e refugiou-se nas matas do Morro do Mestre Álvaro e nunca mais foi recapturado. Chico Prego foi capturado e enforcado<sup>51</sup>, em 11 de janeiro de 1850. Hoje, ele nomeia a Lei de Incentivo Cultural do Município da Serra.

Depois de condenados, os chefes da Insurreição do Queimado foram recolhidos à cadeia de Vitória para aguardar a aplicação da pena de morte.

Todavia, na madrugada do dia 7 de dezembro, conseguiram fugir da prisão, os líderes Elisiário, Carlos e João. Chico Prego e João da Viúva, presos em outra cela, não puderam escapar. Providências imediatas foram tomadas para recapturar os fugitivos. Patrulhas se organizaram para as buscas. Recompensa em dinheiro foi instituída para quem recuperasse os evadidos. Estes, porém, jamais foram encontrados. O que lhes aconteceu não se sabe. (NEVES, 2012, p.43.)

Em janeiro do ano seguinte a Vila da Serra presenciou um trágico episódio foi incumbida pelas autoridades provincianas de conter a repressão ao suposto movimento, perseguindo e capturando os fugitivos em seu território, possivelmente, na região do Mestre Álvaro. E pela execução do escravizado Francisco, o Chico Prego, por ter sido identificado

---

<sup>51</sup> Em relação ao enforcamento de Chico Prego, existem controvérsias nas versões escritas sobre Queimado, se de fato foi enforcado, se a forca falhou e foi morto a pauladas. A condenação foi à forca, o ocorrido foi próximo onde hoje há uma estátua em sua homenagem, entretanto, os detalhes do ocorrido divergem na literatura, o que não invalida a importância do mesmo na luta por liberdade.

como um dos responsáveis pelo convite a diversos companheiros para a festa da tão almejada liberdade.

"Chico Prego", escravizado de propriedade Dona Ana Maria de São José, viúva do Senhor José dos Santos Machado. Essa família era numerosa e influente na cidade, por exemplo, entre seus membros cito, João dos Santos Machado, (bisavô do antigo festeiro Antônio Pádua Machado); Francisco dos Santos Machado (juiz). Chico Prego era conhecido por ter muitas ligações com os escravizados da vila, e então, teria sido considerado responsável, por trazê-los ao festejo que culminou com a insurreição. Essa teria sido, uma das motivações para sua execução em praça pública na Vila da Serra, servindo de exemplo para os demais. Essa freguesia, a época do ocorrido, pertencia ao município de Vitória.

Na manhã de 11 de Janeiro de 1850, a Vila da Serra presenciou um dos mais cruéis e brutais castigos já registrados na história do Espírito Santo. Depois de longo sofrimento na prisão, "Chico Prego" viajou a pé de Vitória à Serra. Escorraçado há cerca de um ano em um cárcere, ainda trajando a mesma roupa que usara no dia 19 de Março do ano anterior (dia da insurreição do Queimado), Chico Prego marchou noite adentro do dia 10 de Janeiro, amanhecendo na Serra no dia seguinte para receber a sua execução na praça principal. Sobre Queimado temos bastante registro, sobre a vida de Chico Prego, poucas informações, diferente das personagens Judith e Romulo Castello, membros da elite local. Entretanto, é sem dúvida um herói negro em solo capixaba e serrano, que merece ser reconhecido e lembrado pela população local.

Uma das ações que colaboram para que essa memória seja revisitada e objeto de reflexão, mantida são as aulas de História. No capítulo a seguir, falaremos sobre a relação memória, ensino de história e a descrição crítica das visitas pedagógicas.

## 2 MEMÓRIA, ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: O PERCORRER DO CAMINHO

Agora, apesar de as ruas estarem finalmente livres, ainda havia pilhas de escombros nas calçadas, e prédios inteiros estavam tão danificados quantos no dia em que foram atingidos. Dez anos depois da vitória e ele estava desviando de pedaços de mármore e granito para seguir para a Academia. Às vezes, Coriolanus se perguntava se os detritos foram deixados para lembrar aos cidadãos o que eles haviam aguentado. As pessoas tinham memória curta. Elas precisavam andar em volta dos destroços, para pegar cupons de racionamento de alimentação e assistir aos Jogos Vorazes para que a guerra permanecesse viva na mente. Esquecer podia levar a complacência, e aí todos estariam de volta à estaca zero.

*Suzanne Collins*<sup>52</sup>

Na perspectiva de um caminho, a curiosidade nos move desde o início e principalmente no percurso, isto é, o percorrer do caminho. Enquanto percorremos, caminhamos, estabelecemos relações, conscientes ou não do que vivemos até ali, é possível comparar com o que já conhecemos anteriormente, as experiências do processo, resultando em organizações mentais e surpreendentes ao fim do caminho.

Como falamos de cidade, o que visualizamos no percorrer do caminho, em geral retoma memórias antigas de outras caminhadas, de outras cidades e tudo que nossos olhos tocam, pode contribuir para isso.

Esse capítulo, nasce da ideia de pensar o percurso, o caminhar pela cidade e as aulas de História, caminho esse, que é pessoal, uma vez que o ser professor, está intimamente ligado às experiências que temos antes e durante a docência, no processo de formação especificamente da área de estudo e atuação, bem como na formação humana.

Pensando nesse caminho pessoal, o fragmento do texto mencionado no início desse capítulo, foi retirado de um livro chamado “A cantiga dos pássaros e das serpentes”, o quarto livro da série Jogos Vorazes.

---

<sup>52</sup> COLLINS, Suzanne. A cantiga dos pássaros e das serpentes.

Em sua narrativa, a série de literatura, fala sobre questões políticas, econômicas, históricas e um tema relevante nesse trabalho, a questão da memória. Sendo assim, alguns fragmentos dessa série são usados de maneira recorrente nas aulas de história, além de possibilitar o contato dos estudantes com livros, utilizando a máxima de “professores leitores, inspiram alunos leitores”.

A história narrada nos livros, trata-se de uma distopia futurista, onde após uma guerra e o fim da América do Norte<sup>53</sup>, surge uma nova nação chamada *Panem*, que tem doze distritos submetidos a uma capital, os distritos fornecem insumos (madeira, carvão, tecnologia, grãos, entre outros) a capital e ela em troca “oferece”<sup>54</sup> controle e segurança, seu presidente governa de maneira autoritária.

Para que a memória da guerra, permaneça vívida, anualmente, acontecem os chamados jogos vorazes, nos quais, cada distrito, oferece dois jovens, um menino e uma menina em tributo (esses tributos são sorteados entre as crianças e adolescentes locais). Os sorteados devem lutar em uma arena na capital, até a morte, para que seja lembrado o horror da guerra e os favores da capital. A série<sup>55</sup> se passa durante o 74º e 75º jogos vorazes e as consequências após ambos os jogos, - uma crescente revolução. Entretanto, o quarto e último livro, se passa num momento anterior, o início dos jogos, e é uma autobiografia de Coriolanus Snow, contando parte da sua vida antes de se tornar presidente, levando a uma maior compreensão dos livros anteriores.

É do quarto livro, que trata do contexto do pós-guerra e consequente destruição, a citação do início do capítulo, que remete a questões como a lembrança, esquecimento, memória e lugares de memória. Certamente esses conceitos, não estão dados no livro, mas é possível estabelecer relações. “Ruas livres, pilhas de escombros, [...], prédios danificados”, (COLLINS, 2020, p.21), são marcas de um momento de guerra que caminhando pela cidade descrita, são observadas diariamente pelos moradores.

---

<sup>53</sup> Costumo levar alguns fragmentos dos livros, quando trabalhamos os conteúdos de Segunda Revolução Industrial/Imperialismo com os estudantes. As relações entre a Segunda Revolução Industrial e consequente colonialismo no século XIX, podem ser trabalhadas a partir do livro.

<sup>54</sup> A palavra oferece, aparece no texto do livro, em que o protagonista, expõe a relação entre os distritos e a capital. Trazemos a palavra entre aspas, uma vez que essa troca e oferta de controle e segurança, se dão através dos distritos altamente armados, com soldados, que são pessoas retiradas da capital, alguns se inscrevem para ter como sustentar as famílias, outros por punições e recebem o nome de pacificadores.

<sup>55</sup> Para contextualizar, o primeiro livro “Jogos Vorazes”, narra o 74º jogo, fala sobre os distritos; O segundo livro, “Em chamas”, 75º Jogos Vorazes, também conhecido como o massacre quaternário, que acontece de 25 em 25 anos, e os tributos são sorteados a partir dos vencedores dos jogos de cada distrito. O terceiro livro “Esperança”, é a parte revolucionária, em que há um embate entre os distritos e a capital e a deposição do presidente.

Ainda no fragmento, o protagonista se questiona, “os detritos foram deixados ali para lembrar os cidadãos”? Pois segundo ele, as pessoas tinham memória curta e por isso a justificativa dos cupons de racionamento, os jogos que matavam inocentes. Assim, a guerra permaneceria viva em suas memórias, uma vez que esquecer todo o processo, poderia levar ao conflito novamente. Esse trecho do livro, evidencia questões importantes sobre o que lembrar, por quê lembrar, esquecimento e maneiras de evocar memórias e como elas podem ser utilizadas por quem está no poder.<sup>56</sup>

## 2.1 Memória

A memória faz parte de nós, faz parte de quem somos, o que ora lembramos, ora esquecemos e nos permitimos esquecer. A memória é seletiva, ela ativa em nós, por diversas vezes, uma narrativa aceitável dos acontecimentos, em outras, a versão mais confortável de assunto sensível, questões esquecidas durante um tempo ou silenciadas, seja pela história, pelo meio que vivemos, ou ainda, pelo conforto que esquecer nos permite, todavia, essas memórias ainda estão em nós e a partir de fragmentos, fotos, conversas, objetos, monumentos e outros, elas podem ser ativadas.

“Todos sabemos, historiadores de ofício ou não, que a memória presidiu os primeiros balbuciantes da história enquanto conhecimento, para logo depois, com Tucídides, ser dela afastada” (SEIXAS: 2002, p.44). A palavra memória, do latim, *memoria*, “faculdade de reter ideia, sensações, impressões adquiridas anteriormente”. E do grego,

*Mnemosine* ou *Mnemósine* (em grego: *Μνημοσύνη*, transl.: *Mnēmosýnē*), era uma titânide, filha de Urano e Gaia. É a deusa que personificava a memória. O que será Mnemosine? Vem derivado do verbo *mimnéskein*, "fazer-se lembrar", "fazer pensar", "lembrar-se") é a deusa da memória, uma das seis filhas titanides de Urano(Céu) e Gaia (a Terra [...]). A deusa grega da memória era considerada uma das mais importantes do seu tempo, foi incumbida a ela a responsabilidade de dar nomes a todos os objetos e com o poder da razão deu aos humanos o meio da conversação e o poder da memorização. (idem)

Mas o que é a memória? De acordo com Pelegrini (2009, p.33), memória é,

---

<sup>56</sup> Toda vez que leio essa parte do livro e conhecendo narrativa da distopia “jogos vorazes”, estabeleço algumas relações com vários governos autoritários e seus usos da memória e até mesmo da propaganda a partir da memória, para jogar com a lembrança coletiva e o medo.

[...] disposição de reter, armazenar informações, sentimentos e imagens no cérebro humano. Elemento constituinte da identidade individual e coletiva. Relacionada as culturas e aos modos de entender o mundo, essencial para a continuidade das práticas culturais e para a reconstrução de si.

Já, LE GOFF (2019, p. 387) entende a memória,

[...], como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, o que ele representa como passadas.

Ambos autores, definem a memória como uma capacidade de guardar informações, Pelegrini, destaca que a memória é um elemento ligado à questão da identidade, podendo ser individual ou coletiva e relacionada à cultura, a produção cultural, bem como, a continuidade dessas práticas. Le Goff, por sua vez aponta que, para além das questões psíquicas, é a partir da memória, que os seres humanos acessam o passado, através das representações que estabelece, atualizando suas impressões sobre o mesmo.

De acordo, com Traverso (2012, p.21) “História e memória nascem de uma mesma preocupação e partilham o mesmo objeto: a elaboração sobre o passado”. Porém existem diferenças entre a memória e a História.

A história nasce da memória, enquanto a memória é a matriz, a história por sua vez, surge dos relatos, da escrita do passado, com algumas especificidades próprias do ofício do historiador. Ainda sobre as diferenças entre memória e história, a primeira tem um caráter mais subjetivo, através de um recorte, uma visão pessoal e como diria Traverso, (2012, p.22), está “ancorada aos factos que assistimos”. É também qualitativa e sua preocupação não está, a priori, em contextualizar, comparar ou ainda, fazer sentido, para o outro, mas precisa fazer sentido para quem tem aquela memória. Ela é “o relato do passado prestado por um testemunho, [...], sempre será a verdade”. (TRAVERSO, 2012b).

A memória também, não é definitiva, elementos como o esquecimento, o acréscimo de informações ou novas experiências podem modificá-las. Assim, “a memória é uma construção sempre filtrada, por conhecimentos adquiridos posteriormente, pela reflexão que se segue ao acontecimento, por experiências que se sobrepõem à primeira e modificam a recordação.” (TRAVERSO, 2012, p.23)

Diferentemente disso, a História, a partir de seus métodos, pode se utilizar da memória, como objeto de estudo, porém há a necessidade de confrontar a mesma, com outros documentos. A memória constitui e reconstitui uma parte dos acontecimentos, de um ponto de vista, já a história que se pretende mais ampla, “a sua tarefa consiste muito mais na inscrição

dessa singularidade da experiência vivida num contexto histórico global, tentando esclarecer as causas, condições, as estruturas, a dinâmica de conjunto.” (TRAVERSO, 2012, p.27)

Ainda segundo o autor, a partir da crise do historicismo e conseqüente crítica ao paradigma eurocêntrico, sobre o contexto da descolonização, bem como a emergência das chamadas classes subalternizadas como atores sociais e políticos, há uma separação entre memória e história.

Ainda nessa discussão, cito Pierre Nora, para quem “a memória é a vida, o que expõe a dialética da recordação e da amnésia, [...]. A história é a representação do passado que, mesmo objetiva e retrospectiva está sempre fundada na distância” (Nora apud Traverso, 2012, p.35). Outra diferença apontada pelo autor é, que a memória é afetiva e mágica, com tendências a sacralizar as recordações, enquanto a história é uma visão do passado, sobre o qual se constrói um discurso crítico.

Nas últimas décadas, observa-se uma obsessão pela questão da memória. De acordo com Huyssen, “Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (2000, p.9). Em parte, isso pode ser explicado, pelas guerras do século XX, a descolonização, os processos de globalização e da restauração historicizante de muitas cidades europeia. Tais fenômenos têm impacto diretos nos objetos de estudo dos historiadores e conseqüentemente, nos conteúdos em sala de aula.

Assim, observamos a memória, como um recurso importante nas aulas de História. Sempre que partimos do contexto ou realidade do aluno para trabalhar um tema, a memória é utilizada. Naquele famoso: “Vocês se lembram?” “Esse assunto que vamos retomar agora, vocês já viram em tal momento.” Ou ainda, nas analogias, comparações e exemplos que usamos, elaborando esquemas mentais, que favoreçam a aprendizagem de determinados temas.

Constantemente, recorremos à memória dos alunos para trabalhar os fatos históricos. Mas quais memórias são eleitas como importantes? As individuais, as coletivas, as oficiais, as populares? Para que uma ou outra memória seja apresentada, debatida, as outras serão silenciadas, ou partimos de uma tensão entre as diversas memórias para trabalhar os temas nas aulas?

Durante muito tempo, as memórias eleitas como importantes, eram as oficiais, que evidenciavam acontecimentos políticos e os grupos dominantes. “Existem memórias oficiais, alimentadas pelas instituições, ou seja, os Estados e memórias subterrâneas” (TRAVERSO,

2012, p.71). Sobretudo, a partir das grandes menções a homens proeminentes e não se contava a história e a memória das mulheres, dos escravizados, dos indígenas. É preciso questionar,

[...] uma narrativa histórica nacional que representa, enaltece e enuncia os “grandes homens” (políticos, militares, religiosos, intelectuais, artistas) e que silencia grupos historicamente marginalizados - como negros, mulheres e indígenas - em suas pluralidades[...]. (PIUBEL e MELLO: 2021, p.57).

Levando em conta que, a memória dos diversos atores sociais é importante e que pode trazer contribuições para nos aproximarmos da compreensão e interpretação dos acontecimentos, a memória, tem sido fortemente utilizada nas últimas décadas como recurso para pesquisa histórica.

A disponibilização de informações, a partir da internet, a emergência dos grupos minoritários, bem como, legislações sobre a inclusão do estudo e cultura desses atores sociais, juntamente com uma noção mais ampla de fontes e patrimônio trazem à tona, temas ligados a esses grupos sociais historicamente marginalizados em nossa sociedade. Agora as memórias, desses grupos, passam a ter e/ou reivindicam espaço. E como isso pode ser trabalhado na escola? Afinal, de acordo com Ramos (2010: 408) “a memória faz parte das lutas políticas. Cabe ao ensino de história fornecer instrumentos para se perceber como isso acontece no tempo e no espaço.”

## 2.2 Ensino de História

Em termos teóricos, cabe mencionar, que a Nova História, articulada no âmbito das gerações inspirada na Escola dos *Annales*<sup>57</sup>, contribuiu para diversas modificações no campo da história, bem como, posteriormente, no Ensino de História. Nesse sentido, é importante citar um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História, que em 1998, já destacava que:

[...] representações do mundo social passaram a ser analisadas como integrantes da própria realidade social e possibilitaram uma redefinição da história cultural. A aproximação entre a Antropologia e a História tem sido importante, dando origem a abordagens históricas que consideram a cultura não apenas em suas manifestações artísticas, mas nos ritos e festas, nos hábitos alimentares, nos tratamentos das doenças, nas diferentes formas que os vários grupos sociais, ao longo dos séculos,

<sup>57</sup> Para maior aprofundamento sobre a Escola de *Annales*, ver BURKE, 1992.

têm criado para se comunicar, como a dança, o livro, o rádio, o cinema, as caravelas, os aviões, a Internet, os tambores e a música.

A história social e cultural tem se imposto de maneira a rearticular a história econômica e a política, possibilitando o surgimento de vozes de grupos e de classes sociais antes silenciados. Mulheres, crianças, grupos étnicos diversos têm sido objeto de estudos que redimensionam a compreensão do cotidiano em suas esferas privadas e políticas, a ação e o papel dos indivíduos, rearticulando a subjetividade ao fato de serem produto de determinado tempo histórico no qual as conjunturas e as estruturas estão presentes. (PCN, 98, p. 21).

A história social e cultural, em diálogo com a Antropologia, incorporaram aos poucos, a noção ampliada de cultura, de diferentes grupos sociais e o que esses, elegem enquanto manifestações e práticas de sua cultura. Desse modo, também o Ensino de História, fortemente influenciado por esses diálogos, tem se modificado nos últimos anos, fruto dos novos campos estabelecidos pela ciência História, sobretudo no âmbito do cultural, com a emergência de diferentes espaços, a questão da memória e novos atores, que lutam para que seu nome, e sua participação ao longo da história sejam apresentados. “O multiculturalismo pressupõe, portanto, o multimemorialismo. Muitas memórias para a afirmação de muitas culturas, na medida em que as lembranças, convocam legitimidades no decorrer do tempo.” (Lopes, 2009: p.5)

Contribuições significativas para o Ensino de História foram apontadas pelos documentos norteadores da educação no Brasil, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) bem como as mais recentes BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o programa do Novo Ensino Médio<sup>58</sup>, que ainda estão se delineando, isto é, sendo colocados em prática.

Hoje ensinar história é um desafio, aproximar a disciplina do cotidiano do aluno, fazer com que ele sinta o “respirar histórico”. Os desafios do professor de História ao ensinar sua disciplina são muitos,

De um lado, é preciso selecionar os conteúdos a serem apresentados aos alunos o que, inevitavelmente, implica escolhas temáticas e a adoção de determinada versão dos acontecimentos. De outro, é necessário empenhar-se para que os alunos desenvolvam uma reflexão crítica em relação aos conteúdos estudados e, com isso, construam seu próprio saber. É importante o professor saber que: “quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (KARNAL apud RIBEIRO 2013, p. 3).

---

<sup>58</sup> Mesmo com a aprovação das legislações no que diz respeito a Base Nacional e Novo Ensino Médio, existem muitas críticas a sua forma de implementação no país, sobretudo o Novo Ensino Médio, que diminuiu a carga horária de disciplinas ao longo do curso de Ensino Médio, como por exemplo, as disciplinas de Ciências Humanas.

Além de apresentar questões muito caras ao cotidiano do aluno, é preciso fazer com ele se perceba parte disso, bem como, “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses conteúdos” (FREIRE, 2019, p.31). Em grande parte, essa é a dificuldade do professor de História, ter acesso ao saber que é produzido na academia, fazer a chamada transposição didática, e tornar isso inteligível ao aluno sem que se perca a cientificidade e concomitantemente, que o próprio professor e alunos se enxerguem no processo. Do contrário a História, torna-se um mero decorar de datas e acontecimentos.

Esse novo momento da História, fez com que historiadores, historiadoras e professores de História repensassem sua pesquisa e prática pedagógica, respectivamente, bem como a maneira de lecionar, pois antes de ser professor e pesquisador, também é sujeito histórico. “Antes de ser analista, o historiador é cidadão, ator ou espectador, e há alguns anos, tanto em seus escritos e seus cursos, ele reivindica ou reconhece cada vez mais seu próprio pertencimento à história”. (CHAUVEAU e TÉTART, 1999, p.28 – grifo meu).

O perfil do aluno também se modificou, hoje está voltado para a tecnologia, com muitas informações, mas é preciso transformar isso em conhecimento. Para trabalhar com esse estudante, o docente deve reunir no mesmo profissional, professor e pesquisador, além de manter-se atualizado aos debates de seu campo e ao que é divulgado pelos meios de comunicação e das práticas pedagógicas relacionadas ao Ensino de História.

Os estudantes em geral, têm acesso a uma grande quantidade de dados, o que propicia debates em sala de aula. Não aceitam explicações simplórias, nem tampouco, fazer resumos e cópia pela cópia, como era o costume em décadas passadas. O acesso à internet e a informações que anteriormente só o professor tinha, tornou-se ampliado. É preciso então, que o professor seja mediador do processo educativo, e da informação, para que essa se torne conhecimento. “O professor como mediador do processo educativo, as relações estabelecidas no cotidiano escolar, os espaços/tempo de educar, a avaliação e a pesquisa são elementos que compõem essa dinâmica.” (CBC, 2008, p. 45)

Os usos e instrumentos utilizados nas aulas também se modificaram. Hoje o aluno, trabalha com fontes históricas, das mais variadas possíveis, fazem visitas pedagógicas em diferentes espaços, locais estes, onde se aprende história na prática, isto é, onde ela aconteceu e acontece juntamente como o nosso cotidiano. Faz entrevistas com quem viveu no contexto, certamente de períodos mais atuais, aprende brincando com jogos didáticos, sejam eles manuais ou na sala de informática. Trabalha com ilustração, com resolução de problemas, faz leitura de livros sobre determinado contexto histórico, e assiste a filmes que dialogam

conhecimentos discutidos em sala de aula, e seu relatório de vivências, é pessoal, específico, e remete ao próprio conhecimento.

Atividades essas, que podem e devem estar atreladas tanto à escola, quanto aos espaços fora da escola. A relevância dessas visitas pedagógicas é principalmente, as experiências que os alunos têm, e o que muda a partir delas nas aulas de História, o que tem feito com que cada vez mais, novos espaços sejam disponibilizados para visitas pedagógicas. Não somente outros espaços como a própria cidade.

[...] a cidade nos permite conectar, em função das duas diversas camadas temporais que nos são dispostas no presente, modulações distintas de seus vários tempos. Assim, podemos conectar, pelo olhar sobre o que nos dispõe a cidade – em suas materialidades e práticas visíveis no aqui e agora – diferentes presentes, diferentes passados e diferentes futuros. (MIRANDA e BLANCH, p.64)

Esses novos espaços, emergem, sobretudo a partir da História do Tempo Presente, a qual suscita um desejo por identidade, e por conhecer e reconhecer o que está próximo de si. Entretanto, o papel do professor é relevante no processo dessa ponte, uma vez que, ela não está dada, pelo fato do aluno adentrar os espaços e sair dos mesmos, reconhecendo as relações entre o patrimônio visitado e a história do local onde ele vive e estuda.

Não se trata mais aqui, percebe-se bem, de uma versão atualizada desse gosto generalizado pela história ou desse ativismo das raízes, das genealogias e das celebrações patrimoniais [...] É antes um vivo desejo de identidade que nasce essa ambição de história atenta ao presente, [...]. (RIOUX, 1999, p. 43)

Refletindo sobre esses novos espaços, fortemente relacionado à História do Tempo Presente e sua relação com o Ensino de História, compreendemos que conhecer, estudar e se apropriar da história do município onde se vive, permite ao aluno, sobretudo, através das aulas de história, certa compreensão das modificações pelas quais passou a sua cidade e as transformações históricas ocorridas na mesma.

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado, sempre presente nos espaços de convivência - escola, casa, comunidade, trabalho, lazer – e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2008, p. 168).

Essa história do presente que emerge em compreender as motivações do que se vive, potencializa a história local e os lugares de memória, que estão próximos aos alunos. Conhecer tais lugares e conseguir perceber que a construção e transformação da sua cidade é

histórica, que pessoas, sujeitos comuns participaram desse processo e que ele estudante daquela localidade, contribui para fazê-lo, assim como os professores e todas as pessoas que ali se estabelecem não é fácil, contudo, constitui-se em uma demanda atual do Ensino de História, tornar o que é estudado, significativo e o aluno participante do processo.

De acordo com o Currículo Básico Comum do Espírito Santo, CBC (2008, p. 79) uma das principais reflexões a serem apresentadas pelo ensino de história na rede é “a educação patrimonial (observação, registro, exploração e apropriação) como uma das estratégias do ensino da História ao considerar o meio ambiente histórico e o patrimônio vivo”. É preciso pensar em novas abordagens no Ensino de História para colocar em prática no currículo e em sala de aula a Educação Patrimonial.

Podemos compreender a Educação Patrimonial como:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA et al. 1999, p. 4)

O principal foco da Educação Patrimonial são os patrimônios culturais. Sabemos que a noção de patrimônio tem se modificado ao longo da História, inclusive abrangendo cada vez mais espaços, transitando desde o conceito de patrimônios como bens pessoais e coletivos, para os patrimônios que colaboraram por forjar uma identidade nacional e aqueles que têm emergido como frutos da luta de grupos específicos por suas memórias.

As transformações do mundo globalizado, o crescimento dos movimentos sociais e ambientais no século XX, junto à reivindicação de direitos por esses grupos, propiciaram a ascensão das diferenças e a pluralização do conceito de identidade e patrimônio, que passaram a abarcar cada vez mais grupos que até o momento estavam excluídos dos debates, incluindo, assim, marcos arquitetônicos locais, manifestações culturais de diversos grupos e reservas ecológicas. Nesse contexto não se pode ignorar a complexidade do termo “patrimônio”, que, como mencionado anteriormente, já foi usado de forma excludente e hoje abriga grupos e manifestações locais com a mesma relevância. (AQUINO, 2014, p. 26.)

O patrimônio cultural configura-se, como o “[...] conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.” (IPHAN, 2012, p. 12), e tem enorme potencialidade para compreensão a história local.

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (SAMUEL, 1990, p.220).

É na história local, que encontramos a resposta para o que foi anteriormente citado, ela é encontrada nas proximidades, no ir e vir da escola, de casa, do mercado, pois quanto mais o aluno compreender a relevância da história, sobretudo do que está perto, maior será sua compreensão da própria realidade, bem como valorizar o patrimônio cultural local que, de acordo com GRUNBERG, (2007, p.5), “São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores”. A essa discussão, podemos somar os argumentos trazidos pelo PCN de História, citado anteriormente,

Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. (PCN, 1998, p. 27)

O simples fato de ir e vir cotidianamente nas proximidades desses patrimônios não garante conhecer e valorizar os mesmos. Entretanto, espaços que se constituem como patrimônios culturais no entorno escolar, favorecem a Educação Patrimonial no ambiente escolar.

Valorizar o patrimônio cultural que cerca o educando contribui para que este reconheça sua identidade e exerça sua cidadania, por isso é importante realizar práticas pedagógicas de Educação Patrimonial. Essas práticas devem discutir sobre novos temas, novas fontes documentais referentes ao patrimônio cultural e sobre o planejamento de atividades diversificadas que possam instigar os educandos a “redescobrirem” suas histórias e memórias (PELEGRINI, 2009).

Os patrimônios culturais são esses lugares onde a memória fica vívida e a identidade pode ser reconhecida e forjada através da experiência com os objetos e espaços, sendo assim lugares de memória podem ser compreendidos como:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso criar datas de aniversário, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso, a defesa, pelas minorias, de uma memória

refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (RAMOS 2008, p.123 Apud, NORA, 1993, p.23).

Com a emergência de minorias e outras perspectivas históricas nas últimas décadas, esses lugares de memórias, sejam eles, museus, igrejas, monumentos, (patrimônios relacionados com esse trabalho) ou outros, precisam ser repensados. A quem eles representam? Que histórias são contadas?

No caso do Museu Histórico da Serra, nas primeiras visitas, a narrativa era maior em torno da família que foi proprietária do casarão e dos objetos expostos no espaço museal. Entretanto, nos últimos anos, a proposta em torno do acervo e da narrativa sobre Chico Prego e a Insurreição de Queimado, tem se tornado volumosa, fruto de um desejo de memória latente, de uma memória a ser lembrada e comemorada, e amplamente divulgada, não somente na data de seu aniversário, mas como movimento na luta por liberdade.

A partir da lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, e de uma maioria de alunos negros, pensar o papel do negro na sociedade e localizá-lo como personagem que resistiu a sua condição de escravizado<sup>59</sup> e lutou pela liberdade, evoca uma memória de importância, de ressignificação do papel desse sujeito nos acontecimentos históricos e a partir disso, criar condições para o pertencimento e a construção de identidades.

Esperamos ressignificar a memória, como essa aparece no conceito de rememoração em Benjamin (1985), revisitando o passado para criar um presente e futuro mais justos e igualitários para a construção de uma memória mais equânime. Segundo Silva (1999), educamos quando construímos identidades, produzimos novas subjetividades. Não é dessa memória mais justa, portanto, que a escola precisa lembrar para potencializar a construção de novas subjetividades e logo a produção de novas identidades. (ARAÚJO e LONGO, 2017: p.58).

A tentativa é de aproximar os alunos desses lugares ao longo do caminho apresentado neste trabalho para que conheçam e se reconheçam enquanto moradores do município e sejam atores de suas realizações e da história e que façam com que outros (pais, amigos, conhecidos) também conheçam esses espaços e saibam a importância deles para a história do município e das pessoas que ali viveram e vivem ainda hoje.

---

<sup>59</sup> Utilizamos o conceito escravizado, no lugar de escravo, de acordo com a perspectiva de KILOMBA (2019, p.20) “[...] porque escravizada/o descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto escrava/o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas”.

E percebam que a História também acontece no cotidiano, com pessoas comuns, pois a história de cada um de nós, é composta por nossas experiências e como modificamos e experimentamos o lugar onde vivemos.

Um compromisso fundamental da História encontra-se na sua relação com a memória, livrando as novas gerações da “amnésia social” que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas. O direito à memória faz parte da cidadania cultural e revela a necessidade de debates sobre o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos, situando-os nos “lugares de memória” construídos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que estabelecem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido”. (PCN, 1998, p.26)

Assim, quando falamos em reconhecer determinado espaço, é preciso que eu o conheça, saiba do que se tratam às histórias que ele conta, e mais, que eu me sinta parte ou representado ali, ou mesmo que eu não esteja representado, conhecer as motivações e analisar criticamente, aqui a questão do pertencimento é latente, isto é, “o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”. (POLLACK, 1989: p.3.)

Espaços como os museus, as casas de memória, as bibliotecas públicas, as estátuas da praça e as igrejas antigas, devem ser conhecidos como parte da vivência histórica, na busca por estabelecer relações com o que é estudado, e para compreender e preservar tais espaços. Soma-se a isso, que o aluno que conhece os ambientes e se reconhece neles, poderá ser um agente multiplicador, fazendo com que mais pessoas, conheçam, se reconheçam e preservem os lugares. Sobretudo, as narrativas possíveis de serem construídas através dos objetos ali apresentados, propondo esses espaços como lugares de memória, “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer.” (NORA, apud, GONÇALVES, 2012, p.27)

### **2.3 A construção da proposta e a EEEFM “Professor João Loyola”**

A construção da proposta educativa tem início a partir das reflexões e de nossa trajetória docente, bem como de questões que foram e são relevantes durante nossa prática

pedagógica. Entendendo que historiadores e professores de História são sempre pessoas de seu tempo, isto é, se relacionam com as questões históricas da sua época, assim quando escolhemos estudar acontecimentos próximos de nós, de certa maneira somos participantes dos mesmos. “Ao ensinar, realiza-se um recorte no passado e esse recorte se dá em função das demandas e urgências do presente” (JENKINS, 2007).

Assim, falar sobre a Serra, é eger nesse trabalho, a escala local, como parte importante, e partindo dela, para pensar outras questões da história nacional, sobretudo, em seu potencial como espaço e cidade educadora nas aulas de História.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor João Loyola”, localiza-se na rua Barnabé do Nascimento Neves, s/nº - Serra Centro, Espírito Santo, foi criada através da Portaria E nº 1838/82 de 23/11/1982. Foi aprovado o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série pela Resolução CEE nº 27/86 de 09/05/1986, publicada no Diário Oficial (DO) do ano de 1986. Já a criação do Ensino Fundamental, Séries Finais se deu a partir da Portaria E nº 2735/91 no ano de 1991, com publicação no DO em 02 de abril do mesmo ano e a Criação do Ens. Médio Regular pela Portaria E 3495/99 de 12/03/1999, publicado no DO de 15/03/1999, Resolução CEE nº 2042/09 de 09/09/2009, publicada no DO de 18/11/2009. Aprovação do Ensino Fundamental- séries finais e Ensino Médio pela Resolução CEE nº 3.003/2011 de 22/12/2011, publicada no DO de 29/12/2011.

Atualmente tem capacidade de matrícula para 1800 alunos, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, oferecendo somente a modalidade Ensino Médio Regular, mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, através da Secretaria Estadual de Educação. A escola funciona neste novo endereço, desde o ano de 2014, e no ano de 2021, possuía aproximadamente, 1100 alunos, divididos em 38 turmas, conforme apresentado na tabela abaixo.

Em termos de inserção, a escola está inserida no centro do município, em meio à área comercial e residencial do bairro. Observa-se que a maioria das famílias da localidade é de classe média, porém poucos estudantes residem no próprio bairro da escola, sendo em sua maioria, oriundos de bairros do entorno escolar, que apresentam grande vulnerabilidade social.

O público-alvo atendido pela escola, no diurno possui em geral, a faixa etária entre 14 e 18 anos. Já no turno noturno, há estudantes de idades variadas, que em sua maioria, já

trabalham ou fazem estágio nos outros turnos, alguns inclusive, são chefes de família. A seguir, apresentamos uma tabela com a quantidade de alunos por turma.<sup>60</sup>

Tabela 1 - Quantidades de alunos por série, turma e turno

<b>Alunos por série/turma - 2021</b>			
<b>Ano/série/etapa/curso</b>	<b>Turno</b>	<b>Quantidade de turmas</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
<b>1ª série EM</b>	Matutino	5	185
<b>2ª série EM</b>	Matutino	6	162
<b>3ª série EM</b>	Matutino	4	114
<b>1ª série EM</b>	Vespertino	5	136
<b>2ª série EM</b>	Vespertino	6	147
<b>3ª série EM</b>	Vespertino	4	104
<b>1ª série EM</b>	Noturno	3	97
<b>2ª série EM</b>	Noturno	2	72
<b>3ª série EM</b>	Noturno	3	93
<b>Total</b>		38	

Fonte: Dados de agosto de 2021.

Em termos de espaço físico, a escola conta com dois prédios, integrados por corredores e três pavimentos, sendo o primeiro andar e dois no subsolo. Todas as salas de aula são equipadas com equipamento multimídia e caixas de som. A seguir, apresentamos uma tabela<sup>61</sup> com a composição dos espaços escolares.

<sup>60</sup> Os dados da tabela de alunos por turma, foram retirados do sistema SEGES e disponibilizado pela secretaria escolar no mês de agosto de 2021. A tabela foi desenvolvida pela autora.

<sup>61</sup> A tabela foi elaborada pela autora a partir de dados do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), referente ao quadriênio 2020-24. Esse documento é produzido pela própria escola e é enviado a Superintendência Regional de Educação.

Tabela 2 - Descrição do espaço físico da EEEFM “Professor João Loyola”

<b>Espaço Físico</b>	
<b>Espaço</b>	<b>Quantidade</b>
Salas de aula	15
Parte administrativa (secretaria, sala da direção, sala de professores, arquivo, sala de pedagogos, coordenação, sala de Educação Especial, sala de planejamento, cozinha de professores, depósito de materiais)	1
Biblioteca	1
Laboratórios (Química, física/matemática, artes).	1
Laboratório de informática	2
Auditório e miniauditório	1
Banheiros	19
Quadra coberta/quadra sem cobertura/pátio interno.	1

As motivações para escolher essa escola para construção da proposta, são muitas. A primeira delas está na proximidade da escola, com o centro histórico do município. De acordo com LEITE (2020, p. 51),

[...], entende-se por centros históricos áreas urbanas que circunscrevem os núcleos antigos e/ou regionais das cidades. Os centros históricos são assim chamados por serem localidades importantes e indispensáveis para a compreensão da história da cidade, da evolução urbana e dos processos humanos de ocupação e disputa de território.

O bairro Serra Centro, possui características que nos permitem identificá-lo como centro histórico, a partir do conceito acima citado. Localiza-se em uma área urbana, foi um dos primeiros núcleos habitacionais do município, sendo necessário para compreendermos como a cidade surgiu e se modificou ao longo de seus 464 anos, bem como, é uma localidade relevante, pois nela encontramos os principais espaços dos poderes e secretarias do município. Somado a isso, prédios e construções que testemunham, diversos momentos da história e manifestações populares na cidade. Assim, ter um centro histórico nas proximidades da escola, amplia o leque de possibilidades das aulas.

A segunda motivação, além da proximidade com o centro histórico, é que a maior parte dos alunos, frequenta e passa diariamente para chegar à escola, os lugares que elencamos para o caminho. Mesmo não morando no bairro da escola, muitos se utilizam de transporte coletivo, por ser um centro também comercial, fazem compra em supermercados, farmácias, lojas diversas, academia, a feira, além de frequentar as praças e as igrejas. Assim, conhecer o *lócus*, que será trabalhado, facilita a aproximação com os lugares, as analogias e a experiência dos estudantes em relação a caminhar pela localidade.

A terceira motivação, é a estrutura escolar e apoio para práticas pedagógicas que contribuam para o protagonismo dos estudantes. Desde o primeiro ano que realizamos as atividades, a facilidade em organizar as aulas, os horários, a visita pedagógica, bem como possibilitar aos estudantes, esse momento diferente nas aulas de História.

Existem outras motivações, porém destaco a proximidade da escola com o centro histórico, o contato prévio da maioria dos estudantes com o lugar e a estrutura escolar para desenvolver a atividade como a mais pertinente.

Entretanto, com o decreto da Pandemia de Covid-19<sup>62</sup> e a suspensão das aulas presenciais<sup>63</sup>, não foi possível realizar a proposta inicialmente planejada, de novas visitas e suas avaliações. Sendo assim, descrevemos a seguir, as experiências anteriores, em relação ao caminho percorrido entre os anos de 2017 a 2019, com estudantes dessa escola, e que juntamente com as observações, leituras e práticas, subsidiaram a proposta para o ano de 2020.

Desde que iniciamos nossa prática pedagógica, todos os anos levo os alunos de todas as minhas turmas em espaços que compreendemos serem lugares de aprendizagem foram do ambiente escolar e que se relacionam com a proposta e conteúdos curriculares da escola que leciono.

Enquanto docente, já havíamos visitado o Museu em anos anteriores, e no ano de 2017, como anteriormente mencionado. Nesse momento, propus a primeira visita ao museu, como estava de Lotação Provisória, pois faltaram turmas para fechar a carga horária da disciplina de História. Assim, precisamos ficar temporariamente complementando cadeira em outra escola da Rede Estadual, a EEEFM “SERRA SEDE”, essa escola inclusive, localizava-se mais próxima ao museu.

---

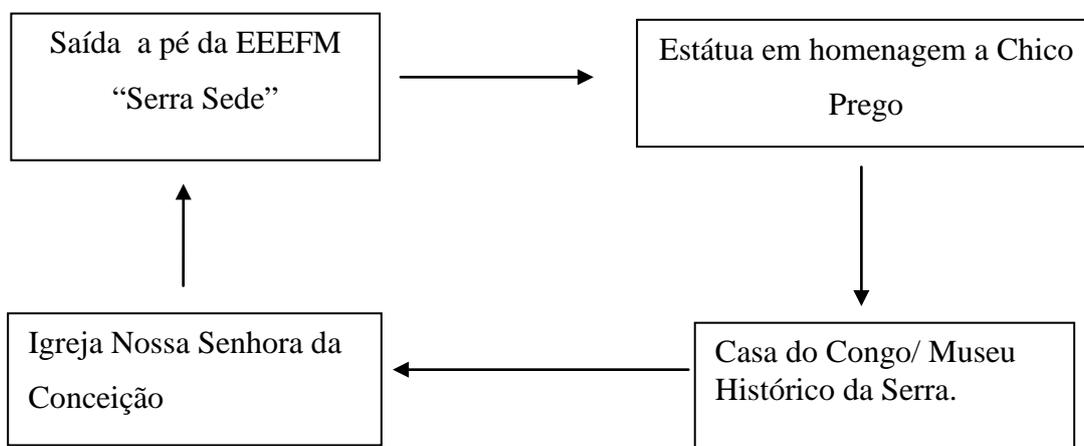
<sup>62</sup> Em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).

<sup>63</sup> DECRETO Nº 4597-R, DE 16 DE MARÇO DE 2020. Que dispõe medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19) na área da educação, e dá outras providências, suspendeu às aulas presenciais a partir de 23 de março de 2020, por 15 dias.

A primeira visita foi proposta no ano de 2017, para os alunos do sexto ano<sup>64</sup> do Ensino Fundamental. Após diagnósticos em relação ao conhecimento histórico desses alunos entramos no conteúdo “Introdução à História”. Um dos temas, dessa unidade, eram justamente, os patrimônios históricos e culturais. Após trabalhar o conteúdo com os discentes, propus o roteiro para visitar os patrimônios do entorno escolar, tirar fotos, classificá-los, inclusive entregava uma folha aos alunos com um questionário a ser preenchido e depois discutir cada patrimônio na sala de aula.

O roteiro proposto ao sair da escola, começava pela Estátua de Chico Prego, para contar sua história, as motivações da construção deste monumento e responder os questionamentos dos alunos. Em seguida seria a visita ao Museu e a Casa do Congo. O grupo de alunos era dividido, uma parte visitava o Museu com a visita mediada e outro a Casa do Congo, quando terminava uma parte o grupo trocava de espaço. Depois íamos a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, fazíamos a visita, e depois era hora do lanche, era feito um piquenique coletivo.

Esquema 1 - Visita pedagógica 1- alunos do 6º Ano – 2017

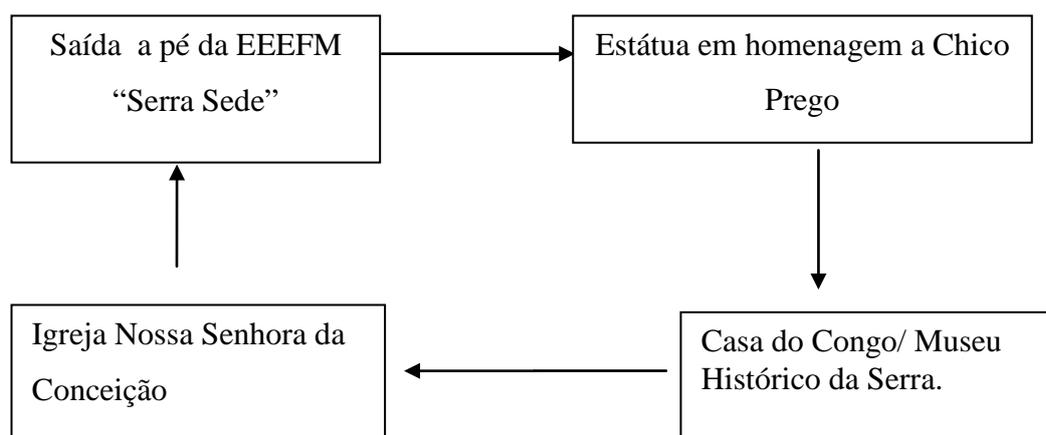


A partir desse momento, surgiram várias inquietações que serão refletidas e apresentadas neste trabalho, pois além dos colegas moradores e alguns professores no município da Serra desconhecerem esses espaços, os alunos quando perguntados sobre os patrimônios do município não sabiam identificá-los.

<sup>64</sup> No início desse ano, faltaram turmas para completar as 25h (18 horas em sala mais 7 planejamentos) da cadeira de História, fui a última docente da disciplina a ter carga horária na instituição. Sendo assim, precisei transferir minha localização de maneira temporária para uma escola próxima “EEEFM SERRA SEDE” e complementar as horas na escola de origem.

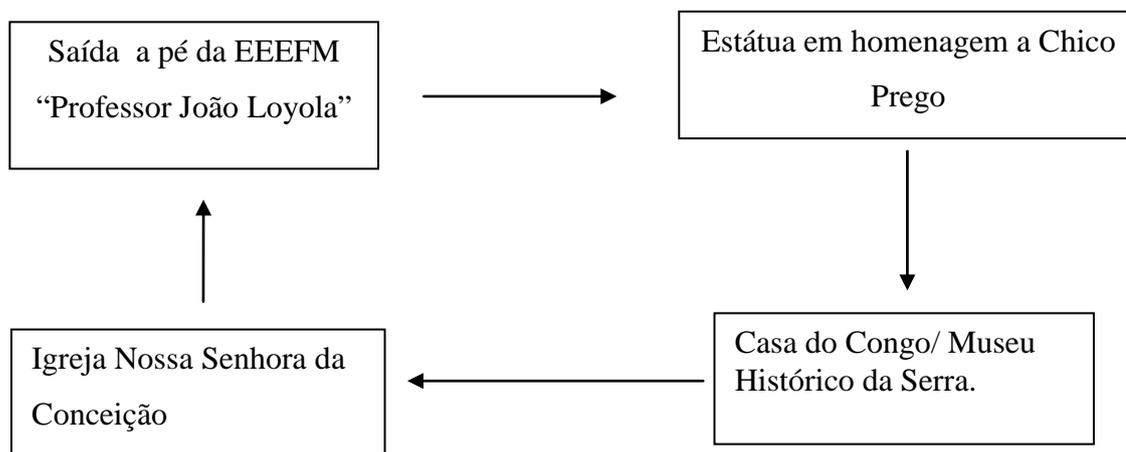
No ano seguinte, 2018 estava em duas escolas, e propus a visita para as turmas de sexto ano e para a primeira série do Ensino Médio. Entretanto dessa vez solicitei que os alunos fizessem uma pesquisa sobre o conceito e os tipos de patrimônios e sem trabalhar o conteúdo previamente. Em seguida fizemos a visita, seguindo o mesmo roteiro do ano anterior. Durante a visita os alunos conseguiam apontar o que haviam pesquisado.

Esquema 2 - Visita pedagógica 2 – alunos da 1ª Série – 2018



Já no ano de 2019, resolvemos fazer algumas modificações na proposta. Essa turma foi piloto para o que eu pensava para o Mestrado. Não expliquei o conteúdo previamente, não solicitei pesquisa, só comentei o que seria feito, as atividades que seriam feitas após a visita, para que os alunos tivessem a possibilidade construir por si mesmos uma narrativa a partir do trabalho de campo e relacionar com que seria estudado na sequência. Entreguei um roteiro da visita e falei que deveriam tirar fotos, e serem surpreendidos.

Esquema 3 - Visita pedagógica 3 – alunos da 1ª Série – 2019



Era uma turma de primeira série do Ensino Médio, com vinte e seis alunos, do turno vespertino. Ao invés de começarmos pela estátua de Chico Prego, fomos direto ao Museu, como o grupo era pequeno não foi necessário dividi-lo. Os alunos fizeram a visita mediada, tinham muitas perguntas a fazer, observaram os objetos, e dos vinte e seis, somente uma aluna conhecia o espaço. A seguir, continuamos a visita na Casa do Congo, lá ouviram sobre Chico Prego, o escultor da estátua contou as motivações para construir aquele monumento. Os alunos tiveram bastante curiosidade de ir até estátua, que seria nossa próxima parada do roteiro.

Agora, conhecendo parte da narrativa da Insurreição de Queimados e de quem foi Chico Prego, os alunos visualizaram a estátua. Terminados os questionamentos, seguimos para o último ponto de nosso roteiro que era a Igreja Matriz, como é popularmente conhecida. Alguns alunos entraram para conhecer a estrutura e as curiosidades que cercam a igreja, e outros não quiseram entrar (motivações religiosas e conversamos na sala sobre o assunto), e como sempre fazemos, lanchamos na praça em frente à igreja<sup>65</sup>.

Após essas três experiências diferentes de conduzir o momento anterior à visita e após as leituras e vivências sobre Educação Patrimonial, avaliamos que a melhor maneira é dar uma instrução inicial, com pesquisa prévia e permitir que aluno vivencie a visita e em seguida retornar à escola, assim permitimos o encantamento, a surpresa e aproximação, sem a obrigatoriedade de preencher um relatório e encher o monitor de perguntas e não extrair da visita o que é mais relevante, construir sua própria compreensão do vivido no local.

Questionando os alunos se sabiam o que eram os patrimônios, e apresentando alguns exemplos, eles me falavam sobre o Convento da Penha, e as Igrejas do Centro de Vitória, mas não identificavam os espaços próximos a eles como patrimônios ou como locais histórico Isto é, a maioria não conhecia, ou mesmo os que já tinham ouvido falar, não haviam entrado, portanto não o identificavam como locais históricos e não se identificavam com os mesmos. Assim, chegamos a proposição que seria colocada em prática e analisada para a construção do material educativo. Entretanto, devido à pandemia as aulas presenciais foram suspensas e algumas atividades da proposta abaixo, foram mantidas no material como caráter de sugestão e outras foram retiradas.

Essas atividades foram pensadas a partir da proposta de aula que temos feitos há três anos, com alunos dessa escola, sendo que anualmente de acordo com as turmas envolvidas,

---

<sup>65</sup> Após cursar a disciplina de Educação Patrimonial e apresentação de um trabalho sobre este roteiro no I Congresso do Profhistória e nas orientações, leituras e reflexões, optei por retirar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da proposta do roteiro.

pensamos em uma atividade diferente buscando contemplar a temática de patrimônios em sala de aula.

Assim observando as atividades propostas nos anos anteriores, penso que é possível avançar, e compreender o museu para além de seu espaço físico, e pensar atividades que se relacionem com vivências.

A visita pedagógica começa na sala de aula, onde haverá uma preparação juntamente com os alunos, para que seja extraído o máximo nas mesmas. “É por isso que a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais.” (RAMOS, 2004, p.21).

Segue abaixo a proposta inicial e uma breve descrição das atividades. A atividade havia sido pensada em etapas, objetivando a construção do saber dos estudantes em relação a temática, bem como facilitar a análise processual da proposta.

### 2.3.1 Atividades para a primeira série

Na primeira etapa os alunos irão responder a um questionário online, com questões relacionadas á aula de História e aos patrimônios. A proposta é conhecer o público-alvo deste trabalho, bem como observar o que os alunos já sabem e suas impressões iniciais principalmente com relação aos patrimônios.

O questionário foi adaptado de um perfil que já é feito com os alunos na disciplina de História quando entram na Primeira Série do Ensino Médio, assim, foram criadas questões voltadas ao tema de patrimônio. Os alunos das primeiras séries participantes das atividades deverão responder o mesmo.

Os dados serão tabulados, a proposta é que este questionário seja transformado em gráficos para facilitar a visualização do que foi respondido. Não é nossa intenção, analisar o certo e errado nas questões, mas fazer uma sondagem a respeito do que for respondido.

A ideia de usar o questionário online, partiu de usar os meios que a infraestrutura escolar nos possibilita. A escola em que leciono, possui internet wi-fi para ser utilizada em atividades de pesquisa em sala de aula, os alunos recebem um voucher de internet, com login e senha para utilização que dura o período da aula, esse questionário será respondido no momento da aula.

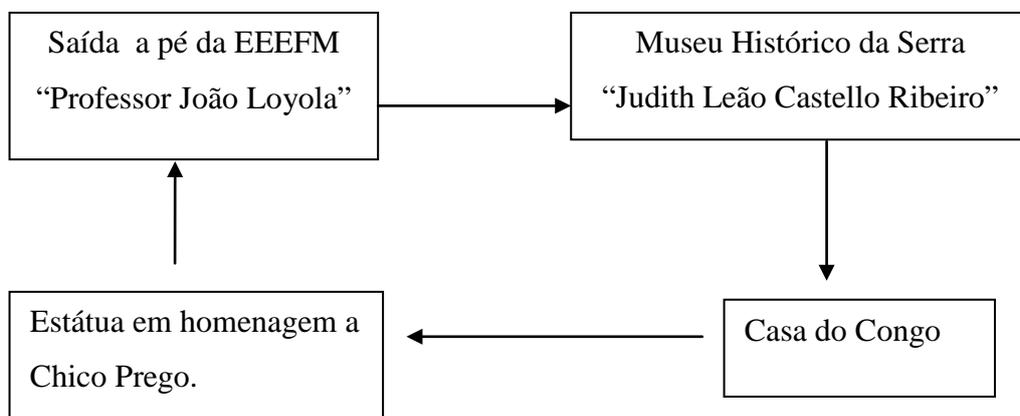
A segunda etapa era uma pesquisa conceitual é importante para a aquisição do conhecimento histórico. É através deles que conseguimos estabelecer relações, paralelos e analogias. De acordo com Bittencourt (2018: 166-167 grifo meu):

“O conhecimento histórico escolar, comparado ao historiográfico, produz-se por intermédio da aquisição de conceitos, informações [...]. O ensino da disciplina justifica-se em todo o processo de escolarização se estiver aliado à necessidade e domínio dos conceitos”.

Esta pesquisa será direcionada para que os alunos façam em casa. Após a pesquisa, utilizaremos a aula para construir e debater os conceitos de patrimônio, museus e outros, que os alunos encontraram (a aula poderá ocorrer antes ou depois da visita de acordo com as datas das aulas nas turmas).

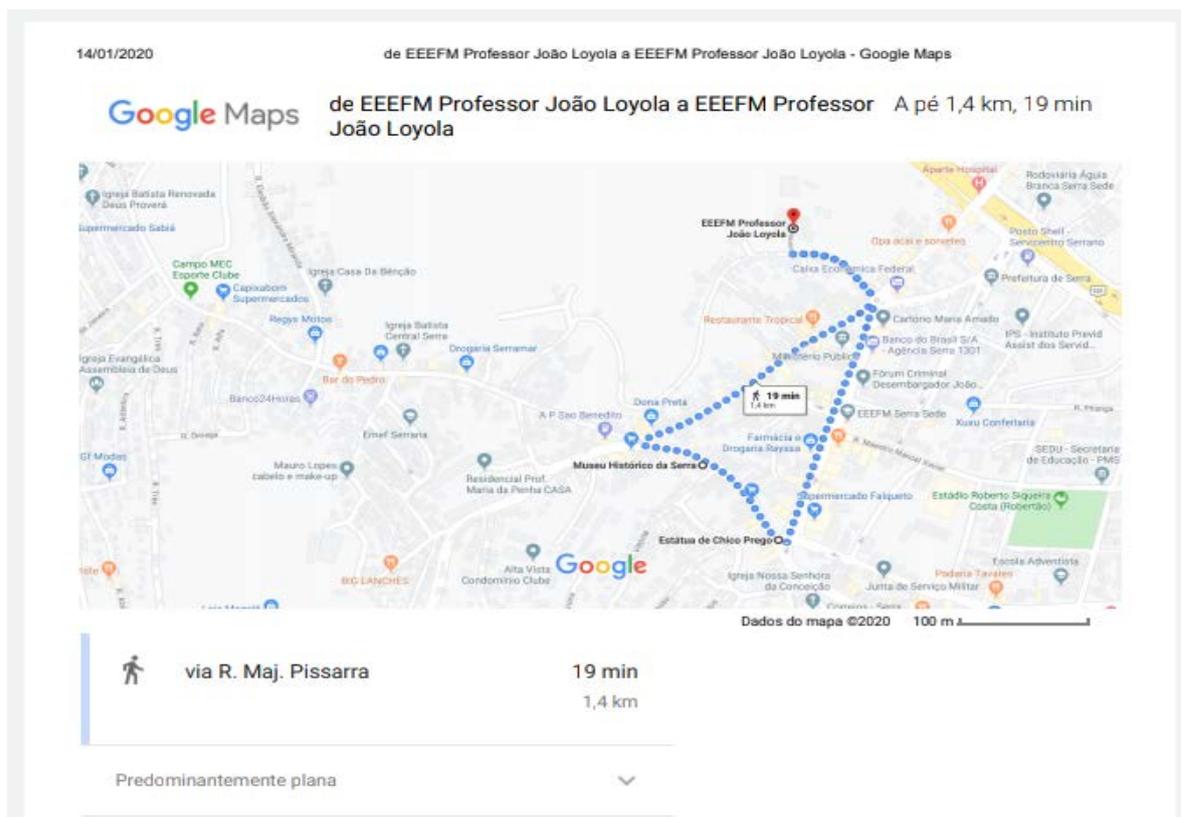
As questões que os alunos deverão pesquisar são: o que é patrimônio? O que é um patrimônio cultural? O que são museus? Temos algum patrimônio nas proximidades da escola? Em seguida, caso existam patrimônios no entorno escolar, listar e pesquisar brevemente a história de cada um deles.

Já a terceira etapa previa uma visita pedagógica aos patrimônios do entorno escolar – com a seguinte proposta de roteiro:



De acordo com a visualização no mapa abaixo:

Figura 17 - Mapa a partir da ferramenta google maps – caminho da escola aos patrimônios



Como o espaço do MHS, não comporta todos os alunos de uma vez, o grupo é dividido na chegada ao Museu, em geral as turmas da escola em que leciono têm 40 alunos. Após essa divisão em dois grupos, o primeiro grupo sobe para o Museu e o segundo grupo fica na Casa do Congo Casa do Congo; quando acaba a visita em um dos espaços, os grupos trocam. Em seguida passamos na Biblioteca Municipal e por fim nos dirigimos ao Monumento ao Chico Prego. Durante a visita os alunos deverão produzir ao menos duas fotografias para etapas subsequentes. Uma das turmas de primeira série trabalhará com questionários após a visita.

A quarta etapa tinha como objetivo, os objetos geradores. Assim, os alunos deveriam escolher em dupla o objeto que mais chamou atenção na visita e trabalhar com uma das fotografias que foram solicitadas antes da visita. A fotografia foi pensada para que o objeto fosse trabalhado na escola ou em casa, uma vez que, a dinâmica em relação ao tempo da visita possivelmente pode não atender ao tempo necessário no trabalho com os objetos dentro do museu.

A fotografia é parte importante da ampliação da capacidade humana de se representa, construindo a história e conferindo significado a essas representações. É

uma forma de educar e olhar e a consciência de dar a ler o mundo em torno e de pensar a realidade. (CIAVATTA, 2007, p. 114)

Partindo dessa fotografia, em duplas os alunos trabalharão com o objeto escolhido, através da fotografia. Na tentativa de contribuir com uma narrativa sobre o que viram, ouviram, passado e presente através de usos do objeto escolhido e suas reflexões sobre o mesmo

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento novo na experiência vivida: conversar entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras. (RAMOS, 2004, p. 32)

Após a produção da atividade os alunos vão apresentar em sala de aula.

A quinta etapa, consistia em outra atividade a partir de objetos geradores, o museu escolar, “pode-se também fazer com que cada participante traga de casa um objeto para ser apresentado ao grupo, através de comentários de quem o escolheu com a própria escolha” (RAMOS, 2004, p. 33). Os alunos deverão trazer um objeto antigo de casa. Nesta atividade pretende-se também identificar a noção de antigo dos alunos. A ideia é que o objeto seja algo que foi ou que é importante para o cotidiano da família, os alunos vão contar a história do objeto junto com suas famílias e trazer para a escola para exposição. Caso não possa trazer o objeto, será necessária uma fotografia.

A sexta e última etapa, previa uma exposição de fotos para a mostrar passado e presente da cidade, os alunos deveriam apresentar também em duplas ou trios, as fotografias tiradas no trajeto, durante ou em algum espaço relacionado a visita. Além disso, para compor a atividade, procurar fotografias antigas sobre o que fotografaram. E depois expor suas impressões sobre as fotografias e a atividade.

### 2.3.2 Atividades para a segunda série

Já havia um rascunho da proposta de para as segundas séries, que seriam amadurecidas ao longo do ano letivo, através da execução das atividades. Entretanto, conhecendo as turmas da segunda série e a partir de um seminário do município da Serra sobre A Insurreição de

Queimado que participamos em 2020 e as reflexões apresentadas, chegamos à conclusão que é preciso apresentar Queimado para os alunos, é preciso mostrar quão forte tem sido a resistência da cultura negra em nosso município, e partir do museu como era a ideia inicial.

A proposta para a segunda série seguiria o mesmo comando das atividades para as primeiras séries, utilizando, a primeira e terceira etapas da atividade. Os alunos irão responder a um questionário online, com questões relacionadas a aula de História, patrimônios e sobre a Insurreição de Queimado.

A última etapa seria um trabalho de pesquisa e apresentação com biografias e as histórias contadas a partir do museu.

Após as etapas do trabalho, os alunos apresentarão suas atividades no dia da culminância do Projeto, podendo ser curtas-metragens (ainda em fase de planejamento), cartazes, murais, jornais-murais e outros, sobre a experiência do trabalho com os objetos e do museu escolar.

Como se trata de um projeto, as atividades ainda poderiam ser flexibilizadas, sendo pensadas, repensadas podendo ser mantidas ou substituídas. Cabe mencionar que as várias atividades, serão trabalhadas por turmas diferentes, entretanto, cada turma realizará todas as atividades. Haverá uma provável culminância, já proposta pela direção escolar para o “Dia da Família na Escola” no primeiro trimestre do ano letivo de 2021, no caso das atividades relacionadas somente ao primeiro ano, onde familiares e cidadãos locais poderão ver as produções dos alunos sobre o Museu e suas histórias.

O material final será composto como anteriormente mencionado, de um livro contendo o roteiro e suas possibilidades e das atividades com o planejamento, execução, análise e a reflexões sobre elas e com as fotografias do processo de construção.

O prolongamento da pandemia e a nova suspensão das aulas presenciais em março de 2021, contribuiu para que a proposta apresentada nesse capítulo se modificasse, dando lugar a um material de caráter informativo em que professores e estudantes construam o conhecimento sobre os lugares históricos do bairro Centro da Serra a partir das questões e reflexões ao longo do material. Assim, no próximo capítulo, apresentaremos como se deu a construção da proposta pedagógica “CAMINHANDO PELA CIDADE – O CENTRO HISTÓRICO DA SERRA: HISTÓRIAS E PATRIMÔNIOS.”

### 3 CAMINHAR PELA CIDADE NAS AULAS DE HISTÓRIA: A RETOMADA DO CAMINHO

- Eu poderia ter uma visão muito melhor do jardim – disse Alice a si mesma – se pudesse chegar ao topo daquela colina. Bem este caminho parece conduzir diretamente a ela – ou, pelo menos... não, me enganei, ele vai para outro lado. (Isso ela falou depois de caminhar alguns metros ao longo da senda e ter dobrado várias curvas fechadas). Mas suponho que eventualmente chegue lá... Que engraçado! Como esse caminho parece se retorcer! É mais um saca-rolhas do que uma aleia! Bem, esta volta conduz à colina, suponho eu. Ora, pois não é que vai para o outro lado! Por aqui voltarei direto para casa! Bem, então vou virar e tentar o contrário.

E foi o que ela fez; vagueou para cima e para baixo e experimentou curva após curva, mas não importa o que fizesse, sempre acabava retornando para a casa. Houve até uma vez que dobrou a esquina mais depressa do que as outras e bateu contra a parede, antes de conseguir parar.

[...] - Eu não pretendo voltar para dentro, por enquanto. Sei muito bem que, se voltar, vou ter de atravessar o Espelho de volta para aquela sala velha – e isso vai ser o final de todas as minhas aventuras!

[...] Assim, ela voltou as costas resolutamente para a casa e recomeçou a trilhar outra aleia com passo firme e decidido, determinada a seguir direto em frente, até atingir a colina. Por alguns minutos, tudo pareceu estar dando certo, e ela já estava murmurando para si mesma: “Desta vez vou conseguir mesmo!”, quando o caminho de repente pareceu se retorcer e se sacudir todo (pelo menos foi assim que ela descreveu a sensação mais tarde); no momento seguinte, Alice descobriu que de fato estava caminhando em direção à porta por onde havia saído.

(Capítulo II – O jardim das flores falantes)

Pensamos esse trabalho como um longo caminho, saindo da escola, passando, refletindo e compreendendo o entorno escolar por onde andamos diariamente, sob a

perspectiva de um caminhante, percorremos esse trajeto, entendendo que esses lugares são cheios de sentido e de questões históricas, carregadas de memória, sejam elas, instituídas pelo poder público, por grupos oriundos em movimentos sociais ou ainda pessoais.

Consideramos esse retorno ao ambiente escolar, não como o fim do caminho e das atividades propostas, mas como retomada, uma vez que, é possível discutir, fazer analogias, bem como, avaliar o que fizemos no processo. Após as visitas pedagógicas, há sempre vários caminhos novos a percorrer, as atividades que são propostas antes e durante, precisam ser revisitadas e é essa a proposta a seguir.

Retomando a ideia do caminhante, apresentado na introdução e no primeiro capítulo deste trabalho, usaremos o exemplo da personagem Alice, da narrativa “Alice no país do espelho” de Lewis Carroll, que se compreendida como uma caminhante, nos aponta questões interessantes, a partir do fragmento de texto acima citado, que é um recorte do segundo capítulo “O jardim das flores falantes”.

A primeira dessas questões é a escolha do caminho, a personagem precisa escolher um caminho que a levará ao topo de uma colina, onde poderá ter uma visão melhor do jardim. Essa escolha do caminho por Alice, é feita de maneira consciente, pois o caminho conduziria ao local que ansiava chegar, o jardim, entretanto, o caminho vai por outro lado, mas eventualmente chegará no ponto desejado.

A escolha dos lugares dispostos no roteiro da aula, também acontece de maneira consciente e “precisamos ter cada vez mais consciência de que qualquer prática em sala de aula nasce de uma concepção teórica” (KARNAL: 2016, p.12). Assim a ordem dos patrimônios elencados, começar pelas reflexões sobre a própria escola, propor a caminhada com os estudantes e partir das observações deles, também é uma escolha. Essa atividade foi realizada em anos anteriores com formatos e propostas diferentes, levando em conta que cada turma é uma turma, e as experiências e concepções docentes, se modificam ao longo do processo.

No segundo capítulo, descrevemos as propostas dos anos anteriores até chegar no formato apresentado, pela proximidade do caminho com a escola, foi possível testar proposições diferentes, elencando os patrimônios em outra ordem, listando e visitando outros lugares, observando somente pelo viés do patrimônio e como fonte histórica, até refletirmos sobre as questões temáticas.

A segunda questão que Alice nos apresenta, é a observação criativa e que interage com o próprio caminho, analisando qual seria o melhor caminho, para chegar ao topo da colina, no fragmento acima, a personagem em sua caminhada, para, observa, faz suposições, faz

experimentações. Alice é um exemplo interessante, de como caminhar pela cidade com os estudantes. Uma vez que, ela praticamente, indica os quatro passos de reconhecimento de objetos, locais ou bens culturais, da proposta da Educação Patrimonial, em sua caminhada, a observação, registro, exploração e apropriação.

Durante o caminho da personagem, ela faz observação (etapa 1) de tudo que está a sua volta, a narração com riqueza de detalhes do que foi observado, são notas mentais da personagem, que podemos compreender como os registros que ela faz consigo mesma (etapa 2). Em seguida, a exploração (etapa 3), se relaciona com pensar e analisar o próprio caminho, a partir das observações. E por último a apropriação (etapa 4), que a personagem faz durante todo o caminho, interagindo, dialogando e contando a experiência do lugar em que se encontra.

O caminho escolhido por ela, de maneira insistente, a leva de volta para casa e não é isso que a personagem quer, pelo menos não naquele momento. Essa é a sensação de muitos alunos, quando fazem visitas pedagógicas, às vezes, sair da escola, do espaço da sala de aula, para o estudante é libertador, sobretudo, quando a atividade é significativa, assim como foi uma experiência libertadora para a personagem, o adentrar ao mundo do espelho. O retorno para ela, não era o fim, mas voltar para aquela sala velha, para Alice, a própria casa, para os estudantes, a sala de aula. Retornar a sala velha, era o fim das aventuras, nas aulas de história, a aventura pode continuar.

Independente do caminho escolhido, pela personagem ou pelo professor, ele se retorce, se sacode, e voltamos para a porta de onde havíamos saído – a casa ou a escola. Entretanto, é sempre possível, ao chegar na porta, recomeçar o caminho, por outra trilha. No caso de Alice, a retomada acontece em outras trilhas, nós, passamos pela porta e retomamos de dentro da sala de aula. Nossa proposta de material educativo é a retomada ou continuação desse caminho.

Os lugares que apresentamos aqui, foram escolhidos devido a potencialidade para discutir alguns temas das aulas de História, permitindo o aprofundamento indicado na Base Nacional Comum Curricular,

[...], diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, respeitadas as diversidades regional, estadual e local. (BRASIL, 2014).

Os personagens e objetos apresentados no museu e na Casa do Congo e a estátua do Chico Prego, onde política, biografias, patrimônios, gênero, escravidão, entre outros recortes

temáticos, relacionando o local com o geral, e por serem temas que tocam na realidade dos alunos da escola em que trabalhamos, para que se reconheçam na história que é narrada, contada e construída por cada um deles.

Após percorrer esse caminho, retornamos à escola, às questões dos estudantes levantadas e não respondidas no caminho, entendendo que, o que foi apresentado anteriormente, não termina na escola, mas é a retomada desse caminho. Quando pensamos, interpretamos e discutimos com os estudantes sobre patrimônios, objetos que contam histórias, História Local, relacionando-os com o conteúdo trabalhado em sala de aula, tais conhecimentos não terminam quando toca o sinal. Saber que fatos importantes, aconteceram ali tão perto deles, aproxima a aula de história do educando, podendo ser capaz de inspirar curiosidade e muitos alunos comentam o que aprenderam com as pessoas de casa, às vezes, ficam curiosos e instigados a pesquisar sobre os assuntos. Assim, ao passar pelos lugares que conheceram, saibam a importância deles, sua contribuição e relação com o que estudaram.

### **3.1 Apresentando a proposta de material educativo**

Esse terceiro capítulo apresenta, como construímos o produto do curso de mestrado, a proposta de material educativo “CAMINHANDO PELA CIDADE – O CENTRO HISTÓRICO DA SERRA: HISTÓRIAS E PATRIMÔNIOS”. O material educativo foi construído a partir de inquietações pessoais sobre temas e personagens da história local do município da Serra, no Espírito Santo, reflexões e anotações nas aulas de história, conversa informais com colegas de trabalho, bem como da necessidade de apresentar um material que ajudasse a responder, questionamentos dos estudantes com os quais trabalhamos<sup>66</sup> e numa perspectiva colaborativa, apresentar sugestões e possibilidades nas aulas de História.

Começamos nosso trabalho, com a capa do material educativo, em geral, uma parte dos materiais didáticos e paradidáticos que fica esquecida, quando entregamos o material aos alunos. Entretanto, já na capa, trazemos uma das principais ideias do material, que é apresentar os lugares de memória, propostos na caminhada. Ao examinar a capa do material, é possível indagar os alunos questões como: Vocês conhecem esses lugares? Onde ficam? Por

---

<sup>66</sup> Em virtude da pandemia, esses questionamentos foram apresentados principalmente, a partir de um questionário no *google forms*, feito com estudantes das segundas e terceiras séries do Ensino Médio, da escola EEEFM “PROFESSOR JOÃO LOYOLA”.

que acham que esses lugares foram escolhidos e não outros? Essas questões iniciais, podem ser exploradas, abrindo possibilidades para o trabalho com a proposta educativa.

Após as sessões de apresentação, autoria, ilustração (é importante mostrar aos estudantes, que quem ilustrou o material foram alunos como eles), lista de imagens e sumário. O material tem início (página 8), em um diálogo com os colegas docentes, apresentando de maneira breve o que é essa proposta educativa, que o material pretende contribuir como aprofundamento tão evocado pela BNCC e demais documentos norteadores e que não esgota as possibilidades, mas pode ser um indicativo para fomentar a curiosidade dos estudantes. Pensando nas reflexões que foram feitas durante o percurso, entendendo o docente como autor da própria aula, embasado nos livros teóricos, materiais didáticos e em sua própria vivência e que não faz uma mera transposição didática descompromissada, mas uma escolha consciente do que e como será trabalhado, apresento as sugestões de atividades, relacionadas com a proposta do caminho e dos lugares visitados e indicados no material.

Na sequência trazemos uma imagem de um estudante (página 10) pensando sobre o que tem na cidade. Essa imagem pode gerar uma provocação interessante, para conhecermos, o que os alunos falam e observam em sua própria cidade. A imagem, já fornece pistas do material educativo. Porém, podemos aprofundar os questionamentos a partir de uma chuva de ideias, listando no quadro em sala de aula, os lugares apontados pelos educandos. Outras perguntas podem ser feitas, “o que você pensa sobre a sua cidade?” “O que você gostaria que tivesse em sua cidade?” O objetivo é dialogar com o estudante sobre o que fala o material, que vamos utilizar em sala.

### 3.1.1 Quando você caminha pela cidade ou nas proximidades na escola, o que te chama atenção?

Figura 18 – Desenho – O que tem na cidade?



Nota: Proposta Educativa, p.10.

Em seguida, há o diálogo com o estudante, os questionamentos envolvem o caminho e o roteiro escolhido do Centro Histórico da Serra, entretanto, pode ser utilizado para indagar e refletir sobre outras localidades, ou ainda sobre um lugar que será apresentado e que tenha características parecidas. A dissertação, segue a mesma perspectiva do material, de apresentar as principais questões a partir de um caminho. As perguntas a seguir, constam no material potencializando um diálogo entre estudantes e o docente.

“Quando você caminha por um lugar novo, o que lhe chama atenção? Casas, prédios, estátuas, construções inovadoras, grandes centros comerciais, pontos turísticos ou outras coisas? Conhece as histórias que cercam esses lugares? Caso conheça, quais desses lugares você visitou com à escola? Quais desses lugares você conheceu ou ouviu falar nas aulas de História?” Questionar sobre o que chama a atenção do estudante é algo bem pessoal e permite que o mesmo, fale ou escreva sobre o assunto, incentivando sua participação.

Usamos essa pergunta no formulário trabalhado com os estudantes, as respostas foram diversificadas, como apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 3 - Quando você caminha pela cidade ou nas proximidades na escola, o que te chama atenção?

RESPOSTAS	ALUNOS DA 2ª SÉRIE	ALUNOS DA 3ª SÉRIE
<b>QUESTÃO ABERTA DE RESPOSTA OBRIGATÓRIA NO FORMULÁRIO.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chico prego</li> <li>• A estátua de Chico Prego.</li> <li>• As paisagens</li> <li>• Nada</li> <li>• Tudo</li> <li>• As pessoas</li> <li>• Que não há muitas árvores na rua.</li> <li>• Não sei</li> <li>• O que mais me chama atenção é a Biblioteca Belmiro Geraldo Castelo, desde quando eu era criança eu passava na frente daquela biblioteca e pensava em um dia que eu entraria lá para ver os livros que lá tinham e fazer empréstimos deles.</li> <li>• A falta de cuidado das pessoas em relação às meio ambiente e até os patrimônios históricos, falta um pouco de cuidado, hoje em dia está tudo tão feio, se acabando, organização também da sociedade e do governo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A estátua de Chico Prego.</li> <li>• Nada.</li> <li>• As lojas.</li> <li>• Não sei.</li> <li>• A igreja católica.</li> <li>• A diversidade.</li> <li>• Algumas construções que ainda são antigas.</li> <li>• A casa do Congo.</li> <li>• Muitas reformas de quando eu era criança.</li> <li>• Eu não olho nada.</li> </ul>

As observações de cada estudantes, nos fornecem pistas, sobre o que chama atenção e se eles prestam atenção na cidade, ao mesmo tempo que muitos visualizam os patrimônios de maneira geral ou especificamente alguns dos quais apresentamos no trabalho, para os demais, isso não tem chamado atenção. O questionamento que se segue é porque não observam nada, ou não sabem responder? Será que a cidade tem feito sentido para esses estudantes?

Ao longo do material, trabalhamos com muitas perguntas, acreditando, que respondê-las e fazer outras perguntas, contribuem de maneira significativa para a proposta do material, bem como os temas que trabalhamos. Não basta ler o que está posto. É partindo das perguntas, sejam elas, as do material ou as dos próprios estudantes, que conseguimos articular o conhecimento e trabalhar as dúvidas e curiosidades. As perguntas e suas consequentes

respostas, permitem sondagens, diagnósticos, e proposição de outras práticas que visem a participação deles. “O problema que, na verdade se coloca ao professor é o de, na prática, ir criando com os alunos o hábito, como virtude, de perguntar, de “espantar-se” (FREIRE e FAUNDEZ: 2011, p.70).

Nossa opção por trabalhar as sessões da proposta educativa a partir de perguntas, origina-se na leitura do livro *Por uma pedagogia da Pergunta*, de Paulo Freire e Antonio Faundez, no qual, as perguntas são o principal norteador para a elaboração do conhecimento, além disso, em vários dos questionamentos que os estudantes fizeram nos formulários, havia perguntas e curiosidades que eles tinham em relação a história local.

No ensino, esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno, esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta!

[...] antes de tudo, ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em buscas de respostas e não o contrário: estabelecer respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar a curiosidade nem a elementos por descobrir. FREIRE E FAUNDEZ (2011, p.67).

Em sala de aula, diversas vezes, o estudante seja por timidez, por achar que a pergunta é boba ou pela postura do docente ao receber e responder as perguntas, deixa de estabelecer relações com o que é estudado, “porque, mesmo quando a pergunta, para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é, para quem fez”<sup>67</sup>, que por vezes, permanece com dúvidas e não dialoga com professor e os colegas sobre os temas discutidos na aula. Soma-se a isso, o trabalho dos historiadores é permeado pelas perguntas as diversas fontes históricas que se utiliza para compreender os acontecimentos. Através das perguntas, construímos conhecimentos, entendemos a sociedade e a nossa própria existência.

Assim, partindo de diversas perguntas, o diálogo com o estudante nessa página, termina com um convite a caminhar pela cidade e nessa caminhada, estimular outras perguntas, diferentes respostas, e novos conhecimentos.

Na página seguinte, trazemos uma poesia sobre a Serra, a mesma utilizada no primeiro capítulo. A partir desse texto, é possível discutir sobre os tipos de patrimônios, caracterizar a cidade descrita na poesia, questionar aos estudantes se a poesia retrata a cidade que moram.

Percebemos que muitos estudantes, não acham a própria cidade bonita, outros inclusive, falam que não há nada de interessante, para ver ou fazer. Ao apresentar o material

---

<sup>67</sup> Conferir FREIRE e FAUNDEZ (2011).

educativo, sobretudo, nessa parte introdutória, precisamos tomar cuidado, para que a visão apaixonada sobre o local não caia no essencialismo ou na apresentação por si só, é preciso questioná-los, as motivações de não gostar da própria cidade. É por não conhecer sua história e espaços? O que tornaria a cidade mais significativa? Uma opção interessante é trabalhar com as estrofes da poesia (página 12) e solicitar que na aula seguinte os alunos levem imagens sobre o município. Essa conversa inicial, a partir da poesia pode ser um diagnóstico da turma, em relação ao local a ser trabalhado nas aulas.

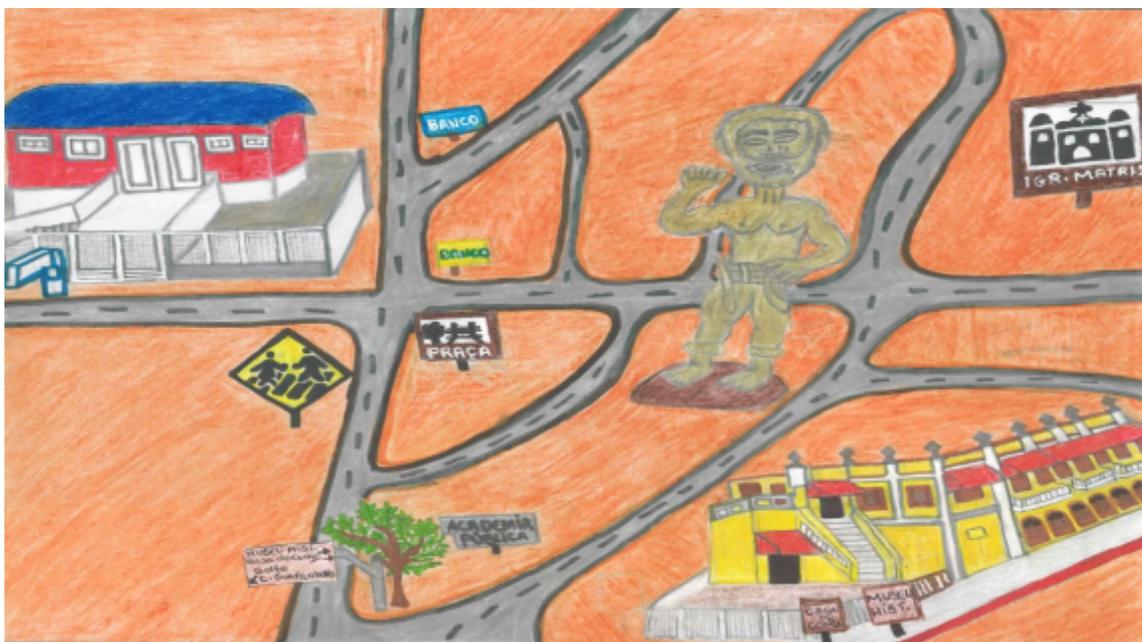
A sessão seguinte, “Tem história nesse caminho?” sugere um aprofundamento das histórias de Judith Castello, Romulo Castello e Chico Prego, a partir da Insurreição de Queimado, bem como, dos lugares elencados. Como já evidenciamos, anteriormente, começamos a partir de uma pergunta, porém antes de falar de história do local, questionamos o que é um caminho? A definição pode partir do aluno e dialogar com o que está escrito no material educativo. Problematicamos também, o termo escravo/escravizado, o que pode ampliar a noção do termo, ficando a critério do professor, os aprofundamentos.

Por que temos poucos personagens mulheres que se destacam na História do município, e por que temos poucas informações sobre Chico Prego, o que está por trás dessa ausência de informações do personagem? Questionamentos assim, abrem a possibilidade para discutirmos gênero, racismo, a participação de personagens mulheres e negros na história local e o que possibilitou que fossem lembrados atualmente? E as motivações dar nome ao museu e construir uma estátua em uma das principais praças do Centro do município. Essas e outras questões, podem e devem ser pontuadas nas aulas de história.

Aspectos principais sobre a Serra, desde a sua constituição até a criação dos lugares que elencamos no caminho, por volta dos anos 2000. Certamente, muitas mudanças aconteceram depois desse período. A proposta foi apresentar um breve histórico, com indicativos de aprofundamento ao final dessa sessão.

Outra possibilidade, dependendo da série trabalhada, é solicitar que os alunos desenhem o caminho de casa até a escola, destacando o que eles observam de mais interessante, depois pedir que cada um apresente o seu caminho.

Figura 19 - Desenho “Trajeto da escola EEEFM Professor João Loyola aos principais monumentos históricos de Serra Sede”. Emilly



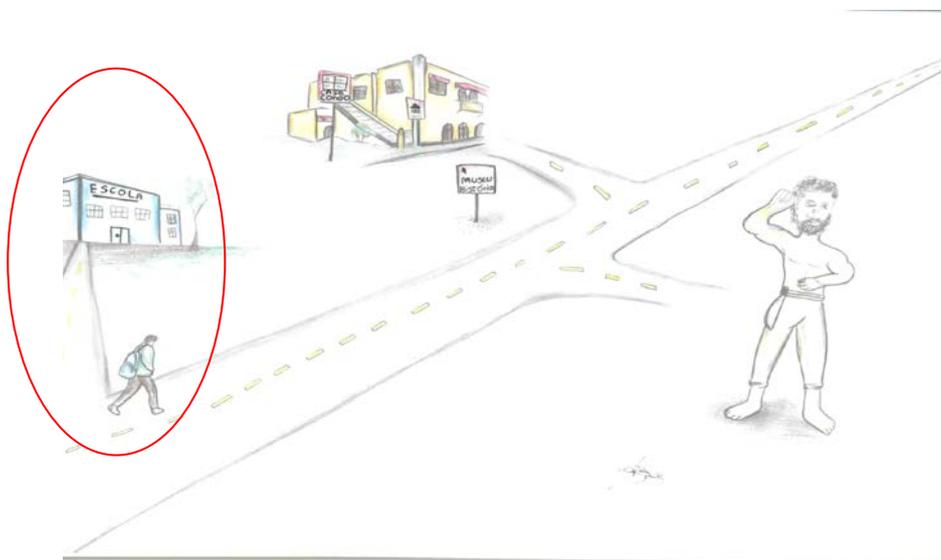
Fonte: Proposta Educativa, p.16

Em seguida, apresentamos, o desenho feito pela aluna Emilly, “Trajeto da escola EEEFM Professor João Loyola aos principais monumentos históricos de Serra Sede”. O desenho dialoga com a sessão seguinte, “Você sabe o que é um centro histórico?” Partimos aqui, da resposta de um estudante, centro histórico é “lugar que tem muita coisa antiga construída” (J.H.O.S – 16 anos, aluno da segunda série), e suas relações com o conceito de Rogério Proença Leite, citado no segundo capítulo e no material educativo.

Convidamos o aluno a pensar os principais aspectos apresentados no material educativo para definir o que é um centro histórico, a partir do autor acima citado. Primeiro ponto: “O bairro Serra Centro, foi um dos primeiros núcleos populacionais da Serra”. O segundo ponto: “É uma localidade importante para compreendermos a história do município, pois abriga prédios históricos, lugares de memória, apesar de passar por transformações urbanas, prédios novos, ainda conserva prédios com arquitetura antiga, bem como as famílias mais antigas da localidade.” O terceiro ponto “Foi e é palco de processos sociais e eventos que fazem parte da cultura local, tais como: o assassinato de Chico Prego em praça pública e a Festa de São Benedito, respectivamente.” O quarto e último ponto: “Os principais prédios administrativos, as casas dos poderes (prefeitura, câmara de vereadores e o fórum), bem como as estruturas das secretarias”. Ao final, após analisarmos todos os itens com os estudantes, é importante indagar, se o bairro que estamos trabalhando é ou não um centro histórico.

### 3.1.2 Percorrendo o caminho

Figura 20 – Desenho “Caminho da escola ao museu”



Fonte: Proposta Educativa, p.16.

A imagem anterior está na capa do material e repetimos várias vezes ao longo do material educativo, evidenciando, em que parte do roteiro estamos e sobre o que falamos.

O início do caminho é a própria escola (página 19, conhecê-la historicamente contribui para o processo de pertencimento, saber quem construiu, as motivações, se o nome homenageia alguém que teve participação naquela comunidade? O que motivou sua construção no local onde se encontra hoje? Que memórias são construídas a partir da escola? Que momentos mais gostamos na escola? Essas, são discussões pertinentes, que contribuem para ampliar a noção do que são os patrimônios.

Ao limitar o estudo a espaços considerados “monumentos históricos”, tombados pelo patrimônio histórico, pode-se conduzir os alunos a equívocos sobre a própria concepção de história e sedimentar a ideia de que a memória histórica deve se ater a determinadas esferas de poder. (BITTENCOURT, 2011, p. 279)

Muitos estudantes, têm a noção equivocada de que a História, os fatos, só aconteceram em lugares distantes. Assim, quando contamos e trabalhamos o que ocorre na cidade onde moram, alguns passam a ter mais interesse, sobre as temáticas locais. Em geral, nas aulas de História, são atividades que fazemos com alunos das primeiras séries do Ensino Médio, quando estudamos o conteúdo sobre Introdução à História. Entretanto, em virtude da

Pandemia de Covid-19, durante o ano de 2020, com a suspensão das aulas presenciais<sup>68</sup> e na maior parte do ano letivo, o ensino ser remoto<sup>69</sup>, foi necessário um realinhamento curricular para o ano de 2021 em que alguns conteúdos da série anterior (cursada em 2020) fossem trabalhados na série seguinte.<sup>70</sup>

Os alunos que passaram da primeira para a segunda série no ano de 2021, teriam contato novamente, com alguns dos conteúdos do ano anterior. Assim, entre os conteúdos da primeira série elencados para serem trabalhados com os alunos da segunda série, incluímos a Introdução à História, sobretudo, o tópico que fala sobre fontes históricas e patrimônios. Entretanto, novamente houve suspensão das aulas, o que impossibilitou, que as atividades fossem desenvolvidas com os estudantes, da maneira como foram pensadas inicialmente. Sendo assim, apresentamos no material, em caráter de sugestão, algumas atividades que foram trabalhadas em anos anteriores e que estão relacionadas a visita pedagógica nos lugares selecionados para o trabalho. O mesmo ocorreu com os alunos que passaram da segunda para a terceira série, porém, o conteúdo incluído foi do Brasil Império.

Ainda nessa sessão sobre a escola, apresentamos algumas informações em um box, juntamente com uma imagem sobre a escola em que trabalhamos (página 20). Uma das escolas mais antigas do município da Serra, hoje pertencente a rede estadual e que formou muitos cidadãos serranos, inclusive, muitos dos pais de nossos estudantes e alguns professores que lecionam atualmente na escola. Em seguida, apresentamos alguns aspectos biográficos sobre quem foi a pessoa que dá o nome à escola “Professor João Loyola” (página 21).

Na sequência, o material apresenta contribuições para conceituar patrimônio (página 22), através da legislação, onde é citado o artigo 216 da Constituição Brasileira e de um dicionário online, é importante, no momento de trabalhar conceitos, deixar que os alunos falem, interajam, para depois trazer a contribuição do material, na tentativa de construir um conceito que faça sentido para eles.

O material após citar duas definições, questiona sobre o que o aluno compreende de patrimônio dialogando com o tema anterior, que é a escola. Outra contribuição do material, é

---

<sup>68</sup> Às aulas presenciais das escolas da Rede Estadual foram suspensas em 17 de março de 2020, a partir do decreto Nº 4597-R, DE 16 DE MARÇO DE 2020.

<sup>69</sup> Houve a proposição de um programa chamado EscoLAR (PORTARIA Nº 048-R, DE 01 DE ABRIL DE 2020), com o objetivo principal de incentivar a oferta de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) vinculadas à adoção de metodologias inovadoras e ao uso de tecnologias voltadas para aprendizagem dos estudantes.

<sup>70</sup> Conforme a participação nas atividades propostas no ensino remoto, ao final do ano letivo os alunos foram promovidos, a partir do que foi chamado de *continuum* curricular excepcionalmente para o ano letivo de 2020, os resultados obtidos nos processos avaliativos, não serão considerados para fins de retenção do aluno, servindo de base para o planejamento de 2021, no que se refere à recuperação da aprendizagem e à retomada de objetivos de aprendizagem não alcançados/desenvolvidos. PORTARIA Nº 092-R, DE 27 DE AGOSTO DE 2020.

uma especificação dos tipos de patrimônios, sempre lembrando que estamos percorrendo um caminho.

Ainda nessa parte sobre patrimônios, destacamos o quadro “pensando conceitos”(página 23), em que apresentamos algumas contribuições conceituais, tais como, revitalização e restauração, para que o professor trabalhe com o estudante. Em outras partes do material, utilizamos o mesmo recurso, ora com palavras provavelmente desconhecidas dos estudantes, destacadas em quadros com cores diferentes; ora com conceitos a serem discutidos com os mesmos. A ideia de pensar o conceito, sugere, que mesmo lendo um significado inicial no material educativo, é possível sempre construir com o estudante, perguntar se concordam com o autor ou como poderíamos dizer a mesma resposta com outras palavras.

Uma sugestão de atividade, é fazer uma lista dos patrimônios que os estudantes conhecem. Uma vez que, agora eles já compreenderam o conceito de patrimônio e sabem grosso modo, suas classificações, podemos listá-los e discutir sobre o que escreveram na atividade.

No questionário, perguntamos aos estudantes, o que eles consideravam um patrimônio cultural, as respostas estão dispostas na tabela a seguir:

Tabela 4 - O que você considera um patrimônio cultural?

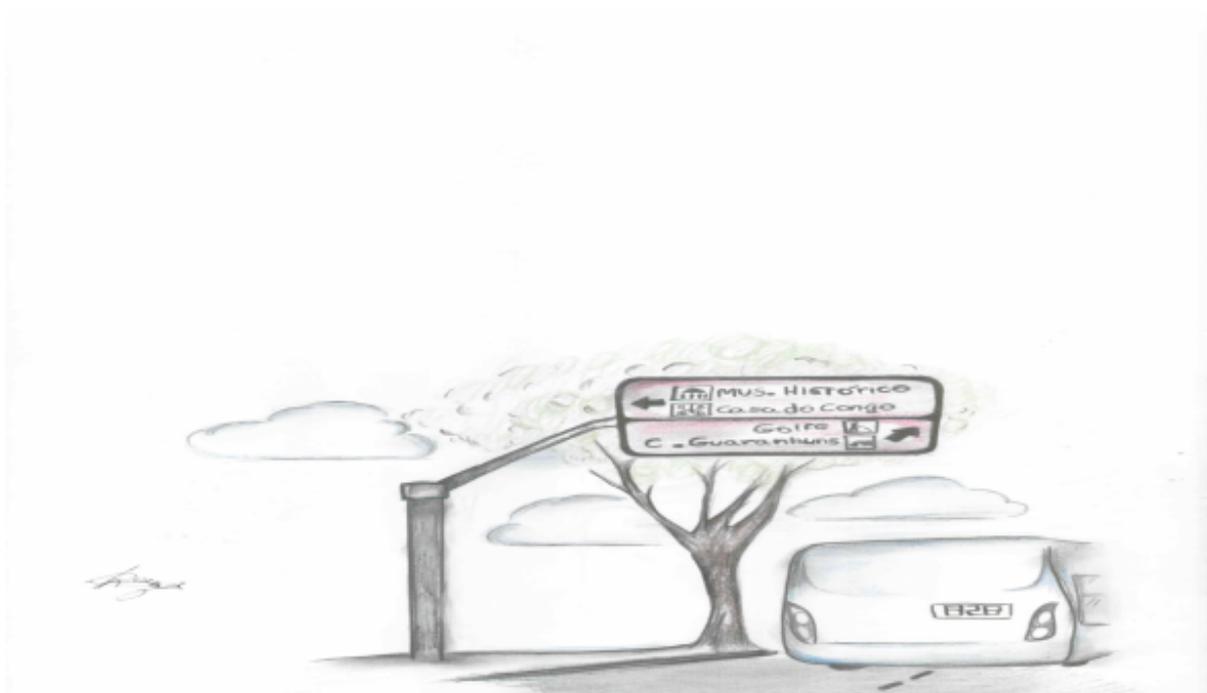
RESPOSTAS	RESPOSTAS DOS ALUNOS DA SEGUNDA SÉRIE	RESPOSTAS DOS ALUNOS DA TERCEIRA SÉRIE
<b>QUESTÃO ABERTA, DE RESPOSTA OBRIGATÓRIA NO FORMULÁRIO.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Congo</li> <li>* Arquitetura, festas, danças, músicas, artes, culinária, igreja, costumes, manifestações populares etc.</li> <li>* Tudo que é especial.</li> <li>*Tudo aquilo que possui importância histórica e cultural para um país ou uma pequena comunidade, como a arquitetura, festas, danças, música, manifestações populares, artes, culinária, entre outros.</li> <li>*Museu.</li> <li>*Não lembro.</li> <li>*A Biblioteca e a casa do congo.</li> <li>*Algum lugar ou monumento que retrata a história de um certo local e a sua cultura.</li> <li>*Eu considero algo que marcou a história do local onde fica</li> <li>*Uma forma de expor sua realidade sua vivência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*O patrimônio histórico e cultural da Serra é riquíssimo. Além do folclore típico e da Igreja e Residência Reis Magos.</li> <li>*Museu, casa conservadas em bom estado, objetos, monumentos históricos e etc...</li> <li>*Bens de família de antigamente</li> <li>*Uma tradição seja familiar ou não</li> <li>*Desenho que foram feitos a muitos anos atrás</li> <li>*Matriz<sup>71</sup>, Casa de congo, Chico prego.</li> <li>*Algo importante que aconteceu no passado que até e lembrado ou festejado.</li> <li>*Não lembro.</li> <li>*Estátua.</li> </ul>

<sup>71</sup> Matriz ou Igreja Matriz é o nome popularmente conhecido e chamado pelos moradores locais da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, “no meio do caminho tinha uma pedra”, apontamos que no meio do caminho havia um museu. Vale mencionar que nenhuma escolha, seja ela, de textos, materiais e roteiros para as aulas são ingênuas, o caminho a ser percorrido tem potência para o ensino de História, bem como para apresentação e debate de diversos temas.

Seguindo a perspectiva do material, que é caminhar pela cidade, antes de chegar ao museu, apresentamos o desenho do aluno Hendry, a partir da fotografia de um estudante que fez o caminho proposto na visita mencionada no capítulo anterior no ano de 2019. As fotografias são solicitadas para que durante a visita o estudante não fique preenchendo questionário. Assim, fotografando o trajeto feito, depois há possibilidade. De acordo com o aluno (R.D. da S. 18 anos – 1ª série, 2019, ele fez a imagem pois “tinha a placa com o nome dos locais que eu ía visitar, o ônibus do meu bairro, professora, e eu achei interessante.”

Figura 21 - Desenho “Caminho da escola ao museu”. Hendry



Em seguida, tem início a sessão, no meio do caminho tinha um museu (página 25), usamos o recurso de repetir o desenho do caminho, agora, evidenciando nossa próxima parada, o Museu Histórico da Serra.

De fato, na metade do caminho (levando em conta o caminho traçado entre à escola e lugares visitados) existe hoje o Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” (página 26), seu breve histórico foi contado no primeiro capítulo desse trabalho e é

apresentado na proposta educativa. Inicialmente conceituamos museu, a partir de Chagas. O contexto de criação do casarão que hoje é o museu, 1862, Segundo Reinado, permite trabalhar relações entre a História do Brasil e a História Local.

Na página 27 do material educativo, apresentamos duas fotografias relacionadas ao museu. A primeira, quando ainda era o casarão da família de Castello e a segunda, como museu. Solicitamos no material, que os estudantes observem as duas imagens e respondam duas perguntas, “O que mudou?” “O que permanece igual?” Nessa parte do material é possível trabalhar a questão da temporalidade, noção indispensável para a compreensão da História, além de ressaltar a importância do uso de fotografias no ensino de história, visto que “o uso da fotografia, pode favorecer o entendimento de mudanças e permanências, por intermédio de um estudo comparativo.” BITTENCOURT (2018, p.296).

Apresentar as imagens e fazer a comparação em relação a estrutura, cores, formatos, enfeites, materiais utilizados é uma estratégia interessante para dialogar com os estudantes, podendo inclusive fazer referência a casa onde moram, à escola onde estudam, o caminho que fazem até a escola, entre outros espaços.

Na página seguinte, apontamos as motivações para a criação do museu, a partir da lei Chico Prego. Abaixo desse parágrafo, apresentamos uma caixa de texto, sobre o que é a lei mencionada, quando foi criada e porque recebeu esse nome.

Figura 22 - Desenho “Museu Histórico da Serra”



Fonte: Fonte: Proposta Educativa, p. 28.

Em seguida, apresentamos uma imagem sobre o museu, partindo da seguinte questão: “Agora que você sabe o que é um museu, o que será que tem dentro dele?” Essa parte do livro, pode ser norteadora, para refletirmos juntamente com os estudantes sobre o que tem dentro de um museu. Pontuando que, a noção de museu que só tem ou expõe coisas antigas é uma visão reduzida desses patrimônios, visto que, vários museus na atualidade, também apresentam em seus acervos aparatos tecnológicos de última geração, dependendo principalmente da proposta da instituição. Ainda sobre o que tem no museu, podemos solicitar que os estudantes, pesquisem diferentes tipos de museus e seus acervos, ou ainda, uma pesquisa direcionada sobre museus que apresentam acervos contemporâneos.

O item seguinte, fala sobre os objetos no museu. Assim, como nas partes anteriores, começamos a partir de uma pergunta: “É possível conhecer a história de um lugar ou das pessoas a partir dos objetos?” Apresentamos um desenho sobre a sala de jantar exposta no museu. Aqui é possível retomar, a questão sobre o que tem dentro do museu. Quais objetos, os estudantes pensavam ter naquele museu e o que encontraram.

Figura 23 - Desenho “Objetos no museu”



Fonte: Proposta Educativa, p. 29.

A questão pode e deve ser respondida pelos estudantes e na sequência a resposta que trazemos no material educativo. A resposta é sim, quando entendemos esses objetos como fontes históricas, podemos compreender determinados contextos e pessoas a partir desses

objetos. Outra pergunta norteadora é “que objeto antigo você tem em casa?” Sugerimos ao docente, dar continuidade a questão da temporalidade abordada anteriormente no material.

Para além da construção, o museu tem em seu acervo, uma gama de objetos que subsidiam histórias de pessoas e de acontecimentos históricos locais. Ao longo do material destacamos três personagens, Judith Leão Castello Ribeiro, Rômulo Castello<sup>72</sup> e Chico Prego<sup>73</sup>. Podemos questionar se o aluno, conhece ou já ouviu falar desses personagens, o material também apresenta imagens sobre os mesmos e algumas curiosidades, suas biografias podem ser utilizadas em pesquisas sobre moradores locais ou pessoas que foram importantes na história do município, ou ainda, a história pode ser contada a partir dos objetos?

Cada objeto dali retirado se esvazia de todo o seu significado básico advindo das relações que ali se mantinha. É certo que esse cenário, para fins didáticos, pode ser recriado, como é normal em muitos museus no mundo. Mas, nessas reconstituições, sempre se percebe uma artificialidade fria e estática onde está sempre a marca inesperada da presença humana. (LEMOS, 1981, p. 16-17)

A observação destes objetos no museu é importante, pois será a partir dos mesmos que se dará uma das atividades propostas no material, isto é, os objetos como geradores em potencial para pensar as transformações históricas.

Defende-se, portanto, uma História dos objetos que pressupõe o estudo da História dos objetos: o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu ou na sala de aula. Assim, qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão, [...]. (RAMOS, 2004, p. 22)

A ideia é que os objetos sejam observados e que as transformações históricas sejam compreendidas através deles e que o aluno seja capaz ao longo da visita ao museu ou de objetos que tenha em casa, através das atividades que serão propostas, construir sua própria compreensão criativa e crítica. Isso se dará, pelo menos a priori, através de problemáticas a serem apropriadas pelos alunos. “Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na ‘palavra geradora’ constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história”. (RAMOS, 2004, p. 32)

---

<sup>72</sup> Apresentar o breve histórico de Rômulo Castello, não era nossa intenção inicial. Entretanto, compreendendo, sua importância na história local e para as reformas feitas no museu, bem como do mobiliário e acervo expostos atualmente, inserimos o personagem em nosso material.

<sup>73</sup> As histórias desses personagens foram apresentadas no primeiro capítulo desse trabalho. Já no material educativo são contadas de maneira breve, no caso de uma proposição de atividades, os alunos podem aprofundar suas pesquisas, de acordo com o que for solicitado pelo professor.

Para isso, nos apropriamos da ideia dos objetos geradores esmiuçada no livro “A danação do objeto: o museu no ensino de História” de Francisco Régis Lopes Ramos, que parte da compreensão de palavras geradoras em Paulo Freire para pensar os objetos geradores, seja no museu ou outros lugares. As palavras geradoras, assim como os objetos, partem do universo de conhecimento do estudante. Assim, estabelecer relações com os objetos, que ele já conhece ou com lugares que ele caminha diariamente, contribuem para experienciar

[...] palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram. Representativos das respectivas situações, que, da experiência vivida do alfabetizando, passam para o mundo dos objetos. (FREIRE: 1987, p.6)

Ainda sobre os objetos, há uma pergunta sobre “qual objeto antigo tem na sua casa?”, partindo dessa questão é possível compreender a noção de antigo dos estudantes, como eles se relacionam com os objetos e com a História. É possível solicitar que os estudantes levem os seus objetos para a sala de aula e propor reflexões sobre temporalidades, tema importante no estudo da história.

Considerando objetos e o próprio museu, o material indica o que são fontes históricas e uma classificação sobre elas, de maneira a ajudar o aluno a compreender o que é discutido. Assim, é possível escrever sobre o objeto que o aluno destacou ou achou interessante. Procurando saber, sobre sua história, usos do passado e do presente, que grupo social utilizava, entre outras questões.

No material educativo, apresentamos algumas fotografias de objetos, presentes no museu, que já foram apresentadas nos capítulos anteriores deste trabalho. Em momentos que não há possibilidade de visitar presencialmente o museu, as fotografias contribuem para compor e apresentar o acervo aos estudantes, bem como trabalhar com os objetos a partir dessas imagens.

Ainda na sessão sobre o museu, passamos ao item sobre os personagens (página 33), destacamos de maneira breve a trajetória de Judith Leão Castello Ribeiro, Rômulo Castello e de Chico Prego, três personagens importantes, que são apresentados a partir dos objetos do acervo local, os primeiros, principalmente por serem antigos moradores do casarão onde hoje se encontra o museu, já Chico Prego, por ser uma das importantes lideranças de um movimento por liberdade, sendo assim, tem trajetórias relevantes para a história do município.

É importante mencionar, que separamos os objetos e personagens em itens diferentes numa mesma sessão, para facilitar a compreensão do estudante ao trabalharmos com o material, uma vez que, a partir dos objetos, também podemos construir narrativas históricas sobre as pessoas, compreender como esses personagens influenciaram e foram influenciados pelo seu tempo, sendo essa uma das finalidades do que Ramos (2004, p.114), chama de objeto biografado ou biográfico.

[...] é uma testemunha significativa da vida de alguém, pode assumir os mais variados sentidos. O modo de expor o objeto biográfico depende da configuração que se quer dar à biografia daquele era dono desse objeto, o qual lhe deu utilidades, sentimentos e sentidos.

É importante problematizar junto aos estudantes, com relação aos personagens destacados e os objetos expostos no museu em questão, as motivações de termos objetos pessoais de alguns dos personagens e dos outros não? Porque a exposição está organizada da maneira que é apresentada ou ainda que história esses objetos contam, se reorganizariam a exposição dos objetos e contariam histórias diferentes.

No material educativo, juntamente com os personagens, apresentamos uma imagem de cada um deles, a partir de quadros disponíveis no museu. Entretanto, do personagem Chico Prego, a única imagem, parte de uma representação dos quadros e da estátua construída um ano antes do museu em uma das praças da cidade.

Figura 24 - Desenho “Releitura de Chico Prego”

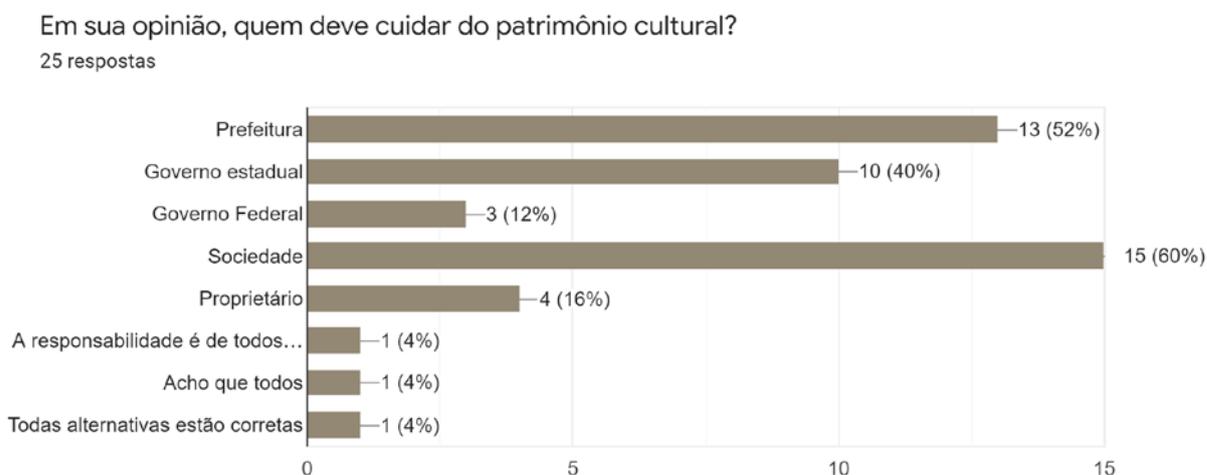


Ao final de alguns dos itens das sessões que apresentamos até o momento, colocamos um quadro escrito “aprofundamentos”, onde se observa a indicação de livros, sites e lugares onde os docentes e estudantes que usam esse material, podem se avançar ainda mais na temática, além da bibliografia ao final do material.

Outro recurso utilizado foi uma caixa de texto, contando quem foi Walter Assis, artista que pintou alguns dos quadros disponíveis no museu e na casa do congo, bem como em outros espaços na cidade.

Na página seguinte, indicamos outra caixa de texto “pensando conceitos”, com as palavras tombamento, ressignificar e redefinir, para refletir sobre conservação e políticas patrimoniais. Relacionando com a questão do formulário “Em sua opinião quem deve cuidar do patrimônio cultural?” Essa foi uma pergunta, com direcionamento de respostas, uma vez que, o estudante poderia marcar a (s) alternativa (s) que correspondesse (m) a sua opinião.

Gráfico 1 - Quem deve cuidar do patrimônio cultural



O gráfico tem um caráter ilustrativo em relação ao que pensam os estudantes com os quais trabalhamos e que o material não foi utilizado na íntegra, pois fizemos somente algumas das discussões propostas. Entretanto, os conceitos podem ser discutidos antes e em seguida questioná-los quem deve cuidar dos patrimônios. Quando chegamos a essa parte do material, os estudantes já tiveram contato, com questões históricas, fontes e patrimônios, assim dialogar sobre preservação, a quem interessa os patrimônios, quem está representado nesses lugares, são observações pertinentes.

Como último item da sessão sobre o museu, indicamos algumas curiosidades, essa parte pode servir de estímulo, para que os estudantes, pesquisem outras curiosidades., tais

como: a possível classificação do museu que estamos trabalhando “museu – casa”. Em geral, chama atenção dos alunos o conceito de museu casa, o qual podemos categorizar o museu que temos em nosso caminho. Questionar se eles conhecem outros museus casa, ou solicitar uma pesquisa. No estado do Espírito Santo, existem vários exemplos de museu casa, sobretudo nas cidades de interior. Chamamos atenção para os personagens e que o prédio, além de ser residência no passado, já abrigou outras instituições do poder público, e que dentre os objetos do acervo, há um importante material de pesquisa arqueológica, evidenciando, o diálogo entre as ciências, a pesquisa e a localidade onde os estudantes moram. Nesse contexto, é interessante solicitar aos estudantes que pesquisem outras curiosidades sobre os lugares apresentados.

A sessão começa com o desenho do caminho, que já utilizamos anteriormente, para que o estudante visualize sobre o lugar que estamos falando. Dessa vez, por se tratar de lugares diferentes, em um mesmo espaço, destacamos de vermelho, a parte mais lateral da estrutura do prédio.

Assim, continuando o caminho, temos a casa do congo, ela se localiza no mesmo prédio do museu, são lugares diferentes, porém complementares<sup>74</sup>. É por isso que quando marcamos a visita pedagógica, indicam ambos os espaços. Um exemplo de como as visitas são complementares, são as narrativas sobre a Insurreição de Queimado, contadas nos dois espaços, versões diferentes, que possibilitam ao aluno compreender esse acontecimento sob outros olhares.

Na casa do congo, o acervo, destaca-se pela importância da cultura popular ali apresentada. Objetos sobre o congo, tais como: instrumentos, indumentárias, bandeiras das bandas de congo, além de fotografias e reportagens relacionadas a esse patrimônio imaterial, bem como sobre Queimado. No primeiro capítulo falamos sobre a casa do congo e o material educativo traz algumas contribuições para a debatermos em sala de aula.

Após a imagem, começamos o item com uma pergunta “Casa do Congo: uma casa de memória?” Para respondermos essa questão inicial, trazemos duas definições de memória uma da autora Sandra Pelegrini e outra de Pierre Nora, ambas já apresentadas no segundo capítulo, onde discutimos o que é memória.

Na sequência, apresentamos um breve histórico da Casa do Congo, sobre a época de seu surgimento, as motivações de sua criação e uma imagem do primeiro prédio onde foi sua

---

<sup>74</sup> Durante uma parte de 2021 e 2022 o Museu Histórico e a Casa do Congo estiveram fechados para reformas. O prédio foi pintado, houve algumas mudanças na composição dos ambientes e a Casa do Congo sofreu algumas alterações no seu espaço, sua entrada agora é por dentro da biblioteca municipal.

sede. Um conceito importante de ser retomado nesse momento do material educativo é do patrimônio imaterial, para que o estudante consiga visualizar o que foi discutido anteriormente sobre os patrimônios.

A casa do congo é um espaço rico em acervos e narrativas históricas, sobretudo, por serem pessoas da comunidade, que a partir do exposto, contam as histórias locais e apresentam o próprio congo como expoente da cultura popular do município da Serra e do Espírito Santo.

Alguns questionamentos importantes são, os estudantes sabem o que é o congo como manifestação cultural? A maioria já ouviu falar sobre a festa da Serra<sup>75</sup>, que muitos chamam de festa do congo, devido ao desfile das bandas de congos locais no mês de dezembro durante as festividades de São Benedito, Nossa Senhora da Conceição e do aniversário do município.<sup>76</sup> Qual a importância de um espaço para apresentar e guardar o acervo relacionado ao Congo?

Na impossibilidade, da visita pedagógica presencial, as imagens disponibilizadas são importantes para que o estudante conheça os lugares e os objetos no material educativo.

Figura 25 - Desenho “Objetos na casa do congo”



<sup>75</sup> Anualmente, durante todo o mês de dezembro há toda uma estrutura festiva por parte da Prefeitura Municipal, da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e das Bandas de Congo.

<sup>76</sup> Em anexo, apresentamos o ebook de turismo, disponibilizado no site da Prefeitura Municipal da Serra, na página da Secretaria Municipal de Turismo. <<http://www.serra.es.gov.br/secretaria/SETUR>> acessado em setembro de 2021.

Abrimos um item “Você sabia?” (página 40) que integra as histórias contadas no museu e na casa do congo, sobre a Insurreição de Queimado. Questionamos se o estudante já havia ouvido falar sobre o ocorrido em Queimado e que aconteceu bem próximo ao caminho que estamos percorrendo a partir do material educativo.

Começamos apresentando que as histórias contadas sobre o fato histórico, tem origem em livros literários e memorialistas, jornais da época, produções acadêmicas e relatos populares. Após essa ambientação, trazemos outra caixa de texto “pensando conceitos”, que geralmente no material vem ao final dos textos, porém nesse momento, optamos por começar debatendo o que é uma revolta e/ou insurreição.

Para falar sobre a Insurreição de Queimado, utilizamos a seguinte estratégia, não apresentamos a história pronta sobre a temática. Inicialmente, enunciamos o tema, começamos apresentando o conceito, para que seja debatido e em seguida, trazemos quatro trechos com fragmentos sobre a narrativa de Queimado, soma-se a isso, tudo que foi apresentado no material nas páginas anteriores encaminham para que os estudantes entendam esse acontecimento a partir das perguntas feitas ao/no material educativo.

Os fragmentos de texto (página 40-41), tem relação com os materiais que acessamos ao longo da pesquisa bibliográfica para compor o material educativo e o texto da dissertação. Levando em conta que nosso objeto não é discutir a Insurreição de Queimado, mas que chegamos nela, devido ao caminho que os patrimônios nos levaram, cabe mencionar, que os recortes dos textos dos autores, possibilitam discutir Queimado sobre vários olhares. Além disso, retomamos a ideia de que os acontecimentos históricos também acontecem perto de nós e a importância das fontes históricas, para compreender o ocorrido.

Os trechos são disponibilizados em caixas de texto, podendo ser utilizados pelos professores na ordem que estão dispostos ou solicitar que alguns estudantes leiam e comentem o que compreenderam. O trecho um da autora Lavínia Cardoso, aponta os agentes motivadores para Insurreição de Queimado, evidenciando o papel do clérigo Gregório Bene, a partir da promessa de liberdade. O trecho dois, da mesma autora, aponta a discordância entre dois outros autores sobre a formação da revolta, enquanto Francisco Eugênio aponta para o clérigo, Afonso Claudio, aponta para os escravizados e as lutas por liberdade. É preciso pontuar aos alunos, em relação aos trechos, quem fala, de onde fala e por que fala?

O trecho três, de Wilson de Rezende, foi escrito a época da Insurreição de Queimado, autor localiza historicamente o movimento, relacionando-o às revoluções liberais no contexto do Segundo Reinado e a resposta do Império a tais acontecimentos. Já o trecho quatro, evidencia o papel da Igreja Católica, e aponta, Queimado como uma primeira derrota dos

escravizados em relação a liberdade. Inúmeros questionamentos podem e devem ser feitos a partir do trecho quatro. Será que mesmo não conseguindo a alforria naquele momento, foi de fato uma derrota? Qual o ano esse fragmento de texto online foi escrito? O autor levou em conta os debates recentes do movimento negro local, a obra de revitalização e a memória atual em torno de Queimado? Abaixo dos fragmentos de texto, temos caixa de texto com as dicas de aprofundamento, que são as obras de onde extraímos os trechos.

Dando continuidade as questões relacionadas a Insurreição, apontamos que Queimado, não foi a primeira e nem a única revolta ocorrida na província do Espírito Santo, o que contribui para que os estudantes compreendam o contexto histórico em que esse fato acontece, como observado no documento a seguir, que foi disponibilizado no material educativo.

O documento em questão segue abaixo (página 42) é uma página do relatório da Província de Antonio Joaquim de Siqueira, do ano da Insurreição de Queimado 1849, falando sobre os quilombos e a ameaça a tranquilidade na província. O documento na íntegra pode ser encontrado no site do Arquivo Público do Espírito Santo. Cabe mencionar que a narrativa sobre Queimado, não está dada no material, apresentamos algumas partes, mencionamos trechos de textos e disponibilizamos várias fontes históricas, propiciando ao docente e seus alunos entenderem o fato histórico, a partir das pistas disponíveis.

Encaminhando para o desfecho da revolta, como foram caçados, alguns assassinados, outros presos e julgados, os escravizados envolvidos. Outro documento disponível no material educativo é uma página do jornal Correio da Victoria, publicado na capital, referente ao dia quatro de abril de 1849, lembrando que a eclosão de Queimado se deu em 19 de março do mesmo ano. No fragmento de jornal, destacamos o agradecimento da “Secretaria de Governo” pela prontidão em mandar homens para reestabelecer a paz na província, assim que soube sobre Queimado.

Ao fazer a leitura desses fragmentos com os estudantes, que questões podemos aprofundar? Esses documentos contribuem para localizar historicamente a Insurreição de Queimado, juntamente com outras revoltas negras do mesmo contexto? Por que sabemos de pouco sobre essas revoltas? Qual a dimensão da revolta na província a partir desses documentos?

Figura 26 - Relatório do Presidente de Província. Antonio Joaquim Siqueira, 11 de março de 1849, p. 7.

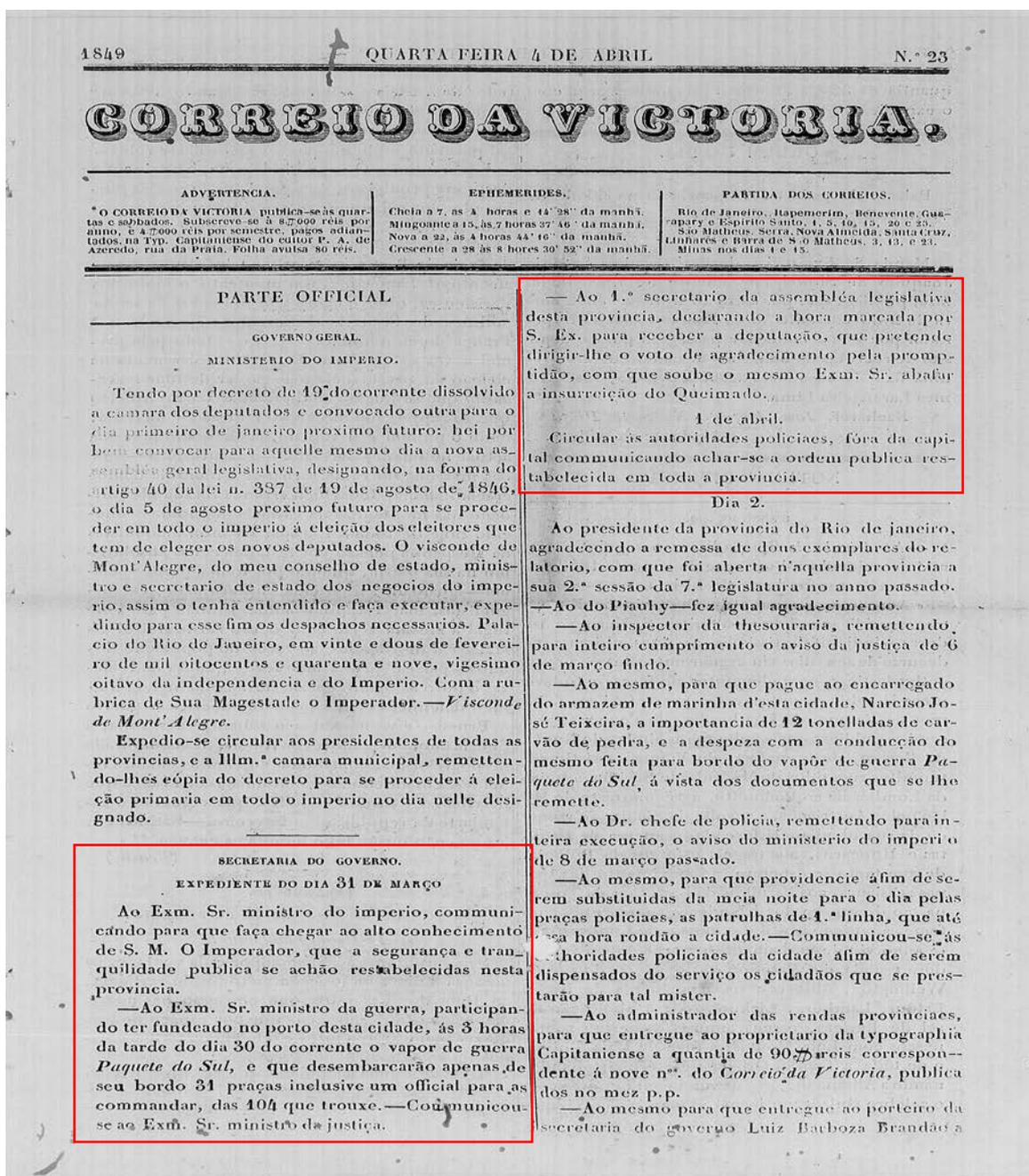
Relatorio Antonio Joaquim de Siqueira - 1849

— 7 —

reitos e obrigações, e então deixarão de figurar na estatística dos crimes esses que ainda hoje com magoa e dôr vemos perpetrar-se. Um mal, contudo, existe entre nós que cumpre extinguir quanto antes, mal que sem duvida alguma comprometterá para o futuro a tranquillidade da provincia, nossa existencia, fortuna e bens. Fallo, Senhores, dos quilombos. A assembléa legislativa provincial sempre solicita pelo bem estar d'esta provincia creou por sua lei de quatro de maio do anno proximo transacto uma guerrilha composta de um commandante e vinte praças engajadas voluntariamente, destinada a prender criminosos, e mui principalmente a destruir os quilombos que formigão na provincia e tanto concorrem para o definhamento da agricultura e desmoralização da escravatura.

As difficuldades com que a presidencia por muito tempo luctou para encontrar um commandante que merecesse a sua confiança e pudesse desempenhar suas difíceis e arduas obrigações, bem como a escolha de pessoas idoneas para compôr a guerrilha ha feito com que essa força não tenha sido ainda organizada, como é de urgente necessidade. Contudo, Srs., a presidencia tomando na devida consideração objecto de tanta magnitude não poupará trabalho algum para que desapareçãotaes difficuldades e quanto antes tenha cabal execução tão profícua providencia. Cumpre-me porem,

Figura 27 - Carta do Presidente de Província ao Ministro sobre o restabelecimento da paz e agradecimento ao abafamento a insurreição de Queimado. 4 de abril de 1849



Em outro texto, que apresentamos abaixo, também extraído de um relatório do presidente de província Felipe José Pereira Leal do ano seguinte a revolta em Queimado, falando sobre o enforcamento de dois dos cabeças do movimento, pois os demais fugiram da prisão.

Figura 28 - Relatório do Presidente de Província de Felipe José  
Pereira Leal, 25 de junho de 1850

Relatório - Felipe J P Leal - 25 06 1850.

11

incutir a confiança, que demanda uma força de tanta importancia, e que se alista levada pela mira no salario, havendo até o facto de ser a propria, que aviza qualquer movimento que vae ter, não sendo possível conseguir-se o segredo nas diligencias, de que é incumbida. Todavia eu pretendia mandar alistar algumas praças para marcharem em diligencia a um dos lugares, onde consta, que existem reuniões de negros fugidos, porem em consequencia da falta de numerario nos cofres, e mesmo por se achar bastante avançada a verba respectiva não resolvei nada á tal respeito.

Tem aqui cabida informar-vos que forão executados dous cabeças da insurreição, que explouz no Queimado no dia 19 de março do anno proximo findo, não o tendo sido os outros porque estes poderão evadir-se da cadeia desta capital, onde se achavão presos.

Fizerão essa execução dous algozes remetidos da corte, tendo-se despendido com o seu transporte para esta provincia e seu regresso, e de cinco permanentes, que os escoltarão a quantia de 274,7920 rs. que foi deduzida da consignada para eventuaes.

Adespeito das promptas providencias, que expedi logo que soube da fuga desses malvados, não foi possível captural-os, e estando este negocio bastante recommendado ao subdelegado do

Após essa imagem do relatório do presidente de província, apresentamos o desenho sobre as ruínas de Queimado atualmente, feito pela aluna Émilly. É preciso que os estudantes entendam o caminho percorrido no material educativo e como chegamos em Queimado.

Figura 29 - Desenho Ruínas de Queimado. Émilly Évelyn Amaral



Fonte: Proposta Educativa, p. 46.

Na sessão seguinte, repetimos o desenho do caminho, agora evidenciando o desenho da estátua de Chico Prego, temos pouco material disponível específico sobre esse personagem, o que se tem, são informações dispersas nas várias narrativas sobre Queimado, obras sobre o acontecimento e informações de populares. É preciso refletir sobre isso com os alunos.

Apresentamos uma fotografia da estátua que se encontra em praça pública (página 48), já disponibilizada nos capítulos anteriores. Mencionamos a prisão e consequente enforcamento de Chico Prego, como um dos líderes da insurreição, ocorrida em 1849, nas proximidades do local onde hoje há uma estátua em sua homenagem, servindo de exemplo para outros que quisessem liderar movimentos da mesma ordem.

Em seguida, apresentamos uma caixa de texto “pensando conceitos”, apresentando o significado da palavra patíbulo. Destacamos também em outra caixa de texto, Almirante Tamandaré que dá o nome a praça onde fica a estátua de Chico Prego.

Após a estátua de Chico prego, passamos para uma nova sessão. Repetimos o desenho do caminho, evidenciando novamente o prédio escolar, através de um círculo vermelho e de traços da mesma cor, demarcando o caminho da estátua à escola. O que em tese, seria o fim do caminho, na verdade constitui-se uma retomada do caminho, das questões abordadas e dos questionamentos dos estudantes.

Após o caminho, segue uma atividade, para que os estudantes, agora que já sabem o que são os patrimônios, já visualizaram alguns, identifiquem outros patrimônios no bairro Centro da Serra. O debate a partir das respostas que estudantes apontarem nessa atividade, pode ser um norteador para outros caminhos possíveis. É necessário lembrar que existem outros patrimônios culturais no bairro. Entretanto, nossa escolha dos patrimônios, tem relação com o diálogo estabelecido entre eles e a proposta que pensamos em construir.

Após esse diálogo, começamos outra sessão, a das sugestões de atividades. Ao longo do material educativo, apontamos algumas questões que podem ser trabalhadas e debatidas com os estudantes, porém nessa sessão as sugestões foram sistematizadas, em formato de atividades, sempre levando em conta, que o professor pode utilizá-las como ponto de partida para pensar a sua escola e os seus alunos.

Inicialmente, apontamos algumas questões a serem abordadas com os estudantes a priori, desde a capa do material até as imagens disponibilizadas, sempre utilizando perguntas, para colaborar no debate. As sugestões estão ao final, mas podem ser abordadas durante o uso da proposta educativa. “Por que a autora escolheu esse caminho? Vocês conhecem os lugares de onde vamos falar? Que outros lugares vocês consideram patrimônios? Que reflexões ou apontamentos sobre passado e presente podem ser feitas a partir da poesia sobre a Serra no início do material? Comparar as fotografias que estão no material, abordar a questão da temporalidade, da arquitetura e das memórias partindo das transformações dos lugares.”

Na sessão das sugestões de atividades, para além de um roteiro esquemático a ser seguido, às sugestões têm um caráter reflexivo, todas elas realizadas em algum momento de minha experiência docente. Sendo assim, as atividades apresentam as competências da BNCC, o objeto de conhecimento, conteúdo, as habilidades e a descrição e ao final de cada uma, digo meu objetivo com aquela proposta, bem como os autores que me subsidiaram e a indicação de onde encontrar material de aprofundamento do tema.

Antes de falar sobre as atividades, cabe mencionar que, foi feito um formulário<sup>77</sup> no *google forms*, para uma sondagem inicial dos alunos, em relação aos temas que foram discutidos no trabalho e na proposta de material educativo. Em geral, esse questionário é feito quando os estudantes são meus alunos pela primeira vez na escola em que leciono e eles respondem no caderno de História.

Em virtude da pandemia, do modelo de ensino híbrido, desde 2020 e do trabalho do mestrado, usei essa ferramenta e adaptei algumas questões, que me ajudaram a compor esse capítulo, entender alguns dos questionamentos dos estudantes, sobre estudar tanta coisa em história e não saber o que acontece aqui, bem como na proposição dos textos e atividades que compõem o material educativo.

A primeira sugestão de atividades são os questionários, para fazer uma sondagem inicial, compreender o que os estudantes pensam com relação aos patrimônios. Além disso, caso não haja disponibilidade de ir aos lugares percorridos no caminho proposto, é possível identificar o que os estudantes já conheceram nos anteriores. Os questionários foram disponibilizados em suas versões impressas.

As atividades estão estruturadas da seguinte forma: objeto de estudo, conteúdo, habilidades de acordo com a BNCC, a série, descrição da atividade. A segunda sugestão de atividade está relacionada com a temática da Insurreição de Queimado e fontes históricas.

O conteúdo da segunda atividade sugerida é “Abolição e república”, temática trabalhada no 8º ano e 2ª séries do Ensino Médio<sup>78</sup>. Assim a proposta é trabalhar a Insurreição de Queimado a partir de fontes históricas. A primeira etapa consiste em trabalhar o conteúdo sobre as insurreições negras, que é parte do currículo e onde trabalhamos Queimado, através de uma aula expositiva dialogada.

A segunda etapa da atividade, sugere que os alunos sejam separados em grupos, assim como as fontes disponíveis no material educativo. Já terceira etapa seria a socialização do que o grupo leu, discutiu e observou, através de uma produção de texto ou jornal mural. Na construção da parte sobre Queimado, a ideia não era fornecer a história pronta e acabada da revolta, mas permitir que os estudantes conheçam as diversas versões do fato e compreendam de onde surgiram essas versões, com base em que fontes e como isso serve e interessa a diferentes grupos da nossa sociedade.

---

<sup>77</sup> Os questionários estão no apêndice do trabalho.

<sup>78</sup> O currículo utilizado para a construção da proposta foi o Currículo Básico Comum da Rede estadual do Espírito Santo (CBC-2009).

O conteúdo da segunda atividade sugerida é “Transformações históricas” dentro desse conteúdo estão tópicos de Introdução à História, Tempo, Cultura e Patrimônios, temáticas trabalhadas no 6º ano e 1ª séries do Ensino Médio. A primeira etapa dessa atividade sugerida é a visita pedagógica. Em tese, o material educativo já foi ou será trabalhado. Sugerimos conversar com os estudantes sobre a proposta do roteiro, os objetivos, solicitar que tirem fotos, pois dependendo do tempo da visita, algumas questões serão trabalhadas na escola em um momento posterior.

Apontamos o caminho proposto e uma visualização no mapa, outro recurso que pode ser explorado com os alunos na hora de elaborar, desenhar o caminho que fazem de casa até a escola. Inclusive no caminho percorrido passamos por lugares que não estão no roteiro proposto e podem ser problematizados no retorno à escola.

No material sugerimos questões a serem discutidas e observadas, para cada série, antes de adentrar ao museu. Observar a construção, olhar o entorno, questionar questões de estrutura e arquitetura, se acham que permanece igual quando foi construída e ainda o que é um museu, o que acham que tem em um museu?

Durante a visita guiada tem um(a) monitor(a) que apresenta todos os espaços, questionando os estudantes, estimulando a curiosidade e respondendo as perguntas que os mesmos fazem. Além disso, boa parte da visita se desenvolve a partir dos questionamentos dos estudantes.

Outras questões são sugeridas antes de entrar na Casa do Congo, tais como: o que é congo? Qual a importância de um espaço para apresentar objetos da cultura popular? Solicitar que observem as imagens, as indumentárias, os instrumentos e demais materiais em exposição. Durante a visita, observar a exposição, destacar o que chama atenção e o que o monitor(a) fala sobre o local. Que histórias são contadas no lugar?

Em seguida apontamos questões para a visita a estátua de Chico Prego, por se encontrar em um local aberto, onde passam muitos carros, o ideal é levar um microfone. Trazer as questões sobre a estátua, tais como: qual o papel de Chico Prego na Insurreição de Queimado? Quem vocês acham que elegem os personagens que são lembrados, esquecidos ou homenageados? Nesse momento também é possível que os alunos questionem os motivos da visita ao três lugares e procurem estabelecer relações, o que pode ter contornos diferentes, caso o material educativo seja trabalhado antes ou depois da visita pedagógica.

Na segunda etapa dessa atividade, vamos trabalhar com a ideia do objeto gerador, pensando a partir dos objetos do museu e da casa do congo. Separar os estudantes em duplas. A fotografia que os estudantes fizeram, deverá ser impressa, os alunos precisam descrever o

objeto, as motivações por terem escolhido, qual seu uso, contexto histórico, seus usos na sociedade em que foi produzido e na atual, pensar passado e presente através desse objeto, outras questões que professor achar pertinente. Após o término dessa etapa os estudantes deverão socializar as respostas, através de textos.

A terceira e última etapa é um museu escolar temporário, onde os estudantes, ainda separados em duplas, deverão trazer objetos antigos ou fotografias dos objetos. As questões a serem trabalhadas tratam principalmente da temporalidade dos objetos. A ideia é que os estudantes tragam objetos que são importantes para suas famílias, caso não possam trazer os objetos, deverão trazer fotografias e que a história desses objetos seja construída e descrita juntamente com a família. O objetivo dessa etapa é verificar a noção de antigo dos estudantes, discutir a temporalidade e socializar com as outras turmas objetos que os estudantes têm em suas casas.

Após a sugestão das atividades sistematizadas, a sessão seguinte apresenta outros lugares que podem ser considerados patrimônios no Centro Histórico da Serra, praças, Câmara Municipal da Serra, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a praça João Miguel o debate é em torno do antigo e do novo rupturas e permanências, as imagens que constam no material, subsidiam tal discussão com os alunos. A História desses outros lugares, aparecem de maneira resumida, pois o foco do material educativo é o caminho feito entre a escola – Museu – Casa do Congo – Estátua de Chico Prego e o retorno à escola.

Entretanto, sabendo que existem outros lugares, como praças, ruas com nomes de personagens históricos e outros prédios, dependendo da temática e do enfoque a ser trabalhado a partir dos conteúdos das aulas de História, há a possibilidade de outros roteiros, outras propostas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões feitas até o presente momento, os desafios da construção da proposta educativa apresentada neste trabalho, é possível apontar algumas considerações.

Neste espaço de tempo, da entrada no programa ProfHistória até a entrega do material, passamos por diversas experiências, que contribuíram para alterações do projeto inicial. Leituras densas, busca por novas fontes, readequação da proposta com a qual qualificamos, devido ao tempo de execução, bem como a pandemia de Covid -19, que para além de alterar cronogramas, modificou agressivamente nossa rotina.

Inicialmente nossa proposta, apontava o Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” como espaço gerador, através de seus objetos, personagens e como patrimônio, sendo propulsor de outros espaços, na busca por estabelecer relações com os demais espaços, tais como, a Casa do Congo e a estátua do Chico Prego. E propor atividades a serem realizadas no espaço e a partir dele, entrelaçados com Ensino de História e as histórias presentes no Museu.

No ano de 2020, com uma proposta pronta para ser colocada em prática, visitas agendadas, aguardando as atividades diagnósticas para começarmos o trabalho, veio a suspensão das aulas. Nesse meio tempo qualificamos, veio um apagão na tentativa de produzir, retomamos as leituras e a escrita, com intenção de conseguir realizá-las com os estudantes

Entretanto, diante de um cenário pandêmico, nossa proposta não se tornou viável para ser colocada em prática, pelo menos não da maneira como imaginamos, isto é, com os estudantes das turmas fazendo as visitas pedagógicas, tirando suas próprias impressões sobre a experiência, trabalhando a partir do que foi proposto, bem como, a descrição das atividades e análise dos dados obtidos. Somado a isso, as sugestões da banca em relação a compreender todos os espaços a partir de sua potencialidade, além de incorporar a própria escola como parte do processo pensado a partir das leituras anteriores sobre a cidade.

A partir disso, reorganizamos nosso objeto de estudo, descrevemos experiências anteriores, uma vez que, para chegar ao que propomos, fomos refinando a experiência para assim construirmos o texto do trabalho e a proposta de material educativo. Com o novo objeto, pensado a partir da cidade mais especificamente o bairro Serra Centro e os lugares elencados, a escola (a automatização do processo de ensinar, por vezes engole o docente, tanto que

pensar a escola no caminho, não estava na proposta inicial) e os demais lugares, anteriormente citados.

Mesmo com a mudança do objeto do trabalho, poucos objetivos do projeto de qualificação foram alcançados. A seguir, apontamos o que foi possível alcançar. Dentre os objetivos específicos propostos, a maioria se relacionava ao alcance dos estudantes e devido a pandemia e consequentemente a suspensão das aulas presenciais, não foi possível colocar em prática.

O primeiro e o segundo objetivos específicos eram “conhecer os patrimônios do entorno escolar” e “estabelecer as relações entre os patrimônios do entorno escolar e a História local.” Em sua maioria, os estudantes passam diariamente pelos lugares, como já apontamos ao longo do trabalho, porém, poucos adentraram os espaços, no caso do Museu e da Casa do Congo e/ou conseguem relacionar o que estudam na escola, a história local com tais lugares.

O terceiro objetivo “propor um roteiro de visita aos patrimônios do entorno escolar relacionando-os a partir de conteúdo do currículo das turmas de Ensino Médio.” Nossa proposta de material educativo, foi elaborada, pensando nos lugares elencados a partir de um caminho, relacionando os conteúdos de Introdução à História (mais especificamente, fontes históricas e os patrimônios), bem como, as Insurreições Negras, dentro do conteúdo de Brasil Império, no qual fizemos um recorte trabalhando tais insurreições a partir de Queimado.

Outro objetivo que não conseguimos colocar em prática foi “realizar atividades relacionadas à proposta da visita ao Museu para alunos das Primeiras e Segundas Séries do Ensino Médio.” Conseguimos através do realinhamento curricular, citado no segundo capítulo, trabalhar algumas atividades, porém com estudantes das séries subsequentes, segundas e terceiras séries.

O quinto objetivo “relacionar os espaços visitados e os conteúdos trabalhados no ambiente escolar” só foi possível nas aulas online, em que trabalhamos os conteúdos de maneira expositiva e fomos juntamente com os estudantes apontando as relações entre o que estudamos e o caminhar pela cidade, de maneira introdutória. Já o objetivo “observar as potencialidades do Museu Histórico da Serra para o Ensino de História”, foi ampliado a partir da mudança do objeto central do trabalho, uma vez que, agora observamos as potencialidades de todos os patrimônios envolvidos no caminho proposto.

Como último objetivo, “apresentação à comunidade local os resultados do trabalho a partir do objeto da pesquisa no Dia da Família na Escola, atividade do calendário Rede

estadual do Espírito” também não foi possível devido aos fatores elencados ao longo dessas considerações.

Contudo, mesmo não alcançando os objetivos previstos, alcançamos outros objetivos de maneira surpreendente. A proposição das atividades, bem como sua execução, não se deu da maneira como gostaríamos, entretanto, apresentamos o questionário, muitos estudantes participaram, o que permitiu fazer um levantamento do que já conheciam e compreendiam por patrimônios, bem como, as atividades podem ser trabalhadas nos próximos anos, visto que, parte dos estudantes, continuarão na escola.

A proposta de material educativo, servirá como material de apoio e base para aprofundamento da criação de uma disciplina eletiva<sup>79</sup> como a temática trabalhada no material, indicando a potencialidade do que foi construído podendo ser utilizado em anos posteriores. Assim caminhar pela cidade, não se constitui em um ato simplório, mas que junto com a caminhada, se faz necessária a observação, a reflexão, a experiência e para que isso resulte em conhecimento.

Observamos também, como pontuado pelas professoras da banca, que todos os lugares do entorno escolar, bem como, a própria escola, são potentes para o ensino de História Local e Educação Patrimonial, partindo da seguinte perspectiva.

A história local não se opõe à história nacional (ou global), muito pelo contrário. Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens, os constrangimentos e as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscricões reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. (REZNIK, 2004, p. 5)

Compreendemos que as reflexões oriundas da pedagogia da pergunta, contribuem para o processo de aprendizagem do estudante, fornecendo subsídios para questionar e refletir sobre a sua própria realidade.

A pandemia, prejudicou parte da proposta, mas nos fez perceber que planejamentos precisam ser flexíveis e sempre é preciso se reinventar, sobretudo, estimular a curiosidade dos estudantes que trabalhamos. Curiosidade essa, sem a qual não existe criatividade e reflexão, como diria FREIRE (2019, p.32). “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de

---

<sup>79</sup> As disciplinas eletivas, fazem parte da estrutura curricular do Novo Ensino Médio, em fase de implantação no Espírito Santo desde 2020. No primeiro trimestre de 2022, o material educativo proposto, serviu de base para a disciplina eletiva, com o mesmo nome, no formato presencial, com uma turma de segunda série do turno vespertino e no formato EAD, através da Plataforma “Google Sala de Aula”, também com uma turma da segunda série do turno noturno.

esclarecimento, como sinal e atenção, que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital.”

Ao final, que não finaliza, não se constitui fim do caminho, pois o que foi escrito e elaborado pode e deve ser retomado, por nós e por outros docentes, cada qual como autor de sua sala de aula e das experiências individuais e coletivas com os estudantes, terminamos com um fragmento da poesia “Se” de Bráulio Bessa, que fez muito sentido ao final desse percurso.

Por isso é que o caminho  
Tem que ser aproveitado,  
Deixando pela estrada  
Algo para ser lembrado,  
Vivendo uma vida plena  
Fazendo valer a pena  
Cada passo que foi dado  
BESSA, (2018, p.24).

Assim, em todo tempo, vale lembrar, as aulas de história e a curiosidade sempre moveram meus caminhos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Roberto da Silva. “Eu não sabia que podia entrar:” com a palavra, o visitante do Museu Casa de Rui Barbosa. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Trad. Julia Romeu. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AQUINO, Cristiane Valdevino de. Educação Patrimonial na sala de aula: a escola como patrimônio cultural. *In: Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade / Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. Organização, Átila Bezerra Tolentino [et al.]. – João Pessoa: Iphan, 2014. p. 25-31.*

ARAÚJO, Helena Maria Marques e LONGO, Monique Marques. Enfrentando preconceitos(s) na escola: educar a partir do pensamento e da memória. *In: Cadernos de Educação. Faculdade de Educação. UFPel: 2017, p.45-60.*

BARROS, Paulo de. Memória Fotográfica da Serra: imagens de um município brasileiro. Vitória, Ed. do autor, 2002.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOA MORTE, Teodorico. Insurreição do Queimado em Poesia e Cordel. 6ed. Serra: Luzes, 2013.

BORGES, Clério José. História da Serra. Serra. 3ed. Editora CTC, 2008.

BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989. 2ed. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARDOSO, Lavinia Coutinho. Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade, no século XIX, na província do Espírito Santo (1845 – 1850). Dissertação – PPHIS-UFES, 2008.

CARROLL, Lewis. Alice no país do espelho. Trad. Willian Lagos; Porto Alegre, L&PM, 2017.

CASTRO, Elisiana Trilha. Patrimônio Cultural Funerário. *In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.*

CHAGAS, Mario. Et al. Museu e público jovem: percepções e receptividades. *In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio. Rio de Janeiro: 2010. |Disponível em <https://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/inline-files/94-414-1-PB.pdf> Acesso em Mar/2020.*

CHAGAS, Mario. STORINO, Claudia. Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty. In: Cadernos de Sociomuseologia: Patrimônio, Política e Sociomuseologia. Vol 47. 2014/3. Disponível em <  
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/647>> Acesso em Out/2019.

CHAVEAU, Agnès. TETART, Phillippe. Questões para a História do presente. In: CHAUVEAU, Agnès. TETART, Phillippe. Questões para a história do presente. Trad Ilka Cohen. Bauru: Edusc, 1999.

CIAVATTA, Maria. Memória e temporalidades do trabalho e da educação. Lamparina, Rio de Janeiro, 2007.

CLÁUDIO, Afonso. Insurreição de Queimado: Episódio da história da Província do Espírito Santo. Fund. Ceciliano Abel de Almeida. Vitória, 1979.

COLLINS, Suzanne. A cantiga dos pássaros e das serpentes. Trad. Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

COSTA, Carina Martins. A poesia das coisas no Ensino de História: exercícios de sensibilização. In: SIMAN, Lana Mara de Castro. MIRANDA, Sonia Regina. (org). Patrimônio no plural: educação, cidades e mediações. 1ed. Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2017.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François. Conceitos Chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 59ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. Trad. Antonio Faundez. 7ed. Rev. Ampl e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiae*, v.3, p. 27-46, 2012.

GRUNBERG, Evelina. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília, DF : IPHAN, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IPHAN. Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. 3. Ed. Brasília: Iphan, 2012.  
JENKINS, Keith. A História repensada. Tradução de Mario Vilela. 3ed. São Paulo: Ed.Contexto, 2007.

KARNAL, Leandro (org). História na sala de aula: conceitos, praticas e propostas. 6ed. 5ªreimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

KILOMBA, Grada. Memórias da Planatação. Trad: Jeos Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 7ed. Campinas: Editora na Unicamp, 2013.

LEITE, Rogério Proença. Patrimônio e Centros Históricos. In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.

LEMOS, Carlos A.C. O que é Patrimônio Histórico. São Paulo: Editora Brasiliense 2 ed. 1982.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em mar/2021.

MIRANDA, E. NALY. Reminiscências Da Serra - 1556-1983. Serra, ES, 1984.

MIRANDA, Sonia Regina. BLANCH, Joan Pagès. Cidade, memória e educação: conceitos para provocar sentidos no vivido. In: MIRANDA, Sonia Regina. SIMAN, Lana Mara Castro. (org). Cidade, memória e educação. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. Queimado – A insurreição que virou mito. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2012.

NOVAES, Maria Stella de. A escravidão e a abolição no Espírito Santo: história e folclore. Vitória, 1963.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX, Salvador, EDUNEB, 2003.

OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo. 3ed. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo. Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

OLIVEIRA, Leonardo Valerão. ROCCA, Luisa Durán. Da casa-manifesto à casa-museu: museologia e patrimônio nas residências de Warchavchik, Bo Bardi e Niemeyer. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, vol. 50, p. 123-140, 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Cultural: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_. Patrimônio Imaterial: In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002)> acesso em 19 de out de 2020.

PIUBEL, Thais Merolla. MELLO, Rafaela Albergaria. Patrimônios Sensíveis, ensino de História e disputas de memória: fissurando o “mito bandeirante”. In: Revista História Hoje, v.10, nº19, p.53-76, 2021.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA, Museu Histórico da Serra, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RESENDE, Wilson Lopes de. A insurreição de 1849 na província do Espírito Santo. Cachoeiro de Itapemirim, 1949.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jacques. Jogos de escala: a experiência da microanálise. Trad. Dara Rocha. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

REZNIK, Luís. Uma reflexão sobre a escrita do local e do biográfico. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH – Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548206369\\_434251e541d802b76585776499e22e1e.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548206369_434251e541d802b76585776499e22e1e.pdf) acesso em fev/2022.

RIBEIRO, Judith Leão Castello. OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de (org). Presença. 1ed. Vitória.: GM, 2014.

RIBEIRO, Jonatas Roque. História e ensino de História: perspectivas e abordagens. In: Educação em Foco, Edição nº: 07, Mês / Ano: 09/2013, Páginas: 1-7.

RIoux, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès. TETART, Phillippe. Questões para a história do presente. Trad Ilka Cohen. Bauru: Edusc, 1999.

ROCHA, Levy. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. 3ed. Vitória, 2008.

RUFINO, Silvana. Nem findas nem lindas: cidades e gestão da memória. In: LEITE, Rogério Proença (Org.). Cultura e vida urbana. Ensaios sobre a cidade. São Cristóvão. UFS, 2008. P. 142-169.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. P. 219-242. V.9. nº. 19, set.1989/fev. 1990.

SEIXAS, Jacy Alves de. Os tempos da memória: (des)continuidades e projeção. Uma reflexão (in)atual para a História? Proj.História, São Paulo, jun, 2002.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. *In*: SIMAN, Lana Mara de Castro. MIRANDA, Sonia Regina. (org). Cidade, Memória e Educação. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

SIMÕES, Regina Helena Silva. [et al].(org). Ensino de História, seus sujeitos e suas práticas. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2006.

TIRAPELI, Percival. Patrimônio Religioso. *In*: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.

TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar. História, memória e política. Trad. Thiago Avó. - 2ª ed. - [S.l.] : Unipop, 2012 ([Odivelas] : Guide - Artes Gráficas).

TUAN, Yi Fu. <<https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf> > acessado em: 21 de fev 2021.

ZON, Isabela Basílio de Souza. O templo e a força: a história de uma insurreição imaginada. Vitória: Pro texto, 2013.

Lei Chico Prego <<http://www.serra.es.gov.br/site/pagina/lei-chico-prego>>. Acesso em: jul/2019.

O museu histórico da Serra.

<[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2011/12/hotsites/vozdaserra/fotos/1056688-veja-fotos-do-museu-historico-da-serra.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/hotsites/vozdaserra/fotos/1056688-veja-fotos-do-museu-historico-da-serra.html). >. Acesso em: jul/2019.

Judith Leão Castello. Uma verdadeira lição de

vida.<[http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith\\_leao\\_castello\\_ribeiro](http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith_leao_castello_ribeiro)>. Acesso em: jul/2019.

Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em:

< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em jul/2019.

<<http://www.aspomires.com.br/pontos-turisticos/>> acesso em Mar/2021.

<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>

DECRETO Nº 4597-R. Disponível em: <

<https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Decreto%20%20N%C2%BA%204597-R%20de%2017.03.20.pdf>> acesso em maio/2020.

<<https://sites.google.com/site/mitologiastextos/mnemosine>.> Acesso fev/2021

<https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288/> acesso em fev/2021.

<<https://www.dicio.com.br/memoria/> >acesso mar/2021

<[http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith\\_leao\\_castello\\_ribeiro](http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith_leao_castello_ribeiro)> acesso em out/2019.

<<https://www.competenciasnabcc.org.br/>> acesso em fev/2021.

<<http://www.camaraserra.es.gov.br/>> Acesso em jul/2019.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO I – TURMAS DA SEGUNDA SÉRIE (VERSÃO IMPRESSA)

Nome

Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Idade:

Escola onde estudou antes o 9º Ano?

Há quantos anos mora no município da Serra?

Data de nascimento:

Gosta das aulas de História?

O que aprendeu em História nos últimos anos?

Qual assunto nas aulas de História mais chamou sua atenção?

Você já ouviu falar sobre patrimônio?

E sobre patrimônios culturais?

Marque o que você considera um patrimônio cultural

Solares	Culinária	Bandas
Museus	Modos de saber fazer	Lendas
Escolas	Documentos históricos	Livros
Festas populares (ex. Festa de São Benedito)	Igrejas	Casas de pessoas importantes
Obras de arte	Artesanato	Nenhum item acima
	Cantigas	Outros? O quê? _____

Conhece algum patrimônio cultural aqui próximo de nossa escola?

Conhece algum patrimônio cultural no nosso município ou em outro município? Quais?

Você acha importante cuidar do patrimônio cultural?

Sim      não

Em sua opinião, quem deve cuidar do patrimônio cultural?

Prefeitura	Governo estadual	Governo Federal
Sociedade	Proprietário	Outro

Você já visitou algum patrimônio cultural com a escola? Qual (quais)?

Considera importante visitar patrimônios culturais nas aulas de História? \_ Sim \_ Não. Por quê?

Você acredita ser importante conhecer costumes, hábitos, edifícios e lugares utilizados no passado?

**Obrigada pela sua contribuição!**

## APÊNDICE B –QUESTIONÁRIO II – TURMAS DA TERCEIRA SÉRIE (VERSÃO IMPRESSA)

Nome

Série: Turma

Idade:

Escola onde estudou antes o Ensino Fundamental?

Há quantos anos mora no município da Serra?

Caso resida na Serra há pouco tempo, de onde veio sua família (estado e município)?

Em que município você nasceu?

Seus pais nasceram em que município/estado?

Data de nascimento:

Gosta das aulas de História?

O que aprendeu em História nos últimos anos?

Qual assunto nas aulas de História mais chamou sua atenção?

Você já ouviu falar sobre patrimônio?

E sobre patrimônios culturais?

Marque o que você considera um patrimônio cultural

Solares	Modos de saber fazer	Livros
Museus	Documentos históricos	Casas de pessoas importantes
Escolas	Igrejas	Nenhum item acima
Festas populares (ex. Festa de São Benedito)	Artesanato	Outros? O
Obras de arte	Cantigas	quê? _____
Culinária	Bandas	
	Lendas	

Conhece algum patrimônio cultural aqui próximo de nossa escola?

Conhece algum patrimônio cultural no nosso município ou em outro município? Quais?

Você acha importante cuidar do patrimônio cultural?

Sim não

Em sua opinião, quem deve cuidar do patrimônio cultural?

Prefeitura Sociedade

Governo estadual Proprietário

Governo Federal Outro

Você já visitou algum patrimônio cultural com a escola? Qual (quais)?

Considera importante visitar patrimônios culturais nas aulas de História? \_ Sim \_ Não. Por quê?

Já ouviu falar sobre a “Insurreição de Queimado”, ocorrida na Serra?

Se sim, qual a importância de estudar esses acontecimentos nas aulas de História?

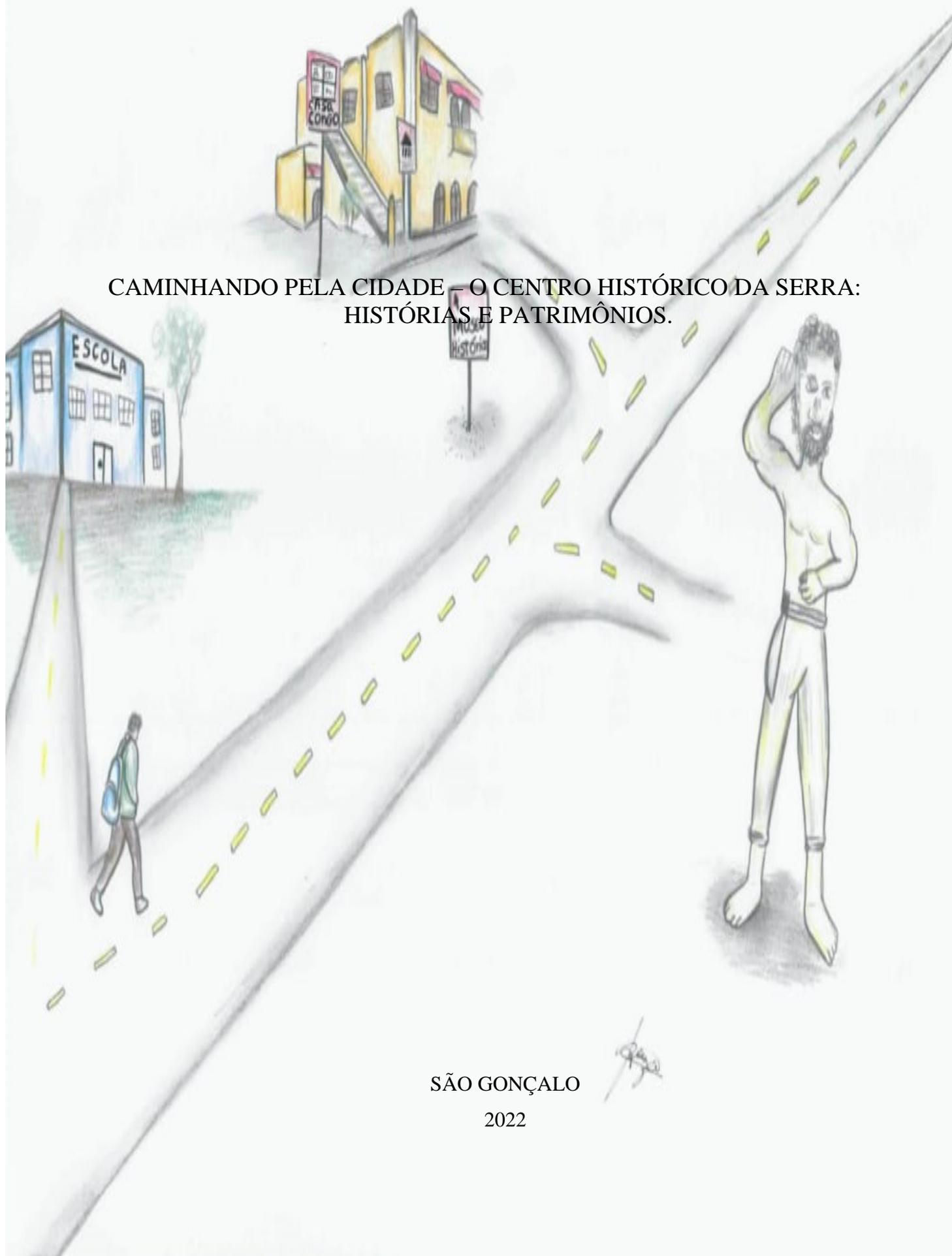
Já ouviu falar sobre Chico Prego?

Nas aulas de História, se lembra de ter estudado alguma temática que se relacione com a cultura dos negros e/ou das mulheres? Comente.

**Obrigada pela sua contribuição!**

**APÊNDICE C – Proposta de material educativo**

**CAMINHANDO PELA CIDADE – O CENTRO HISTÓRICO DA SERRA:  
HISTÓRIAS E PATRIMÔNIOS.**



SÃO GONÇALO

2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JUNIA HELENA FERREIRA DOS SANTOS

CAMINHANDO PELA CIDADE – O CENTRO HISTÓRICO DA SERRA:  
HISTÓRIAS E PATRIMÔNIOS.

SÃO GONÇALO

2022

## A AUTORA

### Junia Helena Ferreira dos Santos

Professora de História da Rede Estadual do Espírito Santo e professora coordenadora na Prefeitura Municipal de Vila Velha. Formada em Licenciatura em História (2010) pela Faculdade Saberes, também formada em Licenciatura em Pedagogia (2013), Faculdade Serravix. Possui especialização em Educação de Jovens e Adultos (2010) pela CESAP e em Educação: Currículo e Ensino pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES (2018). Mestre em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – UERJ.

## ILUSTRADORES

### Êmilly Evelyn Teixeira da Silva Amaral

Foi aluna da EEEFM Professor João Loyola (2019) é moradora do bairro Cascata, na Serra, e natural de Vila Velha, 18 anos. Filha de professora da rede pública, desde pequena desenvolveu o hábito de ler, criar, desenhar e pintar. Seu talento para o desenho foi observado em atividades durante a vida escolar. Iniciou o Ensino Médio na escola EEEFM Clóvis Borges Miguel, onde estudou do 1º ano, até meados do 2º, posteriormente foi aluna da EEEFM Professor João Loyola, ambas localizadas nos arredores do Centro da Serra. No início do 3º ano transferiu-se para outra escola que ficava mais próximo de onde trabalhava. Atualmente, estuda para prestar o Enem.

### Hendryo Souza Oliveira

Foi aluno da EEEFM “Professor João Loyola” durante todo o Ensino Médio (2018-2020), é morador do bairro, que se localiza próximo à escola. Suas habilidades com desenhos foram observadas durante a vida escolar. No ano de 2020, o aluno me entregou um desenho, e a partir dali, surgiu o convite para alguns desenhos no livro.

## APRESENTAÇÃO

Essa proposta de material educativo é fruto de uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 2019 e 2021 durante o Mestrado Profissional em Ensino de História PROFHISTÓRIA, bem como, de práticas educativas e reflexões ao longo da trajetória docente. Essa pesquisa, teve como objetivo principal, a proposição de um material com textos, imagens e sugestões de atividades e indicações de materiais de aprofundamento, sobre o Centro Histórico da Serra, a partir do caminhar pela cidade, conhecer seus lugares de memória e suas relações com as temáticas debatidas nas aulas da disciplina de História.

O material não esgota as possibilidades, antes, configura-se em um material preliminar e provocativo para que o caminhar pela cidade estabeleça relações com a escola, com os patrimônios e com a aula de História.

Desejamos que esse material venha contribuir e ampliar o processo de formação de professores e dos estudantes no que se refere ao estudo da História Local, de modo a impulsionar mudanças na realidade, estimulando a curiosidade, gerando transformação, a partir do tema, em todos os sujeitos envolvidos, além de um olhar sensível e crítico ao caminhar pela cidade.

A autora.

As aulas de História e a curiosidade sempre moveram meus caminhos.

## LISTA DE DESENHOS

Desenho 1: O que tem na cidade. Pág:10.

Desenho 2: “Trajeto da escola EEEFM Professor João Loyola aos principais monumentos históricos de Serra Sede.” Pág: 16.

Desenho 3: Caminho da escola ao museu. Pág. 18;25;37;47;50.

Desenho 4: No caminho para o museu. Pág 24.

Desenho 5 Museu Histórico da Serra. Pág:28.

Desenho 6: Sala de jantar do Museu. Pág: 29.

Desenho 7: : Releitura de Chico Prego. Pág: 35.

Desenho 8 Objetos na casa do congo. Pág: 39.

Desenho 9: Ruínas de Queimado. Pág: 46.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1. Grupo Escolar João Loyola – pág: 20.

Foto 2 Casarão da família Leão Castello – pág:27.

Foto 3. Museu Histórico, Casa do Congo e a Biblioteca – pág: 27.

Foto 4. Material de prospecção Sítio Histórico de Queimado – pág: 30.

Foto 5. Material de prospecção Sítio Histórico de Queimado 2 – pág: 31.

Foto 6. Objetos pessoais de Romulo Castello – pág: 31.

Foto 7: Quadro pintado por Walter Assis, sobre a Insurreição de Queimado – pág:32.

Foto 8: Quadro pintado por Walter Assis, sobre a Igreja de Queimado – pág:32.

Foto 9: Quadro de Judith Castello no Museu Histórico – pág: 33.

Foto 10: Quadro de Romulo Castello no Museu Histórico – pág: 34.

Foto 11: A antiga casa do congo. – pág: 38

Foto 12: Monumento a Chico Prego – pág: 48.

Foto 13: Ruínas de Queimado – pág 59.

Foto 14: Revitalização de Queimado – pág 60.

Foto 15: Câmara dos vereadores da Serra – pág 66.

Foto 16: Largo da Igreja de Nossa Senhora da conceição – pág 67.

Foto 17: Igreja Matriz – pág 67.

Foto 18: Praça João Miguel – pág 68.

Foto 19: Praça João Miguel atual – pág 68.

## SUMÁRIO

Diálogo com os professores.....	8
O que tem na cidade?.....	10
Conversa com o estudante.....	11
Poesia sobre a Serra.....	12
Tem História nesse caminho?.....	13
Você sabe o que é um Centro Histórico?.....	17
O começo do caminho – a escola.....	19
Você sabe o que são patrimônios?.....	22
No meio do caminho tinha um museu.....	25
O Museu Histórico da Serra.....	26
Os objetos no museu.....	29
Personagens no Museu.....	33
Pensando conceitos e Curiosidades.....	36
No mesmo prédio - A casa do Congo: uma casa de memória?.....	38
Você sabia que?.....	40
Ainda pelo caminho – a estátua de Chico Prego .....	47
É hora de voltar à escola.....	49
Sugestões de atividades.....	52
Que outros caminhos são possíveis?.....	66
Referências Bibliográficas.....	69
Endereços/Contatos com patrimônios do bairro Serra Centro.....	72
Agradecimentos.....	73

## Diálogo com os professores

Olá, colegas professores.

Essa proposta de material educativo, apresenta de maneira breve, alguns recortes da história do município da Serra, localizado na região metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, pensando na questão dos aprofundamentos propostos pelas Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como, no diálogo com as demais legislações que subsidiam nosso fazer educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96 e suas alterações, sobretudo as leis 10639/2003 e 11645/2008, que incluem, respectivamente no currículo a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Certamente, o material não esgota os temas, mas é um indicativo e pode contribuir para despertar a curiosidade dos estudantes, o sentimento de pertencimento e protagonismo na construção do saber histórico e do cotidiano.

Com todas as informações que os estudantes podem ter acesso previamente, o professor passa a atuar como mediador do processo de ensino-aprendizagem. Você conhece seus alunos e sua comunidade escolar, assim, esse material apresenta sugestões, que podem ser o ponto de partida ou a possibilidade de criar, outras propostas e atividades no bairro ou município da escola ou dos próprios alunos. Entendendo o professor como autor da sua própria aula, "professores e escritores de história contam uma história; ao texto escrito corresponde a aula. Ambos são autores, ambos fazem História". (MATTOS: 2007, p.7)

O material propõe que o estudante conheça a cidade (um recorte da cidade), a partir da perspectiva do que Walter Benjamin chama de *flâneur*, "como um caminhante entre a multidão" (SIMAN: 2013, p.51) e suas interfaces com a Educação Patrimonial e a Educação na cidade, inspirando o estudante a tornar-se um caminhante crítico, uma vez que, cotidianamente já caminha pela cidade. Mas será que faz observações, percebe o que tem nela, o que pode melhorar, tem uma observação crítica do que tem contato?

Podemos dividir o material em três partes: Na parte inicial uma introdução dialogada, com uma proposição diferente, isto é, uma imagem, a conversa com o estudante e uma poesia sobre o município. A ideia é que se construa um diálogo e a aproximação antes de começarmos a contar a História. Assim, iniciamos a proposta com a imagem de um estudante pensando e se questionando o que tem na cidade (pág 11), entendemos que esse é o ponto de partida do material, incentivar a reflexão sobre o que há na cidade? Sobre o que nossos olhos repousam quando caminhamos pela cidade?

Em seguida, propomos uma rápida conversa com o estudante (pág.12)., fazendo várias perguntas, com a intenção de analisarmos a cidade e que eles já conhecem, mas não se dão conta. Acreditamos que a partir dessas questões é possível estabelecer aproximações com a temática trabalhada e a proposta de material educativo, partindo do conhecimento prévio do aluno, através do que Paulo Freire e Antonio Faundez (2011: p.79) apontam na Pedagogia da Pergunta “Partamos de uma análise da pergunta, da criatividade das respostas como ato de conhecimento, como processo de pergunta-reposta que deveria ser realizado por todos os que participam do processo educativo.”

A segunda parte do material apresenta diálogos entre a história do município, bem como, dos lugares elencados pelo trabalho, o prédio do casarão, que se tornou museu, casa do congo e a biblioteca e ainda a estátua do Chico Prego e as histórias contadas, criadas e as relações com as temáticas da aula de História. Os conceitos e aprofundamentos da Educação Patrimonial, Educação na Cidade e outras temáticas abordadas de maneira mais densa no texto da dissertação, são apresentados através de caixas de texto, inseridos no corpo do material ou ao final dos textos. Partimos da concepção de um caminho e a cada local que falamos no material, evidenciamos previamente em um dos desenhos da ilustração que se repete ao longo da proposta.

Na última parte do material, apontamos outras sugestões de atividades, além das que são apresentadas no corpo do material. A partir da proposta de um material educativo, podemos elaborar diferentes aulas e metodologias, juntamente com as atividades, indicamos as referências bibliográficas, os locais onde os materiais podem ser encontrados e ao final desse material, segue uma lista com outros patrimônios no centro do município, com endereço e contato, para que nas aulas, você e os estudantes proponham outros roteiros, outros caminhos possíveis e outras discussões.

A aula de História como texto, é uma criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, [...]do surgimento de novos materiais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos, em sua dimensão local ou global. (MATTOS: 2007, p.14)

Usamos também como documentos norteadores, o Currículo Básico Comum da Rede Estadual do Espírito Santo (2009), a Carta das Cidades Educadoras (1990) e o Manual de Educação Patrimonial do IPHAN (2014), além do material pesquisado na dissertação para compor essa proposta educativa, que segue ao final dela.

© QUE TEM

NA  
CIDADE



JL

ESCOLA ESTADUAL DE  
ENSINO MÉDIO

A handwritten signature in black ink.

## CONVERSA COM O ESTUDANTE

Prezado estudante,

Você já caminhou pela sua cidade? Você sabe ou já se perguntou o que tem na cidade?

Quando você caminha por um lugar novo, o que lhe chama atenção? Casas, prédios, estátuas, construções inovadoras, grandes centros comerciais, pontos turísticos ou outras coisas? Conhece as histórias que cercam esses lugares? Caso conheça, quais desses lugares você visitou com à escola? Quais desses lugares você conheceu ou ouviu falar nas aulas de História?

Esse material é um convite a caminhar pela sua cidade, ele tem como objetivo principal apresentar algumas das várias histórias locais e de lugares que podemos entender como patrimônios do Centro Histórico do município da Serra, Espírito Santo. Lugares esses, que talvez você passe por eles diariamente, mas não entrou ou conheceu.

Esses lugares, além de bastante informação histórica, apresentam objetos, personagens e manifestações culturais que se relacionam com a história local e do Brasil.

Vem que no caminho eu te mostro!

Serra, Município onde a natureza,  
Em formas infinitas todo dia,  
Mostra encanto em inebriante beleza,  
Formando terra de intensa magia.

Nesta terra a sua melhor riqueza  
É seu povo trabalhador, que cria  
Esperança de uma grande certeza  
De que aqui só haverá Paz e Alegria.

Serra do Mestre Álvaro tão imponente,  
Do seu povo amigo, nobre e valente,  
Agora se expande em tecnologia.  
Serra, dos Congos de São Benedito,  
Do Queimado, de um povo nobre, bonito,  
A quem presto homenagem em poesia.

Clério Borges

## Tem História nesse caminho?

Antes de falarmos sobre história, você sabe o que é um caminho?

Do latim *camminus*. A palavra caminho apresenta vários significados, entre eles: faixa de terreno para trânsito de pedestres ou de veículos; estrada. Espaço a percorrer de um lugar para outro.

Agora que você descobriu o que significa a palavra, vamos conhecer um pouco da história que tem nele? Que histórias são contadas nesse caminho? Histórias do município, de mulheres, de **escravizados**, que até pouco tempo, na historiografia mais tradicional, estavam esquecidos ou em lugar de menor destaque.

**Por que escravizado (a) e não escravo(a)?** Usamos esse conceito, na perspectiva da autora Grada Kilomba, pois “escravizada/o descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto escrava/o descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas.

### Começamos falando sobre a Serra.

A colonização da Serra tem início em meados do século XVI, quando o Espírito Santo ainda era uma capitania de Vasco Fernandes Coutinho, com a fundação de uma aldeia próxima ao morro Mestre Álvaro, tendo como seus principais fundadores Maracajaguaçu, chefe dos nativos Temiminós e o padre jesuíta Braz Lourenço que fundaram a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição da Serra, hoje Serra.

Os dados oficiais da história do município dão conta de que o Padre jesuíta Lourenço Brás aqui chegou em 1556 e deu à cidade o nome de Nossa Senhora da Conceição da Serra. Omitem dia e mês.

Como os antigos descobridores sempre batizavam os lugares e os acidentes geográficos, vistos pela primeira vez, com o nome do dia, a dedução é de que o fundador, chegou aqui em 8 de dezembro, dia consagrado à Santa da Conceição. (MIRANDA, 1984, p. 15)

**Há uma divergência sobre a grafia correta do nome do jesuíta e esclarecida por BORGES, (2008, p. 70/71), se era Braz Lourenço ou Lourenço Braz, o nome do jesuíta fundador da Serra e se a grafia era com “s” ou com “z”, em contraposição ao que é citado na obra de Naly Miranda.**

Entretanto, o historiador e memorialista Clério Borges, em seu livro sobre a História da Serra, traz informações complementares, sobre a localização do primeiro povoado e que anos mais tarde, passou a se localizar onde hoje é a sede do município, o bairro Serra Centro. No mesmo

período, também foram criados outros povoados, tais como: Carapina, Nova Almeida, Calogi e Queimado, que atualmente são distritos do município.

A localização primitiva da aldeia e do primeiro povoado, ocorre entre os atuais bairros de Cascata e Garanhuns, (palavra que quer dizer homem do campo), no sopé (base) da montanha e o rio Santa Maria da Vitória.

Em 1564, oito anos mais tarde, devido a uma epidemia de Bexigas (Varíola\*), a região é abandonada e há uma mudança para o outro lado do Morro da Serra, no local onde atualmente está o Centro da Cidade. Na imaginação popular o Morro seria uma barreira natural com a terrível doença de Bexigas, a varíola. (BORGES, 2008, p. 15)

Foi escolhido um novo local devido a propagação da doença contagiosa e de acordo com levantamento histórico, a escolha do novo local, deu-se pelos padres Diogo Jácome e Pedro Gonçalves em junho de 1564, a aldeia anterior, localizava-se mais próximo do rio Santa Maria. A mudança ocorreu para o lado do morro onde hoje está localizada a sede do município.

Em termos administrativos, o povoado que passou a ser conhecido como “Nossa Senhora da Conceição da Serra”, já era do outro lado do morro conhecido como Mestre Álvaro. No ano de 1752, no dia 24 de maio, por através de uma **carta-régia**, foi elevada à categoria de **freguesia**, porém só foi instalada anos mais tarde em 1759, e a Freguesia de Conceição da Serra, foi elevada a vila em 1822.

**Carta-régia:** é um tipo de documento, que era assinado por monarcas. Este documento oficial era empregado e assinado por autoridades reais, a fim de instituir alguma determinação permanente e obrigatória.

**Freguesia:** pequeno povoado. Era a menor parte administrativa em Portugal e nas suas antigas colônias.

A Serra deixa de ser vila e se torna cidade, na data de 06 de novembro de 1875, quando “o deputado Major Pissarra foi o autor da lei que transformou a Vila da Serra em cidade, sendo a mesma de nº 6, de 6 de novembro de 1875, assinada pelo então presidente da Província do Espírito Santo, Domingos Monteiro Peixoto” de acordo com Borges, (2008, p. 29).

Em 1800, o antigo povoado tem impulso econômico, com a plantação de cana de açúcar, a princípio com a finalidade de exportação e posteriormente para a indústria de aguardente, as plantações de café tem início no ano de 1840, assim tanto a cana quanto o café, tornam-se fontes de muitos recursos para a vila da Serra.

Após 1925, o município passa por uma séria crise econômica, agravada em 1929, com a crise ocorrida nos Estados Unidos, que gerou consequências mundiais e afetou a produção de café no Brasil e inclusive na Serra. Devido a destruição de várias plantações por recomendação do governo federal, na época governado por Getúlio Vargas, afetou seriamente a economia serrana, uma vez que, era bastante dependente dos lucros produzidos com o café.

Nos anos de 1960, a cidade passa por várias mudanças, de uma cidade em que a maior parte do território é rural para principal polo industrial do Espírito Santo, abrigando inúmeras indústrias no CIVIT (Centro Industrial de Vitória), criado pelo governo capixaba, mas que se localiza na Serra. Alguns anos depois, são inaugurados os portos internacionais tais como: Tubarão e Praia Mole e em novembro de 1983, tem início o funcionamento da CST, atualmente conhecida por *Arcelor Mital*, que se transformou em uma das principais siderúrgicas nacionais e da América Latina.

O desenvolvimento comercial no município passa por um grande crescimento nos primeiros anos do século XXI, o primeiro shopping da cidade, foi inaugurado em 2002, e com a abertura de novas indústrias e especulação imobiliária com a chegada de empresas construtoras de condomínios fechados, a cidade passa por um processo de verticalização de moradias.

A partir de 2007, diversos empreendimentos imobiliários instalaram-se no município, principalmente na construção de condomínios residenciais fechados de casas e de prédios residenciais e shoppings contribuindo para especulação imobiliária regional. Surgem empreendimentos modernos, com desenhos ousados, voltados para famílias de classe média e num município que começa a se verticalizar. (BORGES, 2008, p. 21)

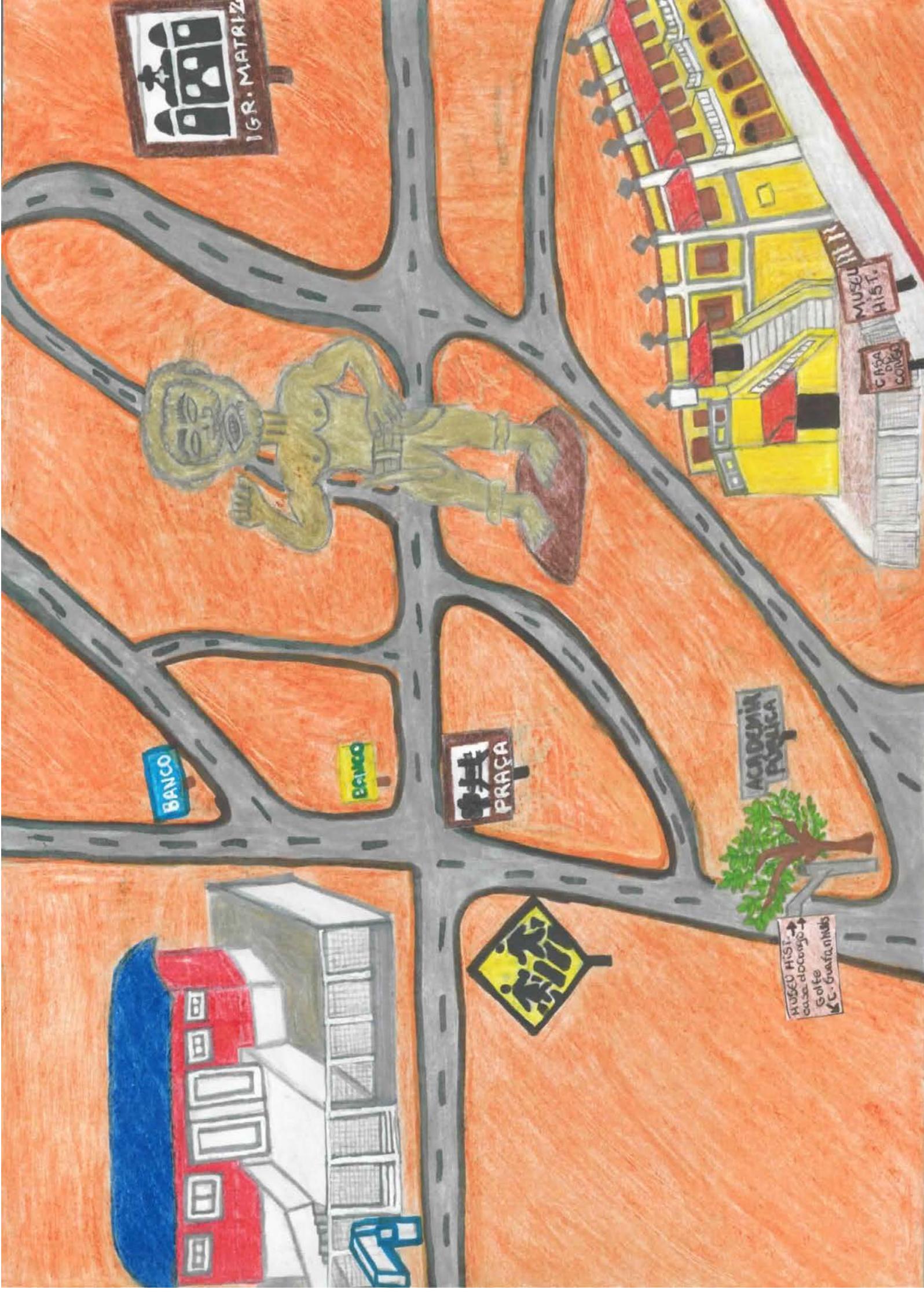
Nesse contexto, muitas casas e o próprio bairro que é a sede do município passam por transformações, principalmente com a abertura de vários pontos comerciais no andar térreo das residências, sinalização turística, ao mesmo tempo que mantinha alguns prédios antigos. Uma intensa vontade de manter os prédios administrativos e do judiciário no local, ao invés de transferi-los para o bairro Parque Residencial de Laranjeiras, região mais desenvolvida e comercial do município. Esse processo, comum em várias cidades do mundo, recebe o nome de gentrificação, Paes (2017, p.669), “como um processo de revitalização ou enobrecimento, a partir de estratégias políticas e econômicas de renovação de espaço urbano.”

É nesse contexto, de revitalização e crescimento do município que são construídos e organizados o Museu Histórico da Serra (2007); A Casa do Congo (2000) e a Estátua em homenagem a Chico Prego (2006).

**Para aprofundamento**

Livro: História da Serra. (verificar ao final na bibliografia).

Livro: Reminiscências da Serra.



IGR. MATRIZ

MUSEU HIST.  
CASA DE CONG.

BANCO

BANCO

PRAÇA

ACADEMIA PUBLICA

MUSEU HIST. casa do antigo  
C. Guafanillo

新

## Você sabe o que é um Centro Histórico?

“Lugar que tem muita coisa antiga construída.”  
(J.H.O.S – 16 anos – aluno da Segunda Série)

Em geral, entende-se por centros históricos as áreas urbanas que circunscrevem os núcleos antigos e/ou originais das cidades. Os centros históricos são assim chamados por serem considerados localidades importantes e indispensáveis para a compreensão da história da cidade, da evolução urbana e dos processos humanos de ocupação e disputa do território. Não por acaso, essas regiões se confundem com a própria origem das cidades, seja porque abrigaram os primeiros povoadamentos urbanos, seja porque foram palcos de processos sociais e acontecimentos históricos que marcaram a formação das cidades. Boa parte dos Centros Históricos constituiu espaço central de atividades financeiras e administrativas das cidades. (LEITE: 2020, p.51)

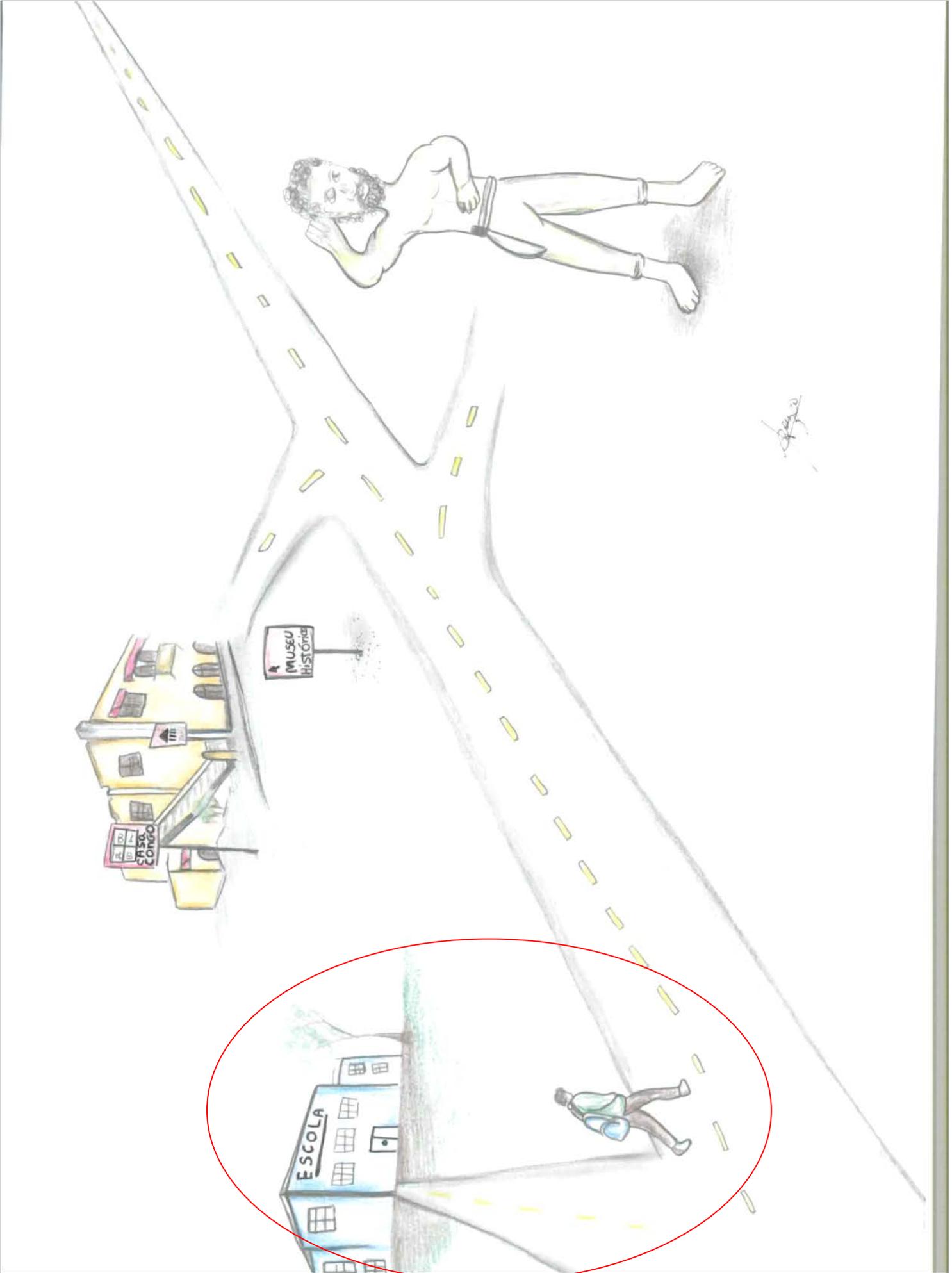
Após a leitura do fragmento de texto acima e pensando no bairro Serra Centro que é a sede do município, podemos considerá-lo um centro histórico?

Vamos pensar juntos?

- O bairro Serra Centro, foi um dos primeiros núcleos populacionais da Serra.
- É uma localidade importante para compreendermos a história do município, pois abriga prédios históricos, lugares de memória, apesar de passar por transformações urbanas, prédios novos, ainda conserva prédios com arquitetura antiga, bem como as famílias mais antigas da localidade.
- Foi e é palco de processos sociais e eventos que fazem parte da cultura local, tais como: o assassinato de Chico Prego em praça pública e a Festa de São Benedito, respectivamente.
- Os principais prédios administrativos, as casas dos poderes (prefeitura, câmara de vereadores e o fórum), bem como as estruturas das secretarias.

Agora que você analisou os itens acima, podemos considerar que o município da Serra tem um centro histórico?

**Para aprofundamento**  
Livro: Dicionário Temático de  
Patrimônio: debates contemporâneos.



## O começo do caminho – a escola.

Sugestão: Já que estamos falando de caminhos!

- Propor que os estudantes fizessem um desenho do trajeto de casa até a escola;
- Organizar a turma em círculo e cada um apresentar e discutir as observações em seu caminho.
- Observar se evidenciaram algum patrimônio.

Material: Folhas A4 e lápis de cor.

Nosso caminho começa pela escola. Você já observou sua escola? A estrutura, o que tem nela, quando foi construída, por que recebeu esse nome?

Algumas escolas foram construídas por reivindicação popular, será que esse é o caso da escola que você estuda? Outras escolas começaram em um pequeno prédio e com o passar do tempo e várias reformas, estão no prédio que você estuda hoje.

E o nome da sua escola, é de alguém famoso, um político, um cidadão local, um professor ou professora, na entrada da sua escola tem uma foto dessa pessoa que dá nome à escola? Quem escolheu o nome? Essa pessoa era um cidadão comum, fazia parte da elite local? Essas são perguntas que podem te ajudar a conhecer um pouco mais da sua escola.

## Vamos conhecer um pouco da EEEFM “Professor João Loyola”?



Foto 1. Grupo Escolar João Loyola  
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=438890>

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João Loyola desde 2014, localiza-se na rua Barnabé do Nascimento, s/nº, anteriormente estava localizada na Avenida Getúlio Vargas.

É mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, pertence a Secretaria Regional de Educação (SRE) de Carapina. As atividades letivas iniciaram em 1937, sendo inaugurada em 1938 com a nomenclatura de Grupo Escolar Professor João Loyola.

No ano de 1976, mudou para Escola de Primeiro Grau Professor João Loyola. Através da Portaria E nº1838/82 de 23 de novembro e a Resolução do CEE 41/75 foi aprovado o ensino de 1ª à 4ª série. Em 1991 foi transformada em Unidade do Ensino de 1º Grau – 1ª à 8ª série. Em 12 de junho de 2002 foi reconhecida como Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João Loyola.

Sugestão: Após a sondagem com as perguntas da página anterior  
 Propor que os estudantes façam uma pesquisa sobre a escola.

### **Quem foi João Loyola?**

Professor, membro da Academia de Letras e Artes da Serra, sendo patrono da cadeira nº23, João Loyola Pereira Borges, filho do tenente Henrique de Loyola Pereira e Anna da Silva Borges Pereira, nascido em 04 de maio de 1873.

Seus avós paternos eram, o juiz municipal Ignácio de Loyola Pereira e Luíza da Conceição Pereira. E os avós maternos, major João da Costa Silva Borges e Don'Ana. João teve nove irmãos, muitos deles influentes no município.

Iniciou seus estudos na escola de Campinho da Serra, com o professor Manoel Laureano do Bonfim Júnior, em seguida, para a conclusão de seus estudos primários, já na Serra (centro) sob a direção do prof. Manoel Correia do Nascimento. Aprovado, seguiu para a cidade de Vitória, onde ingressou no colégio Ateneu Santos Pinto e concluiu o curso de Humanidades.

Nessa época, às escolas aqui citadas eram somente para meninos.

Após sua formação, trabalhou na escola que iniciou seus estudos em Campinho da Serra. A partir de 1920 dirigiu a Escola Padrão, na cidade de Vitória, permaneceu trabalhando ali, até o seu falecimento, em 02 de novembro de 1922.

Casou-se, aos 23 anos, em 1897, com a jovem Grata, filha de Victória Maria do Sacramento Leão e de Luiz Barboza Leão e teve filhos José Câncio, Durval, Lucilla, Luiz Henrique, Manoel Avany e Victória Maria (Sinhá).

**Para aprofundamento:**

[https://historiadaserra2010.blogspot.com/2012/06/professor-joao-loyola-pereira\\_borges.html](https://historiadaserra2010.blogspot.com/2012/06/professor-joao-loyola-pereira_borges.html)

Livro: História da Serra. (verificar ao final na bibliografia).

Antes de apresentar alguns conceitos de patrimônio é importante, perguntar aos alunos, se eles sabem o que é e solicitar alguns exemplos.

## Você sabe o que são patrimônios?

O artigo 216 da Constituição Brasileira, aponta que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...].

No dicionário online, patrimônio, pode ser entendido como,

Bens materiais de família; herança. Conjunto dos bens, direitos e obrigações de uma pessoa ou empresa. [Figurado] O que é considerado herança comum, transmitido de uma geração para outra, com valor e importância reconhecidos, que deve protegido e preservado.

Após a leitura dessas duas compreensões, você acha que à escola em que estuda é um tipo de patrimônio? Afinal, precisamos conhecer a história de sua construção, se foi homenagem a alguém da comunidade, isso contribui para conhecer melhor o local que vivemos e estudamos. Bem como, reconhecer sua importância e no caso da escola, a preservação.

Patrimônio é um conceito amplo, se compreendido pelo seu viés cultural pode ter vários significados e classificações de diferentes tipos:

O Patrimônio Cultural é constituído pelos bens materiais e imateriais: Os **bens materiais** dividem-se em dois grupos básicos: bens móveis – grupo que compreende a produção de obras de arte ou objetos utilitários, mobiliários de uso diário de determinada época; e bens imóveis – que não se restringem a edifícios isolados, mas compreendem, também, seus entornos, garantindo sua visibilidade e fruição.

- Os **bens imateriais** compreendem toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, saberes, as expressões literárias, danças, as festas e celebrações, até sua memória oral, passando por elementos caracterizados pela sua civilização.
- O **patrimônio natural** compreende áreas de importância preservacionista e histórica, beleza cênica, enfim, áreas que transmitem à população a importância do ambiente natural para que

nos lembremos quem somos, o que fazemos, de onde viemos e, por consequência, como seremos.

No caminho que vamos fazer, observaremos outros patrimônios, depois de ler e discutir sobre os tipos de patrimônios será que você consegue identificá-los?

#### **Pensando conceitos**

**Restauração:** um conjunto de intervenções técnicas e científicas sistemáticas que objetivam garantir, na esfera de uma metodologia crítica e estética, a perenidade do patrimônio cultural e a promoção de sua reparação.

**Revitalização:** processo de que conjuga a reabilitação arquitetônica e urbana dos centros históricos e a revalorização das atividades urbanas que acontecem neles.

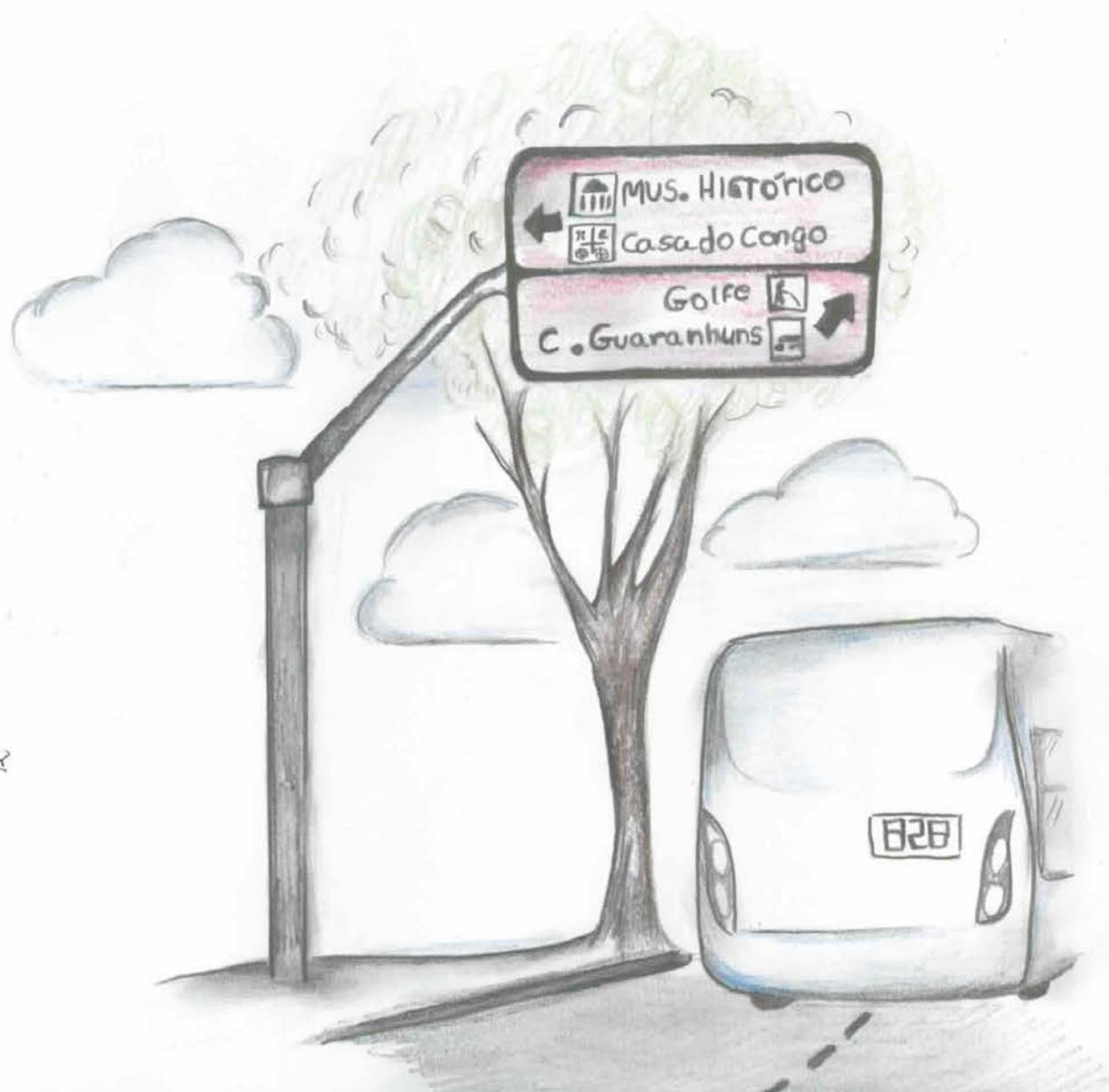
**Vamos fazer uma lista dos patrimônios que você já conhece?**

#### **Aprofundamentos**

Livro: Patrimônio Cultural: consciência e preservação. – Sandra Pelegrini. (Conferir ao final na bibliografia).

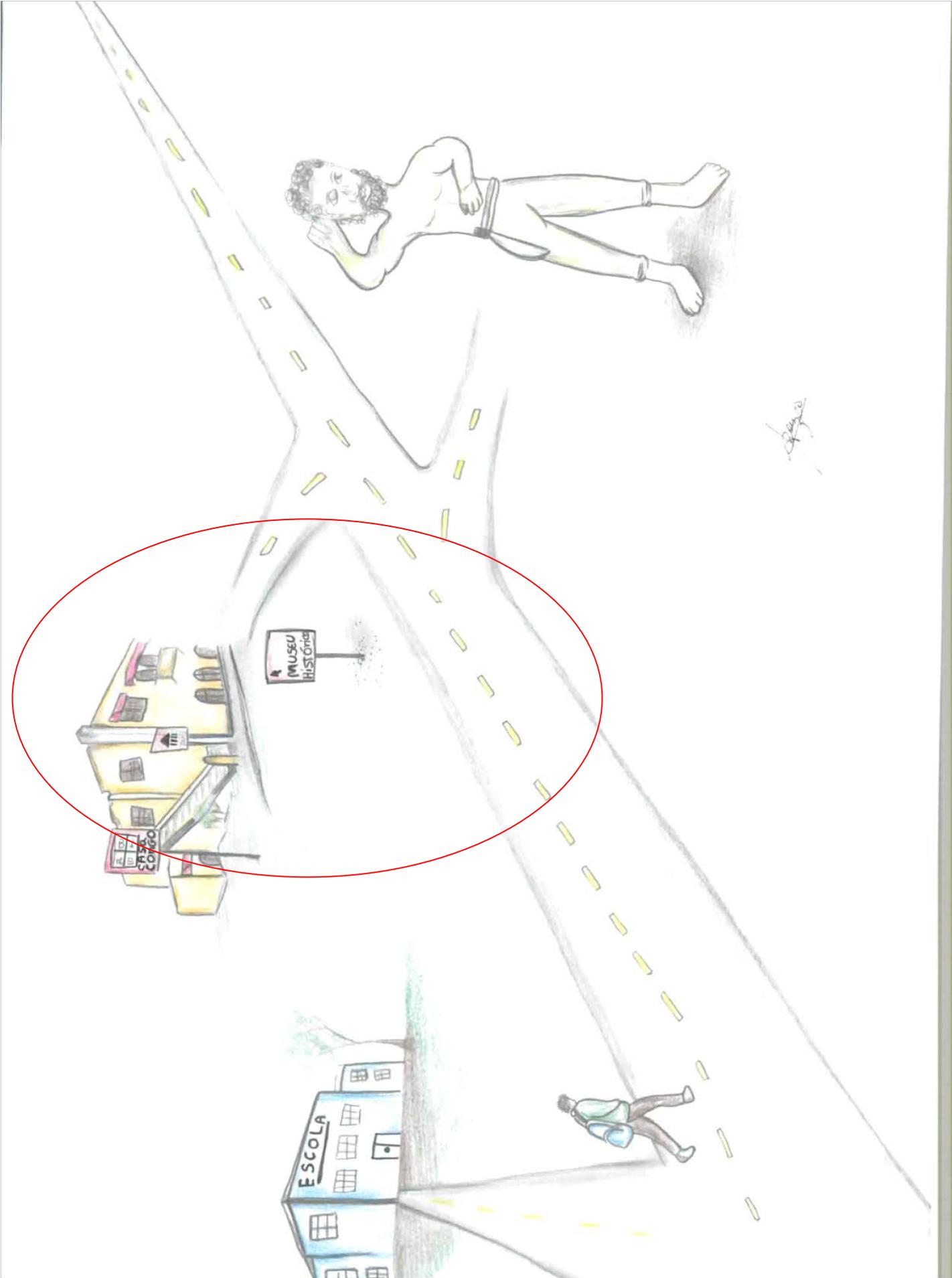
Constituição Brasileira:  
[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_216\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp)

No caminho...



Desenho.3: Caminho da escola ao museu. Hendry Souza.

No meio do caminho havia um museu...



Você conhece algum ou sabe o que é museu? Acha que museus, são lugares de coisas velhas? Você sabia que no Centro Histórico da Serra tem um museu?

Compreendemos museu, a partir da legislação, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, como:

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2009/Lei/L11904.htm) >. Acesso em: 20. Nov de 2019.)

Essa noção de museu dialoga com Chagas, (2010, p.49) “o museu pode ser compreendido como instituição cultural e tecnologia social capaz de ressignificar a herança cultural e colocar em evidência ou mesmo confronto narrativas, discursos e interpretações distintas.”

### **O Museu Histórico da Serra**

O atual Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” passou por algumas modificações ao longo de sua história. Hoje seu espaço contempla três ambientes, relacionados com a História e a memória do município da Serra, são eles: O Museu Histórico da Serra “Judith Leão Castello Ribeiro” no pavimento superior, e no pavimento inferior a Casa do Congo e a Biblioteca Municipal “Belmiro Geraldo Castello”.

Antes de se tornar museu, no local havia um casarão da família Castello, foi construído no ano de 1862, devido ao casamento do Capitão Castello.

A construção é um típico sobrado de origem portuguesa do século XIX que após as obras de reforma da Prefeitura, foi restaurado para abrigar o primeiro museu público da cidade e a Biblioteca Municipal. O sobrado foi construído no ano de 1862 pelo capitão João Cardoso Castello (1839-1886), por ocasião de seu matrimônio com Thereza da Conceição Rodrigues Castello (1849-1905). O casal teve sete filhos, nascidos no andar superior da casa. O capitão foi comandante da Guarda Nacional da então Província do Espírito Santo e comerciante da Vila da Serra, cujo estabelecimento estava situado no térreo da edificação, como era comum na época. (BORGES, 2008, p. 250)

Na época de sua construção, segundo consta na documentação disponível no museu, o prédio foi produzido com o que havia de mais moderno. Devido as várias reformas, o casarão não pode ser tombado como patrimônio a nível federal e estadual. De acordo com o dossiê do museu, o local foi reformado por uns dos netos do capitão Castello, Rômulo Castello, no ano de 1947, que construiu uma escada de concreto, dando acesso a parte superior do casarão, construiu também uma nova ala, na parte do térreo, para servir como garagem.

A imagem abaixo, é do casarão construído em 1862, a foto não tem seu autor identificado e de acordo com Barros, (2002, p.106-107), a imagem é de c.1940, anterior as reformas.



Foto 2. Casarão da família Leão Castello, retirado de (BARROS, 2002, p.107)

A imagem abaixo é do prédio reformado, que hoje abriga o museu, a biblioteca e a casa do congo.

Observe a foto 1  
e a foto 2.  
O que  
permanece  
igual?  
O que mudou?



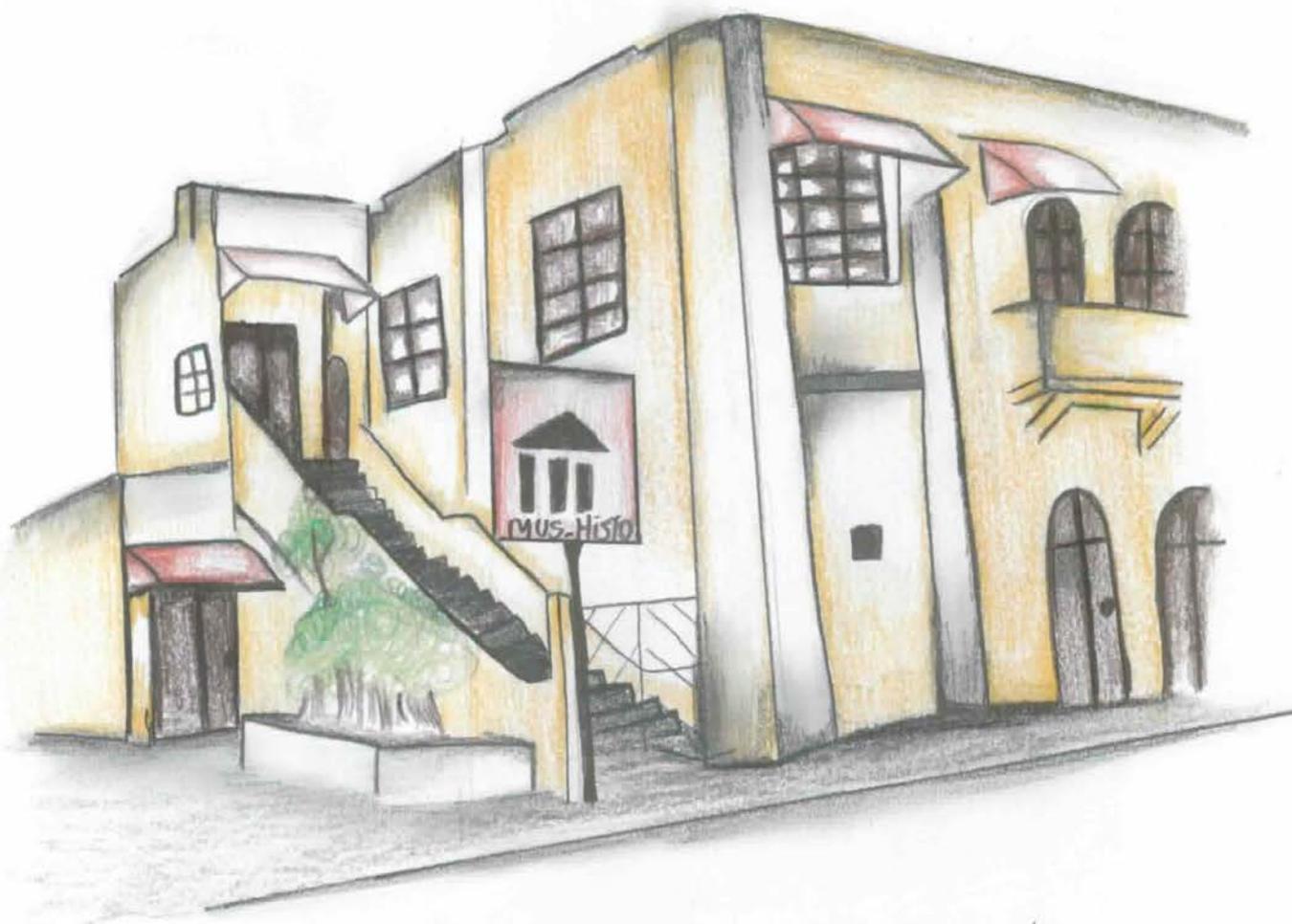
Foto 3. Museu Histórico, Casa do Congo e a Biblioteca. Acervo pessoal. Maio/2021.

O MHS foi criado pela Prefeitura Municipal da Serra, tendo como principais motivações de homenagear cidadãos que contribuíram para a história da cidade, bem como contar a História do município e preservar o casarão. Foi inaugurado no ano de 2007, a partir de incentivos municipais da Lei Chico Prego em trinta e um (31) de agosto, data em que se comemora o aniversário de uma das suas moradoras Judith Leão Castello Ribeiro no bairro Serra Centro.

**Lei Chico Prego:** A lei é do ano de 1996, nº028/95, consiste na concessão de incentivo fiscal para a realização de Projetos Culturais nas áreas de música, dança, teatro, literatura, cinema, vídeo, artes plásticas, folclore, Ciências Sociais, museus, associações culturais, etc. Sendo beneficiada pessoa física ou jurídica domiciliada no município, no mínimo há dois anos (emenda de 2015). A justificativa para o nome da legislação é homenagear Chico Prego, personagem importante na história local.

O local foi escolhido, devido a doação do espaço pela família Castello à prefeitura e ser um dos maiores espaços disponíveis no município, além de conter objetos e memória de uma das famílias mais influentes da localidade.

**Agora que você sabe o que é um museu, o que será que tem dentro dele?**



*Handwritten signature or mark.*

## Os objetos no museu.

*Alcobaça*



## É possível conhecer a história de um lugar ou das pessoas a partir dos objetos?

Sim, objetos contam histórias, mostram a passagem do tempo e podem ser compreendidos como fontes históricas, isto é, vestígios, para conhecermos uma parte do passado. Dependendo do assunto que queremos estudar e compreender, podemos escolher alguns objetos ou ainda, verificar quais deles estão disponíveis para uso e estudo. Certamente, em sua casa ou escola, existem alguns objetos que podem ser utilizados para lembrar de algum período da história. Qual objeto antigo tem na sua casa?

Para sua melhor compreensão, podemos dividir as fontes históricas em: **Fontes Escritas**, que podem ser documentos oficiais, textos, um caderno de anotações, livros de receitas, diários, um bilhete e outras coisas que apresentam texto; **as fontes visuais ou iconográficas**, são fontes que apresentam imagens, tais como: uma fotografia, um desenho, uma paisagem, entre outras. **As fontes orais**, em geral, entrevistas, testemunhos, gravações etc. E ainda, **as fontes de cultura material**, que podem ser construções, objetos, artefatos, entre outros.

Nesse museu, temos objetos de natureza variada, desde objetos pessoais dos antigos moradores, outros doados pela sociedade, quadros pintados por um artista local e materiais encontrados na prospecção arqueológica durante a revitalização de Queimado.



Foto 4. Material de prospecção Sítio de Queimado. Acervo pessoal. Mar/2021



Foto 5. Material de prospeção 2, Sítio Queimado. Acervo pessoal. Mar/2021



Foto 6. Objetos pessoais de Romulo Castello. Acervo pessoal. Mar/2021.



Foto 7. Retrato do quadro pintado por Assis, sobre a Insurreição de Queimado. Acervo pessoal. Mar/2020



Foto 8. Retrato do quadro pintado por Assis, sobre a construção da Igreja de São José em Queimado. Acervo pessoal. Mar/2020

## Os personagens no museu.

### Judith Leão Castello Ribeiro

Uma das personagens é Judith Leão Castello Ribeiro, homenageada no atual nome do museu, mulher, capixaba e cidadã da Serra, teve recentemente sua trajetória revisitada em um memorial, no ano de dois mil e dezenove (2019) exposto na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, (memorial esse, composto de documentos, uma estátua e fotos do acervo pessoal do filho de Judith, que colaborou na criação do mesmo) em um espaço reservado a capixabas que tiveram algum destaque na História do Espírito Santo.

Judith nasceu na Serra, em trinta e um de agosto de mil oitocentos e noventa e oito em 31 de agosto de 1898, filha de João Dalmácio Castello e de Maria Grata Leão Castello, neta paterna do Capitão João Cardozo Castello, construtor e primeiro dono, da casa, onde hoje se localiza o museu, e de Thereza Rodrigues da Conceição Castello e faleceu em 23 de março 1982.

Sua carreira inicial foi como professora, cursou a escola primária no município da Serra, e em seguida prestou exame de admissão para o Colégio do Carmo, em

Vitória, onde obteve seu diploma no Curso Normal.

Foi a primeira mulher a se eleger como Deputada Estadual no Espírito Santo, eleita em 1947. Assumiu o mandato na Assembleia Legislativa, pelo Partido Social Democrático (PSD), tendo sido eleita em outras quatro eleições.

Como parlamentar, sua principal luta era em favor dos professores, foi presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, além de apresentar vários projetos ligados à área.



Foto 9. Quadro de Judith Castello. M.H.S.

## Romulo Castello

Romulo Leão Castello, líder político no município da Serra, foi prefeito, eleito entre os anos de 1947 e 1951.

No dia 7 de maio de 1900, na cidade da Serra, João Dalmácio Castello, feliz com o nascimento do filho que se chamaria Rômulo, plantou as primeiras sementes de flamboyant que a Serra viu, defronte do sobrado onde residia. Registrando o acontecimento na terra natal. (RIBEIRO, 2014, p.41)

Filho de João Dalmácio Castello e Maria Grata Leão Castello, Rômulo nasceu na Serra, dedicou boa parte de sua vida a política e ao desenvolvimento local.

Entre suas principais ações como político local, temos a construção de diversos prédios e praças públicas, a abertura de vias na cidade da Serra, “abre a larga e extensa Avenida Getúlio Vargas, [...]. Aterra e arboriza a praça da bandeira.” (BORGES, 2008, p.216) bem como a instalação de luz elétrica e a reforma do

“casarão por volta de 1947, quando foi prefeito da Serra ES de 1947 a 1951” (M.H.S, 2008, p.4). Faleceu em 10 de dezembro de 1960.



Foto 10. Quadro de Rômulo Castello no M.H S.

### Aprofundamentos

Livro: Presença – Judith Leão Castello  
Ribeiro

Livro: História da Serra – Clério Borges.

Site da câmara:

<http://www.camaraserra.es.gov.br/>

## Chico Prego

Francisco de São José, mais conhecido como Chico Prego, de acordo com Borges (2008, p.139), “O Chico vem de Francisco e a palavra prego, segundo os dicionários significa aquele que gosta de pedir as coisas com insistência”, personagem também presente no museu, foi um dos líderes da Insurreição de Queimados, condenado ao enforcamento em uma das praças principais da cidade, é um personagem que aparece pouco nos objetos, porém sua participação na insurreição é lembrada, em um espaço reservado aos quadros pintados por **Walter Francisco Assis**, artista local, que tem várias obras pintadas em espaços no município. Sua memória foi evocada com a construção de uma estátua na praça no ano de 2006.

A imagem de Chico Prego usada nesse material é uma representação a partir da estátua e dos quadros pintados no museu. Você já se perguntou, a motivação de termos poucas informações sobre os escravizados?



Desenho 7. Releitura de Chico Prego. Hendry Souza

**Walter Francisco Assis**, mais conhecido como “Assis”, nascido em (18) dezoito de (1931) novembro de mil novecentos de trinta em Putiri, zona rural do município e um e falecido em (07) sete de outubro de (2017) dois mil e dezessete. Seus quadros retratam momentos e paisagens da história da Serra. Walter Francisco de Assis foi pintor, autodidata e recebeu título de Notório Saber, também foi membro do Conselho Municipal de Cultura da Serra Sendo um dos nomes mais destacados de Artes Plásticas no município e no Espírito Santo.

Suas obras abordam momentos relevantes da história local, inclusive os quadros que estão no museu, tais como: Enforcamento do negro escravo Chico Prego; Insurreição dos Negros de Queimado e detalhes da Serra Sede no período colonial e dos escravizados. (BORGES, 2008, p.248)

## Pensando conceitos

**Tombamento:** O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

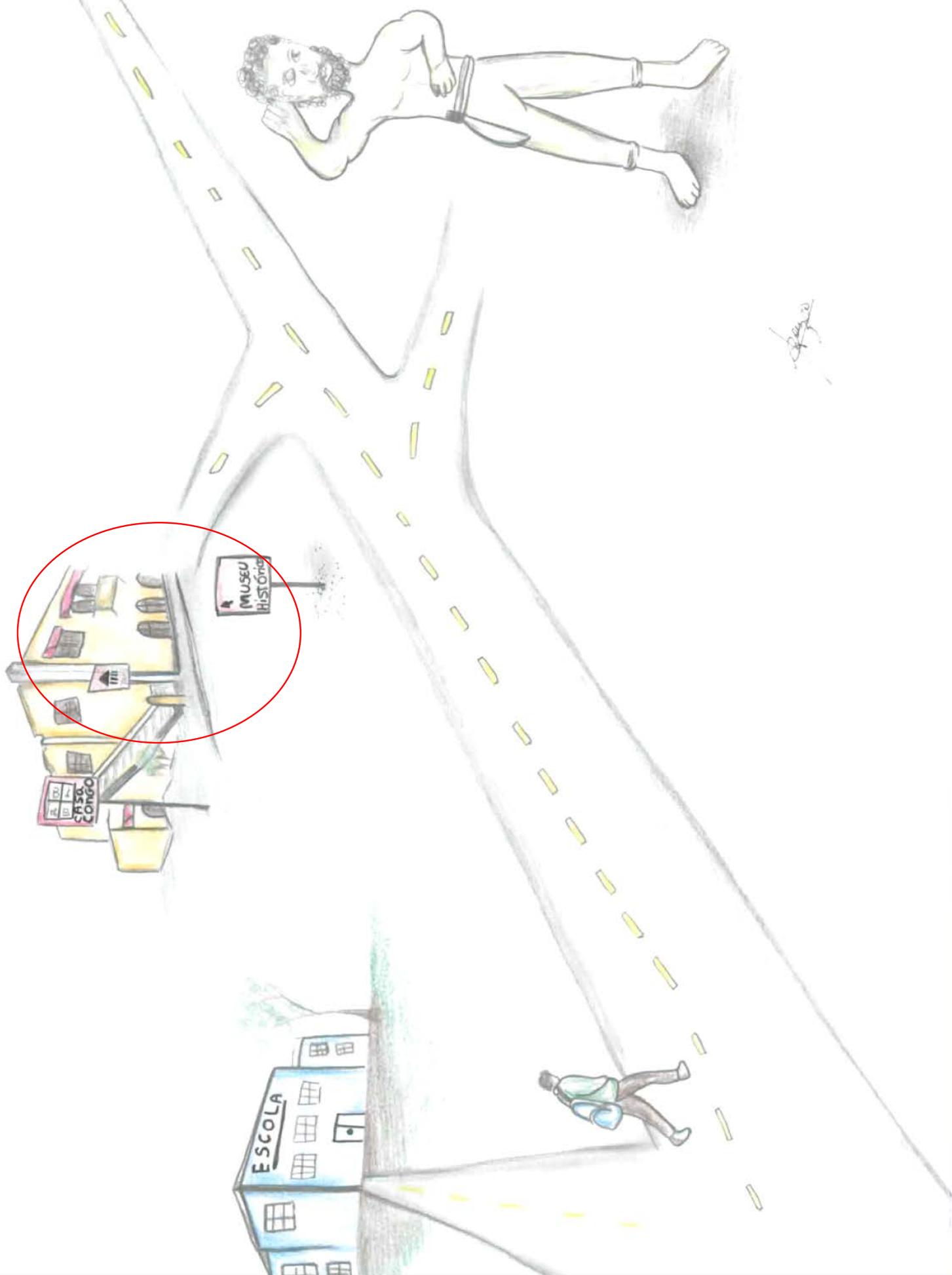
**Ressignificar:** Atribuir um novo significado a; dar um sentido diferente a alguma coisa.

**Redefinir:** dar nova definição, tornar a definir.

## Curiosidades

- O Museu Histórico da Serra, pode ser considerado um Museu-Casa, “é um tipo de museu instalado num imóvel que anteriormente teve como função principal a de residência” Oliveira e Rocca (2018, p. 125)
- Judith Castello foi a primeira mulher capixaba a ser eleita como Deputada Estadual e o Palácio da Câmara Municipal leva seu nome, assim como o Museu.
- Rômulo Castello foi prefeito da cidade da Serra, entre os anos de 1947 à 1951.
- No espaço onde hoje é o museu, já foi a secretaria de Turismo, cultura, esporte e lazer da Prefeitura Municipal da Serra.
- O museu histórico possui um grande acervo de materiais para pesquisa arqueológica. Um dos maiores do Espírito Santo.

**No mesmo prédio.....**



## Casa do Congo: uma casa de memória?

Podemos entender memória como,

disposição de reter, armazenar informações, sentimentos e imagens no cérebro humano. Elemento constituinte da identidade individual e coletiva. Relacionada às culturas e aos modos de entender o mundo, essencial para a continuidade das práticas culturais e para a reconstrução de si. (PELEGRINI: 2009, p.33).

A memória é fortemente utilizada na casa do congo, os objetos dispostos em sua exposição permanente, nos fazem lembrar de partes importantes da cultura local. Assim, podemos entendê-la como um lugar de memória, de acordo com Nora

Situada atualmente no pavimento inferior do atual “Museu Histórico da Serra: Judith Leão Castello Ribeiro”, a Casa do Congo Mestre Antônio Rosa, foi criada pela Prefeitura Municipal da Serra no ano 2000, na data de 26 de agosto. O objetivo de sua criação era funcionar como um espaço cultural para divulgação das Bandas de Congo, bem como a realização de exposições, eventos e mostras relacionadas a temática.

**O espaço da Casa do Congo recebeu esse nome em homenagem ao Mestre de Congo e serrano Antônio Pádua Machado, popularmente conhecido como Mestre Antônio Rosa, que teve a vida dedicada ao congo, bem como seu desenvolvimento no município.**



Foto 11. Antiga casa do congo. Disponível em <http://www.aspomires.com.br/pontos-turisticos/> <acesso em abril de 2021>.

Na época de sua inauguração, funcionava em um casarão do século XIX, restaurado pela prefeitura e localizava-se em frente à praça João Miguel, no bairro Serra Centro.

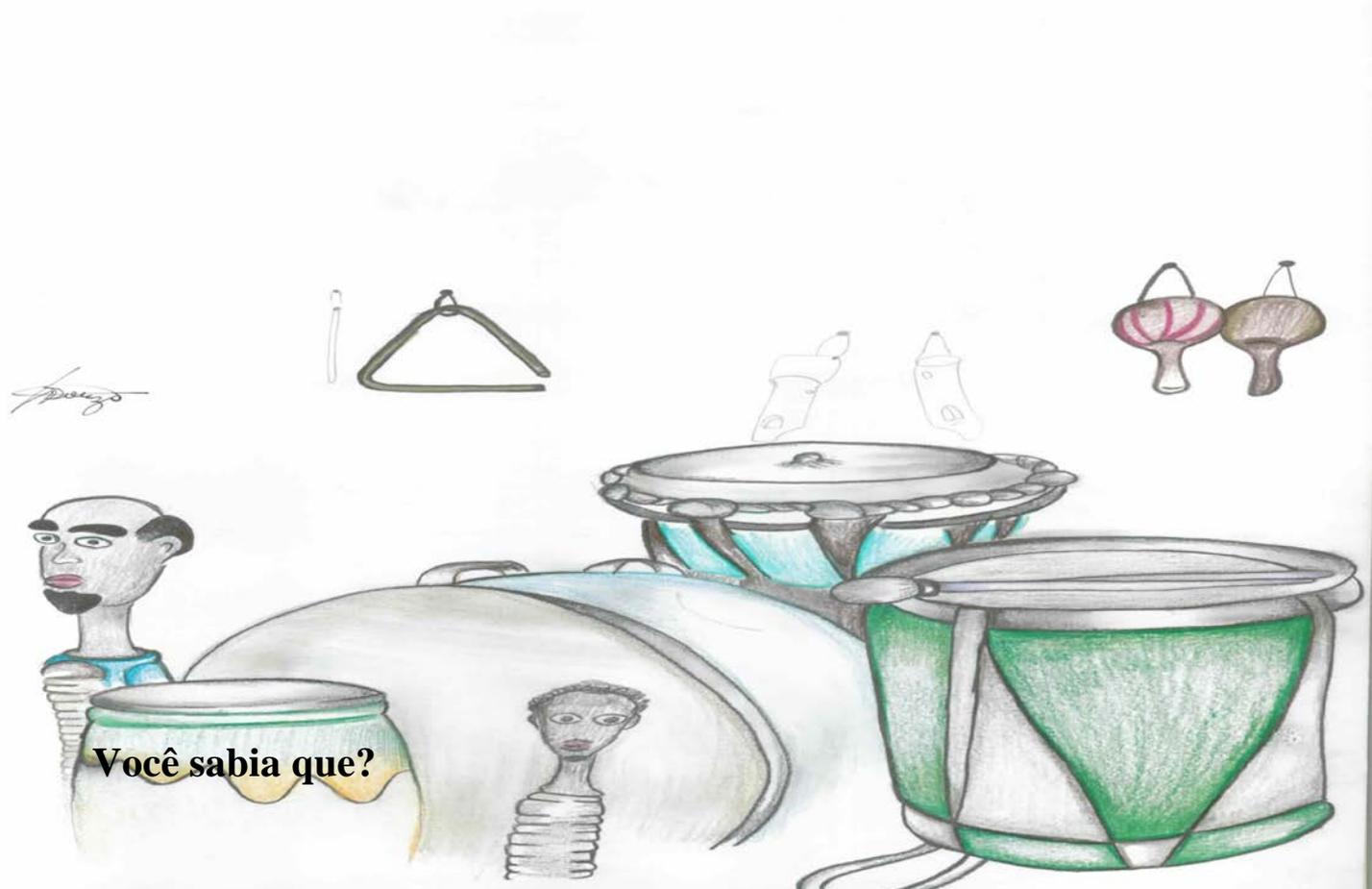
O acervo é composto, fotografias, indumentárias, instrumentos musicais e materiais das bandas de congos locais, tais como: bandeiras, casacas, tambores e outros. Também conta com relatos e imagens das ruínas do Sítio Histórico de Queimado, do qual se pode ouvir sobre a insurreição negra, ocorrida no município e ao final da visita ouvir músicas de Congo.

A Casa do Congo, como já mencionado anteriormente, faz parte do prédio do atual Museu Histórico da Serra, no primeiro pavimento, em um espaço menor que o anterior, onde foi reinaugurada, porém conservando os objetivos propostos no contexto de sua criação.

“é a criação permanente de um espaço formador de consciência Histórico-Cultural, onde além de estar divulgando e contribuindo na preservação do congo e de todos os seus elementos, trabalha com várias outras manifestações e iniciativas em relação à cultura. Para a Casa do Congo, investimento em cultura é investimento na qualidade de vida de todos.

A Casa do Congo Mestre Antônio Rosa é uma vitrine para todos aqueles que queiram conhecer o Congo, principal manifestação da Cultura Popular Capixaba, além de outras manifestações artísticas.” (SITE DA CÂMARA)

O principal tema apresentado no lugar é o congo e seus elementos, uma manifestação da cultura popular e também religiosa local, bem como, memórias das primeiras bandas do município e menções a populares ligados a tradição desse patrimônio imaterial “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados”. (PELEGRINI: 2020, p.71)



**Tanto no museu, quanto na casa do congo, uma das histórias contadas é sobre a Insurreição de Queimado.**

**Você já ouviu falar dela? Aconteceu bem pertinho do nosso caminho...**

As narrativas que são contadas nos dois lugares, sobre Queimado são originárias, de jornais da época e obras de literárias, pesquisas acadêmicas e relatos populares, que contam o ocorrido.

Conta-se que em 19 de março de 1849, na povoação de Queimado, houve uma revolta de negros escravizados na luta por liberdade.

#### **Pensando conceitos**

**Revolta:** 1. Rebelião; expressão coletiva de insubordinação, de insubmissão contra algo ou alguém: revolta de camponeses contra o sistema feudal.

2. Motim; ação de revoltar ou de se revoltar, provocando grande perturbação.

3. Revolução; ação de se rebelar usando armas: a revolta no presídio assustou os policiais.

**Insurreição:** Revolta; ação de insurgir, de se opor contra uma ordem preestabelecida ou determinada.

A revolta teria sido motivada por uma promessa de liberdade, que não foi cumprida.

Frei Gregório Maria de Bene, missionário capuchinho na região, convocou os negros para a construção de uma igreja, com a promessa de interceder juntos aos seus senhores para que fosse concedida a liberdade a cada um que trabalhasse na obra.

A obra da igreja em homenagem a São José teve início em 1845 (existem várias narrativas com relação a promessa de liberdade e sobre as motivações da revolta) e termina em 1849.

Segue alguns trechos sobre as motivações da Insurreição de Queimado:

#### **Trecho 1.**

Francisco Eugênio de Assis afirma que a revolta teve dois agentes motivadores: o primeiro, diz respeito ao desejo de liberdade dos escravos envolvidos na contenda, e, o segundo, a promessa do pároco local frei Gregório de Bene, que teria prometido a carta de alforria em troca do trabalho dos negros, na construção da igreja da Freguesia. (CARDOSO, 2008, p.26)

### Trecho 2

O foco da discordância entre Francisco Eugênio e Afonso Cláudio está na posição 27 ocupada pelo padre Francisco Nunes Siqueira, na formação da revolta. O frei escreve uma carta argumentando com alguém que foi enganado e que, de fato, nada prometerá aos negros revoltosos, Afonso Cláudio (1979) atribui a concepção do plano da revolta aos escravos alocados próximos a região do Queimado. Já Francisco Eugênio, apoiado em depoimento colhido pelo padre Francisco Antunes Siqueira junto a um dos líderes da insurreição, Chico Prego, antes de ser executado, acusa o frei de ter prometido a liberdade para construção da igreja. Eugênio destaca, ainda, que a luta pela liberdade, por parte dos negros escravizados, vinha acontecendo, há tempos, em outras localidades. (CARDOSO, 2008, p.27)

### Trecho 3

As causas dessa insurreição prendem-se às revoluções liberais que assolaram o país durante o segundo reinado e levaram o governo a tomar medidas enérgicas para dominar a inquietação em que vivia o brasileiro, nessa sua fase de povo livre. Como, para isto, o Imperador mandasse recrutar na Província homens capazes de defender a Monarquia e estabelecer a ordem no Império, (...) (RESENDE, 1949, p. 3).

### Trecho 4

A igreja teve um papel central na revolta que tomou conta do povoado, em 1849. O estado a que está reduzida, e a incapacidade demonstrada, ao longo dos últimos anos, de conservá-la, é muito sintomático de nossas desventuras como “povo”, nesta América tropical. Porque, a rigor, a preservação do templo, e com ele, a memória da rebelião, só faz sentido numa sociedade na qual o problema da cidadania e dos direitos do populacho esteja, de fato, na ordem do dia. A igreja, ou o que resta dela, é um marco na luta pelos direitos no Brasil, que não começou ontem, com a abolição ou a carteira de trabalho de Getúlio Vargas. Quando as duas últimas paredes da igreja de São José do Queimado vierem ao chão, os escravos do povoado (que as ergueram) terão sido derrotados pela segunda vez (a primeira ocorreu em 1849, quando falhou o plano de usar o templo católico para se alforriarem em massa.). E a presente geração de brasileiros, em sua maior parte descendentes deles, terá de constatar que perdeu mais uma batalha contra os das Casas Grandes & Mansões. Talvez ainda seja tempo de apenas tratar de sobreviver (GÓES, 2002).

### Aprofundamentos

GÓES, José Roberto Pinto. A segunda derrota dos escravos de São José do Queimado. Disponível no site: <http://www.no.com.br>.  
NOVAES, Maria Stella de. A escravidão e a abolição no Espírito Santo: história e folclore. Vitória, 1963.  
RESENDE, Wilson Lopes de. A insurreição de 1849 na província do Espírito Santo. Cachoeiro de Itapemirim, 1949.  
CARDOSO, Lavinia Coutinho. Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade, no século XIX, na província do Espírito Santo (1845 – 1850). Dissertação – PPHIS-UFES, 2008.

É importante mencionar que a Insurreição em Queimado, não foi a primeira ou a única revolta ocorrida no Espírito Santo. De acordo com Cardoso “A província do Espírito Santo, assim como o restante do império, foi palco de insurreições, de fugas e de formação de quilombos, ao longo do século XIX.” (2008, p.62). Além disso, foram várias tentativas do governo de conter os movimentos de luta por liberdade por parte dos escravizados.

Relatorio Antonio Joaquim de Siqueira - 1849

7

reitos e obrigações, e então deixarão de figurar na estatística dos crimes esses que ainda hoje com magoa e dôr vemos perpetrar-se. Um mal, contudo, existe entre nós que cumpre extinguir quanto antes. mal que sem duvida alguma comprometterá para o futuro a tranquillidade da provincia, nossa existencia, fortuna e bens. Fallo, Senhores, dos quilombos. A assembléa legislativa provincial sempre solicita pelo bem estar d'esta provincia creou por sua lei de quatro de maio do anno proximo transacto uma guerrilha composta de um commandante e vinte praças engajadas voluntariamente, destinada a prender criminosos, e mui principalmente a destruir os quilombos que formigão na provincia e tanto concorrem para o definhamento da agricultura e desmoralização da escravatura.

As difficuldades com que a presidencia por muito tempo luctou para encontrar um commandante que merecesse a sua confiança e podesse desempenhar suas difficéis e arduas obrigações, bem como a escolha de pessoas idoneas para compôr a guerrilha ha feito com que essa força não tenha sido ainda organizada, como é de urgente necessidade. Comtudo, Srs., a presidencia tomando na devida consideração objecto de tanta magnitude não poupará trabalho algum para que desapareção taes difficuldades e quanto antes tenha cabal execução tão proficua providencia. *Cumpre-me porem,*

Arquivo Publico Estadual - XDOD - Biblioteca Digital

Em 1849, no dia 19 de março, dia de São José, haveria uma grande missa com festejos, faltava pouco para o término. Escravizados das redondezas se dirigiram para o local.

Elisiário, João e Chico Prego, pretendiam na hora da missa, com o apoio do padre, exigir dos senhores presentes que cada um assinasse a declaração tornando-os livres. O padre estava rezando a missa às 3 da tarde, quando a multidão de escravos, com os ânimos exaltados invadiu a igreja aos gritos de liberdade. (BORGES, 2009, p.237).

Aproveitando-se grande concentração de escravizados na localidade, os líderes decidem dar continuidade ao movimento, percorrendo casas, na tentativa de obrigar os senhores a assinarem as cartas de alforria.

O Presidente de Província, Antonio Joaquim de Siqueira (1849), em carta de 20 de março de 1849 e endereçada ao Ministro de Estado dos Negócios do Império, Visconde de Monte Alegre, relata o seguinte: Ontem pelas três horas, soube que um grupo armado de trinta e tantos escravos perpetrara o crime de Insurreição no distrito de Queimado, três a quatro léguas distantes dessa capital, invadindo a matriz, na ocasião em que se celebrava a Missa Conventual e levantando gritos de “Viva a liberdade”, queremos “Carta de Alforria”. Este grupo seguiu depois em direção do Engenho Fundão, de Paulo Coutinho de Mascarenhas, e aí obrigando a entregar-lhes os seus escravos e dar “Carta de Liberdade”, as armas e munições que possuía, fizeram o mesmo em outros engenhos, de maneira que conseguiram aproximadamente. De acordo com Teixeira “Queimado é um episódio de luta que os negros iniciaram no dia em que se viram cativos. Seu objetivo era a liberdade” (2008, p.353).

Houve confronto entre os revoltosos e as forças policiais acionadas, enviadas a localidade pelo presidente de província, “que mandou o chefe de polícia, José Inácio Acioli de Vasconcelos, acompanhado de uma força policial de vinte praças da Companhia Fixa de Caçadores, que representava a polícia da época” Borges, 2008, p.137.

O movimento foi contido, o frei foi preso, os negros encontrados pelo caminho assassinados, e os demais julgados.

Em relação ao frei,

Eu frei Gregório indignissimo ministro da cruz juro diante deste verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e chamo ele por testemunho de minha inocência (na grande e maliciosa ..... que os negros cativos levantarão-me no Queimado e na cidade de Vitória diante das autoridades) juro repito de novo que, eu não fui causa nem aconselhei a eles no motim que fizeram no dia de São José 19 do corrente (Fonte: APEES, 1849).

Os revoltosos presos, ficaram na cadeia pública de Vitória e em 31 de maio do corrente ano foram julgados. A acusação ficou a cargo de Manoel Morais Coutinho, promotor público, já a

defesa dos envolvidos, foi feita pelo padre João Clímaco de Alvarenga Rangel, na presidência do tribunal, José Inácio Acioli de Vasconcelos, que além de chefe de polícia era o juiz.

Os que escaparam à justiça sumaria dos primeiros momentos foram – em número de trinta e oito – submetidos a júri, que absolveu seis, condenou cinco a pena máxima e os demais a açoites. Três daqueles cinco conseguiram evadir-se da prisão e os dois restantes foram supliciados na força: Chico Prego na Serra e João da viúva Monteiro, no Queimado, “como exemplos a futuros cometimentos, visto serem estes os lugares onde cada um dos rebeldes tinha mais influência. (TEIXEIRA: 2008, p.353)

1849 QUARTA FEIRA 4 DE ABRIL N.º 23

## CORREIO DA VICTORIA.

ADVERTENCIA.	EPHEMERIDES.	PARTIDA DOS CORREIOS.
* O CORREIO DA VICTORIA publica-se ás quartas e sabbados. Subscree-se á 8.7000 reis por anno, e á 7.000 reis por semestre. Pagos adiantados. Na Typ. Capitaniense do editor F. A. do Azeredo, rua da Praia. Folha avulsa 80 reis.	Chela a 7, ás 1 horas e 44' 28" da manhã. Minganteia 15, ás 7 horas 37' 46" da manhã. Nova a 22, ás 4 horas 44' 46" da manhã. Crescente a 28 ás 8 horas 30' 52" da manhã.	Rio de Janeiro, Itapermerim, Benevente, Guapary e Espírito Santo, 1, 2, 10, 12, 20 e 25. S.º Mathews, Serra, Nova Almeida, Santa Cruz, Litoraes e Barra de S.º Mathews, 3, 13, e 21. Minus nos dias 1 e 15.

---

**PARTE OFFICIAL**

GOVERNO GERAL.  
MINISTERIO DO IMPERIO.

Tendo por decreto de 19 do corrente dissolvido a camara dos deputados e convocado outra para o dia primeiro de janeiro proximo futuro: hei por bem convocar para aquelle mesmo dia a nova assembléa geral legislativa, designando, na forma do artigo 40 da lei n. 387 de 19 de agosto de 1840, o dia 5 de agosto proximo futuro para se proceder em todo o imperio á eleição dos eleitores que tem de eleger os novos deputados. O visconde de Mont'Algre, do meu conselho de estado, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, assim o tenha entendido e faça executar, expedindo para esse fim os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em vinte e dous de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e nove, vigesimo oitavo da independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.—*Visconde de Mont'Algre.*

Expedio-se circular aos presidentes de todas as provincias, e a Illm.ª camara municipal, remetendo-lhes cópia do decreto para se proceder á eleição primaria em todo o imperio no dia nelle designado.

---

SECRETARIA DO GOVERNO.  
EXPEDIENTE DO DIA 31 DE MARÇO

Ao Exm. Sr. ministro do imperio, communicando para que faça chegar ao alto conhecimento de S. M. O Imperador, que a segurança e tranquillidade publica se achão restabelecidas nesta provincia.

—Ao Exm. Sr. ministro da guerra, participando ter fundeado no porto desta cidade, ás 3 horas da tarde do dia 30 do corrente o vapor de guerra *Paquete do Sul*, e que desembarcarão apenas de seu bordo 31 praças inclusive um official para as commandar, das 104 que trouxe.—Communicou-se ao Exm. Sr. ministro da justiça.

---

— Ao 1.º secretario da assembléa legislativa desta provincia, declarando a hora marcada por S. Ex. para receber a deputação, que pretende dirigir-lhe o voto de agradecimento pela promptidão, com que soube o mesmo Exm. Sr. abafar a insurreição do Queimado.

1 de abril.

Circular ás autoridades policiaes, fóra da capital communicando achar-se a ordem publica restabelecida em toda a provincia.

Dia 2.

Ao presidente da provincia do Rio de Janeiro, agradecendo a remessa de dous exémples do relatorio, com que foi aberta n'aquella provincia a sua 2.ª sessão da 7.ª legislatura no anno passado.

—Ao do Piahy—fez igual agradecimento.

—Ao inspector da thesouraria, remetendo, para inteiro cumprimento o aviso da justiça de 6 de março findo.

—Ao mesmo, para que pague ao encarregado do armazem de marinha d'esta cidade, Narciso José Teixeira, a importancia de 12 tonelladas de carvão de pedra, e a despeza com a condução do mesmo feita para bordo do vapor de guerra *Paquete do Sul*, á vista dos documentos que se lhe remette.

—Ao Dr. chefe de policia, remetendo para inteira execução, o aviso do ministerio do imperio de 8 de março passado.

—Ao mesmo, para que providencie á fim de serem substituidas da meia noite para o dia pelas praças policiaes, as patrulhas de 1.ª linha, que até a hora rondão a cidade.—Communicou-se ás autoridades policiaes da cidade afim de serem dispensados do serviço os cidadãos que se prestarão para tal mister.

—Ao administrador das rendas provinciaes, para que entregue ao proprietario da typographia Capitaniense a quantia de 9077 reis correspondente á nove n.º. do *Correio da Victoria*, publica dos no mez p.p.

—Ao mesmo para que entregue ao porteiro da secretaria do governo Luiz Barboza Brandão a

Carta do Presidente de Província ao Ministro sobre o restabelecimento da paz e agradecimento ao abafamento a insurreição de Queimado. 4 de abril de 1849.

Relatório - Felipe J P Leal - 25 06 1850.

11

incurir a confiança, que demanda uma força de tanta importancia, e que se alista levada pela mira no salario, havendo até o facto de ser a propria, que aviza qualquer movimento que vae ter, não sendo possível conseguir-se o segredo nas diligencias, de que é incumbida. Todavia eu pretendia mandar alistar algumas praças para marcharem em diligencia a um dos lugares, onde consta, que existem reuniões de negros fugidos, porem em consequencia da falta de numerario nos cofres, e mesmo por se achar bastante avançada a verba respectiva não resolvi nada á tal respeito.

Tem aqui cabida informar-vos que forão executados dous cabeças da insurreição, que explouz no Queimado no dia 19 de março do anno proximo findo, não o tendo sido os outros porque estes poderão evadir-se da cadeia desta capital, onde se achavão presos.

Fizerão essa execução dous algozes remetidos da cõrte, tendo-se despendido com o seu transporte para esta provincia e seu regresso, e de cinco permanentes, que os escoltarão a quantia de 274\$920 rs. que foi deduzida da consignada para eventuaes.

Adespeito das promptas providencias, que expedi logo que soube da fuga desses malvados, não foi possível captural-os, e estando este negocio bastante recommendado ao subdelegado do

Arquivo Publico do Estado do Espirito Santo - XDOD - Biblioteca Digital.

Relatório do Presidente do Província do Espírito Santo, Felippe José Pereira Leal, de 25 de junho de 1850.

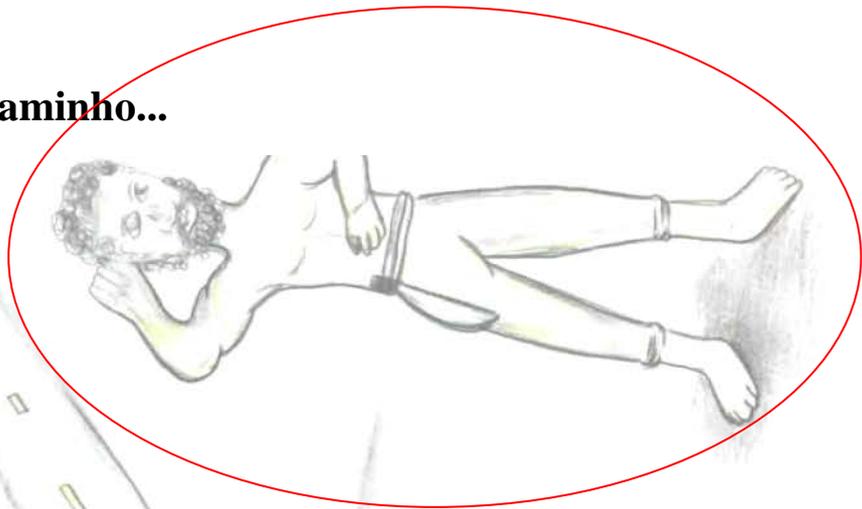
### PARA APROFUNDAMENTO

Os relatórios de província podem ser encontrados no site do Arquivo Público do Espírito Santo. (Relatórios de Províncias período imperial)  
<https://ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2>



Desenho 9. Ruínas de Queimado. Émilly Évelyn Amaral.

**Ainda pelo caminho...**



**...Estátua de Chico Prego.**





Foto 12. Monumento a Chico Prego. Acervo Pessoal. JUN/2021

Chico Prego foi preso e condenado a morte por enforcamento, levado de Vitória a Serra, a pé, andou seis léguas e observou a construção do patíbulo.

1 légua corresponde a 4,82803 quilômetros.

No dia marcado para sua morte, percorreram pelas principais ruas da Serra ao som de um tambor e sinos da Igreja. A todo momento, o cortejo parava para que fosse lida a sentença. Em frente à forca, Chico Prego recebe sua última unção religiosa.

Com as mãos amarradas, subiu ao palco construído para sua morte, seu carrasco passou a corda pelo pescoço e a empurra, fez força sobre seus ombros para maior pressão da corda. Em seguida, a corda é cortada e seu corpo cai ao chão ainda agonizante. Com um pedaço de madeira, bate em seu crânio, braços e pernas, mesmo com ele praticamente morto e sem nenhuma necessidade da continuidade da violência. De acordo com Borges, “Chico Prego foi executado na Vila de Nossa Senhora da Serra, no dia 11 de janeiro de 1850, nas proximidades da Igreja, para servir de exemplo” (2008, p.140).

#### **Pensando conceitos**

**Patíbulo:** palanque ou estrado montado em local aberto para sobre ele executar condenados. Ou ainda, forca, esp. quando montada num palanque ou estrado.

A estátua de Chico Prego, está localizada no bairro Serra Centro, na **Praça Almirante Tamandaré** e é um monumento construído pelo artesão Jacob Kuster (Tute) em homenagem a um dos líderes da Insurreição em Queimado, condenado à morte por enforcamento, na Vila de Nossa Senhora da Conceição da Serra, em janeiro de 1850. A estátua foi construída com recurso da lei que homenageia o mesmo, está próximo ao local da execução de Chico Prego, há 172 anos.

#### Almirante Tamandaré

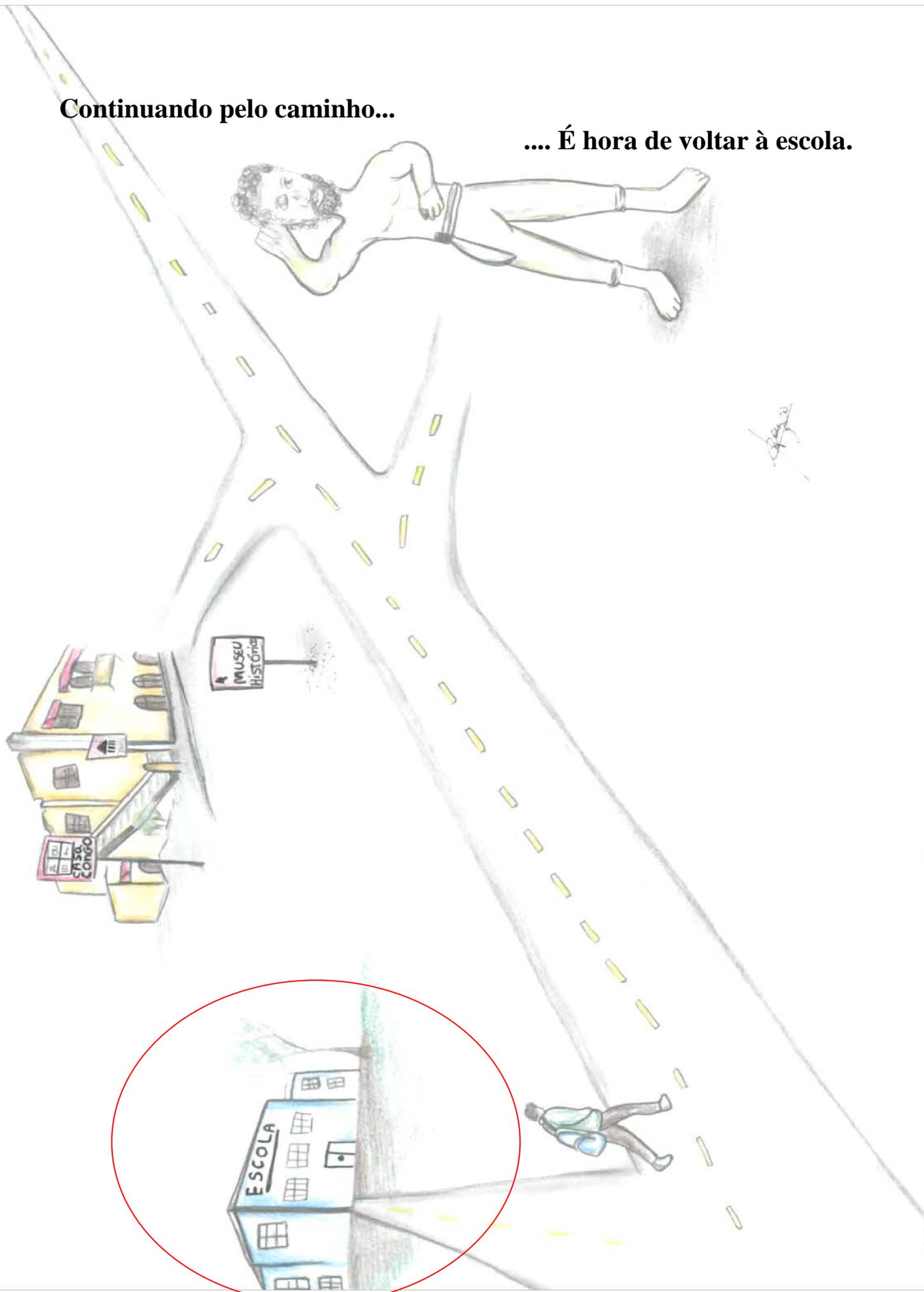
1.Cidade do estado do Paraná.

2.A cidade recebeu esse nome em homenagem: ao Almirante Joaquim Marques Lisboa, Visconde e [Marquês de Tamandaré](#), nascido na cidade [gaúcha](#) de [Rio Grande](#) em 13 de dezembro de 1807 e falecido em 20 de março de 1897, no [Rio de Janeiro](#). O Marquês de Tamandaré foi membro do Conselho Naval Superior e [Ministro](#) do [Supremo Tribunal Militar](#). É [patrono](#) da [Marinha do Brasil](#) e participou de inúmeras lutas internas e das campanhas contra o [Paraguai](#), [Uruguai](#) e ainda das rebeliões internas [Setembrada](#), [Abrilada](#), [Cabanada](#), [Sabinada](#), [Balaiada](#), [Praieira](#) e [Confederação do Equador](#).

<https://www.tamandare.pr.gov.br/nossa-historia>

**Continuando pelo caminho...**

**... É hora de voltar à escola.**



**Agora que já sabe o que é um patrimônio, você consegue identificar outros no Centro Histórico da Serra?**

- 1) Qual o nome desse patrimônio?
- 2) Você consegue classificá-lo?
- 3) Faça um desenho ou recorte e cole uma imagem
- 4) Explique com suas palavras por que você escolheu esse patrimônio?

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

As atividades aqui sugeridas estão alinhadas as propostas de aprofundamento da BNCC, bem como, a relação com os pressupostos da LDB e Currículo Básico Comum da Rede Estadual do Espírito Santo. Tais propostas podem ser adaptadas para outras séries, para outras trilhas ou roteiros, chamamos isso, de a retomada do caminho. Uma temática discutida nas aulas de História, não se findam no espaço escolar, sempre há a possibilidade de criação, reelaboração e divulgação para outras pessoas.

O material em suas mãos pode e deve ser problematizado desde a capa, apontando diversas questões:

- Por que a autora escolheu esse caminho?
- Vocês conhecem os lugares de onde vamos falar?
- Que outros lugares vocês consideram patrimônios?
- Que reflexões ou apontamentos sobre passado e presente podem ser feitas a partir da poesia sobre a Serra no início do material?
- Comparar as fotografias que estão no material, abordar a questão da temporalidade, da arquitetura e das memórias partindo das transformações dos lugares.

Essas e outras questões são sugeridas nas páginas do material e nas atividades descritas a seguir.

Dentre as competências da Base Nacional Comum Curricular, elencamos algumas, que se relacionam diretamente com o que propomos a seguir.

### COMPETÊNCIAS DA BNCC

1. **Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos** sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. **Exercitar a curiosidade intelectual** e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. **Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais**, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

#### COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.

3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

## **ATIVIDADE 1**

### **QUESTIONÁRIO**

Nesta atividade os alunos irão responder a um questionário online, com questões relacionadas à aula de História e aos patrimônios. A proposta é conhecer o público-alvo deste trabalho, bem como, observar o que os alunos já sabem e suas impressões iniciais sobre as temáticas a serem trabalhadas.

O questionário foi adaptado de um perfil que fazemos com os alunos na disciplina de História quando entram na Primeira Série do Ensino Médio, assim, foram criadas questões voltadas ao tema de patrimônio e sobre a Insurreição de Queimado. Os alunos das séries envolvidas deverão responder o mesmo.

Os dados podem ser tabulados, a proposta é que este questionário, seja transformado em gráficos para facilitar a visualização dos resultados deles. Sendo assim, não faz sentido pensar sobre certo e errado nas questões, mas fazer uma sondagem a respeito do que for respondido.

O questionário pode ser utilizado impresso, ou dialogando com os estudantes a partir das questões propostas. A ideia de usar o questionário online, parte da possibilidade de usar os meios que a infraestrutura escolar nos possibilita. A escola em que lecionamos, possui internet *wi-fi* liberado para ser utilizada nas atividades em sala de aula, os alunos recebem o login e senha para utilização que durante o período que estudam, esse questionário pode ser respondido no momento da aula.

Material utilizado: Google forms, se utilizado online ou cópias, se utilizado impresso.

### **QUESTIONÁRIO PARA A PRIMEIRA SÉRIE**

O questionário voltado para a primeira série, apresenta questões mais relacionados ao patrimônio. Devido a Pandemia e as mudanças curriculares em 2021, o questionário foi aplicado para turmas da Segunda Série.



## QUESTIONÁRIO PARA A SEGUNDA SÉRIE

O questionário voltado para a primeira série, apresenta questões mais relacionados ao patrimônio. Devido a Pandemia e as mudanças curriculares em 2021, o questionário foi trabalhado com as turmas da Terceira Série.

Questionário online alunos da Segunda Série - Ensino Médio			
Nome	Série/Turma		
Idade: 15 16 17 18 19 ou mais.			
Escola onde estudou o Ensino Fundamental			
Há quantos anos mora no município da Serra?			
1 a 5 anos	5 a 10 anos	Mais de 10 anos	
Caso resida na Serra a pouco tempo, de onde veio sua família (estado e município)?			
Em que município você nasceu?		Seus pais nasceram em que município/estado?	
Gosta das aulas de História?			
O que aprendeu em História nos últimos anos?			
Você já ouviu falar sobre patrimônio?			
Sim	Não	Talvez	
Marque o que você considera um patrimônio cultural. (Você pode marcar mais de uma opção)			
Solares	Obras de arte	Artesanatos	Casas de pessoas importantes
Museus	culinária	Cantigas	Nenhum item acima.
Escolas	Modos de saber fazer	Bandas Musicais	
Festas populares (ex. Festa de São Benedito).	Documentos históricos	Lendas	
	Igrejas	Livros	
Conhece algum patrimônio cultural aqui próximo de nossa escola?			
Conhece algum patrimônio cultural no nosso município ou em outro município?			
Caso tenha respondido sim a pergunta anterior, quais patrimônios você conhece?			
Você acha importante cuidar do patrimônio cultural?			
Sim	Não	Talvez	
Em sua opinião, quem deve cuidar do patrimônio cultural?			
Prefeitura	Governo Federal	Proprietário	
Governo estadual	Sociedade	Outros	
Você já visitou algum patrimônio cultural com a escola? Qual (quais)?			
Considera importante visitar patrimônios culturais nas aulas de História?			
Já ouviu falar sobre a "Insurreição de Queimados", ocorrida na Serra?			
Se sim, qual a importância de estudar esse acontecimento nas aulas de História?			
Para você, qual a importância de conhecer lugares históricos no seu município?			
Conhece ou já ouviu falar do Museu Histórico da Serra?			
Conhece ou já ouviu falar da Casa do Congo?			
Conhece ou já viu a estátua de Chico Prego?			
Quando você caminha pela cidade ou nas proximidades na escola, o que te chama atenção?			
Nas aulas de História, você se lembra de ter estudado alguma temática que se relacione com a cultura dos negros e/ou das mulheres? Comente.			

**ATIVIDADE 2****OBJETO DE CONHECIMENTO**

Abolição; A resistência dos escravizados; O movimento abolicionista; As leis e a realidade; A lei áurea: o 13 de maio de 1888 e a vida dos recém libertos.

**CONTEÚDO: ABOLIÇÃO E REPÚBLICA****HABILIDADES DE ACORDO COM A BNCC**

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil.

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

SÉRIE: 8º ANO/ 2º ANO

**DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

**A INSURREIÇÃO DE QUEIMADO - TRABALHO COM FONTES HISTÓRICAS.**

### 1ª Etapa

Consiste em trabalhar o conteúdo sobre as insurreições negras que é parte do currículo e onde trabalhamos a história da Insurreição de Queimado.

Sempre fazemos uma sondagem sobre o tema e sugerimos com parte inicial da metodologia, uma aula expositiva dialogada. Em geral, os estudantes são bem curiosos em relação à temática. E em contraposição a ideia do pacifismo do escravizado.

### 2ª Etapa

Os alunos poderão ser divididos em quatro ou cinco grupos, para trabalhar com materiais escritos (leitura, compreensão e registros, questionamentos a serem respondidos) sobre a Insurreição de Queimado, fragmentos de livros, jornais da época até os dias atuais e imagens sobre o local.

O uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que pode oferecer para o desenvolvimento do pensamento histórico. Uma delas é facilitar a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico pelo entendimento de que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares, fazem parte da memória social e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. (BITTENCOURT, 2008, p.269)

Material utilizado: as fontes estão no material educativo, bem como o material para aprofundamento. As imagens sobre as ruínas seguem abaixo. Nossa sugestão, é apresentar o material educativo ao estudante, dividir as fontes disponíveis para cada grupo.

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
Quadros do museu.	Jornais, relatórios de província.	Estátua do Chico Prego.	Trechos de livros da época	Fotos das Ruínas de Queimado.

### 3ª Etapa

Socialização do que foi pesquisado.

Os grupos deverão produzir um texto ou jornal mural sobre o que leram e pesquisaram e apresentar para turma.

Materiais utilizados: Material Educativo.

Patrimônio Histórico

Fale com a editora:  
calves@redgazeta.com.br

A GAZETA Vitória (ES), quinta-feira, 16 de julho de 2009

DIA A DIA 11

Memória. Área vai ganhar espaço para contemplação e realização de exposições históricas

# Vila de Queimado recuperada para os 161 anos da insurreição

O projeto deve ser concluído até março; o primeiro passo será a pavimentação da estrada da região

**MAURÍLIO MENDONÇA**  
mopm@redgazeta.com.br

■ A Vila de Queimado, na Serra, onde estão a Igreja de São José e as ruínas do cemitério, serão recuperadas e restauradas pelo município, com ajuda do Estado. Mas ainda não há prazo para que o projeto comece. Antes, os dois órgãos públicos prometem pavimentar cerca de 14 quilômetros da estrada que dá acesso à região histórica, lembrada pela Insurreição de Queimado, que aconteceu há 160 anos.

A estrada, que liga o bairro Cascata à antiga Vila de Queimado será feita com pavimento especial, em pedras, assim como no contorno da Região da Caparaó, no Sul do Estado. Tudo para não prejudicar o ambiente, de importância histórica e arqueológica.

Os R\$ 6,3 milhões da obra serão custeados pelo governo do Estado, que deu o aval para que a administração municipal lance o edital para a contratação e a execução da obra.

A expectativa é de que tudo comece em dois meses, e que o trabalho seja concluído até 19 de março do ano que vem - data comemorativa dos 161 anos da Insurreição de Queimados.

O projeto de recuperação arqueológica e histórica das

**Resgate histórico**  
As obras de restauração das ruínas da Vila de Queimado

■ **ESTRADA**

- A via que liga o bairro Cascata a Queimado será pavimentada
- Um pavimento especial será selecionado para não prejudicar o terreno
- São quase 14 quilômetros de estrada
- Investimento da ordem de R\$ 6,3 milhões
- Edital de obra deve sair neste mês, com início dos trabalhos em 60 dias e conclusão até 19 de março de 2010

■ **RESTAURAÇÃO**

- As ruínas da Igreja de São José vão receber suporte com vigas metálicas nas laterais e cabos de aço que vão cruzar, no teto
- Parte da estrutura que caiu será reposta também com aço, imitando a fachada da igreja antiga
- O coreto interno será refeito, assim como parte do altar-mor
- Uma escada será construída para ter acesso ao coreto
- No centro da igreja, uma caixa elevada a 50 centímetros do chão vai guardar pedaços das ruínas que caíram com o passar dos anos
- Aparte de fora ficará toda em pedra, sem rejunte, com aspecto de ruína
- Na parte interna, o rejunte será recuperado e as paredes

pintadas de branco, com cal

- Ao lado da igreja, mais acima, um novo prédio será erguido
- Nele ficarão áreas de descanso e lazer para visitantes
- Projetos de incêndio, elétrico, hidráulico e de esgoto serão elaborados para o novo prédio
- O local ainda servirá como área de exposição fixa com materiais que contêm a história de Queimado
- Também haverá no local terraços com acesso à mata de reflorestamento, existente na região

■ **HISTÓRIA**

- A localidade de Queimado já foi uma vila economicamente ativa no território serrano
- Dados apontam que, em 1848, Queimado contava com uma população de 3.385 habitantes, um número próximo da quantidade de habitantes, na época, da Serra e de Vitória
- O fato mais importante na história do local foi a Insurreição de Queimado, ocorrido em março de 1849
- É considerada o maior movimento em favor da liberdade e o maior símbolo da resistência do negro à escravidão no Estado
- Cerca de 300 escravos - liderados por negros como Euzébio, Chico Prego e João Monteiro, o João da Viúva - lutaram pela liberdade

**Outras reformas**

■ **Palácio Anchieta, Vitória (foto).** Ainda em reforma, vem concluindo as etapas, aos poucos. Hoje ainda falta o primeiro andar, área de principal interesse arqueológico, com altares, o poço e as celas (espaços usados pelos jesuítas como oficinas). Além de dois túmulos em uma das capelas - um pode ser do Padre Anchieta. Ainda será

**Resgate histórico**

As paredes internas e externas e o altar-mor da Igreja de São José serão restaurados

**Outras reformas**

Palácio Anchieta, Vitória (foto). Ainda em reforma, vem concluindo as etapas, aos poucos. Hoje ainda falta o primeiro andar, área de principal interesse arqueológico, com altares, o poço e as celas (espaços usados pelos jesuítas como oficinas). Além de dois túmulos em uma das capelas - um pode ser do Padre Anchieta. Ainda será

[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160919\\_aj11435\\_patrimoniohistorico\\_igrejas\\_rra.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160919_aj11435_patrimoniohistorico_igrejas_rra.pdf)



Foto 13. Ruínas de Queimado. Disponível em

[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717\\_FOTO\\_FDIG\\_03753.jpg](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_03753.jpg) <acesso em abril de 2021>.

VITÓRIA, ES, SEXTA-FEIRA, 14 DE

# QUAL A BRONCA?

bronca@redetribuna.com.br

QUEIMADO

## Igreja histórica abandonada

Segundo leitor, a Igreja de São José de Queimado, na Serra, está em completo estado de abandono pelo poder público

“É um absurdo que a Igreja de São José de Queimado, palco da história e cultura capixaba, esteja abandonada pela Prefeitura da Serra. Não podemos deixar que este patrimônio histórico caia no esquecimento”.

Este é o apelo do técnico em telefonia Vanderlei Rodrigues da Vitória, que mora no bairro Guaranhuns, em Vila Velha. Ele afirma que o local está abandonado, sem manutenção e sem cercas ou muros que protejam a igreja.

“Um monumento histórico como este merecia mais atenção. Merecia um olhar especial. O descaso está deixando a igreja com um aspecto feio e de total abandono. Matagais estão crescendo em volta, de forma rápida. Essa igreja faz parte da história

do Estado e está na memória de milhares de capixabas, sejam eles negros ou não”.

A SECRETARIA DE CULTURA, TURISMO, ESPORTE E LAZER DA SERRA informa que o patrimônio histórico está sempre em manutenção e que, em função das constantes chuvas, a vegetação cresce com mais força e robustez. Esta vegetação não pode ser extinta, pois funciona como um protetor natural da ruína.

Informa ainda que existe um cronograma de limpeza e manutenção e, inclusive, a Divisão de Patrimônio e Fomento já encaminhou solicitação de capina e roçada de todo o Sítio Histórico. Importante frisar que as ruínas de Queimado são as únicas preservadas no Estado.

O que diz o leitor



VOU ESPERAR

Vanderlei disse que vai esperar até que uma manutenção doze a aparência da igreja com um aspecto melhor e mais bonito.

RUÍNAS DA ANTIGA IGREJA DE QUEIMADO, na Serra: vegetação domina a paisagem

A Tribuna, Vitória-ES, 14/12/2012, p.25, c.1-4.

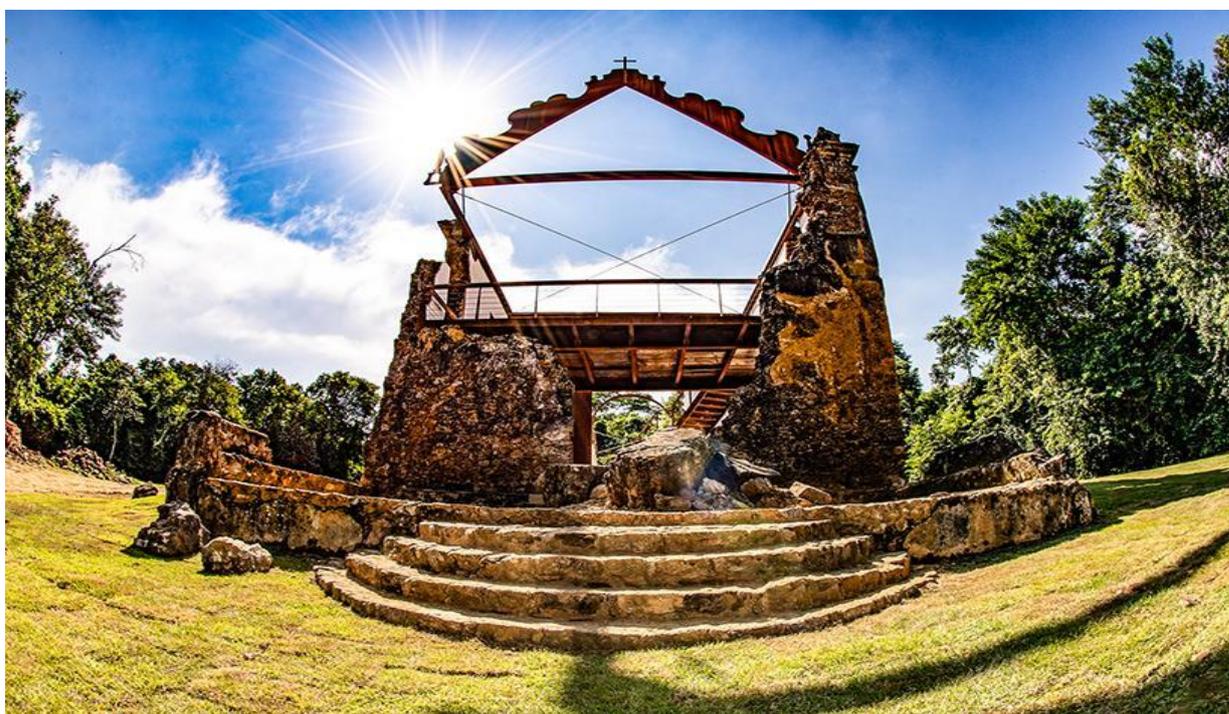


Foto 14. Revitalização de Queimado - Everton Nunes/Secom-PMS – Disponível em <http://www.serra.es.gov.br/noticias/aprovandofalta-foto-ruinas-do-queimado-simbolo-da-luta-negra-no-brasil>

<acesso em 23 de abril de 2021>

### ATIVIDADE 3

#### OBJETO DE CONHECIMENTO

Introdução à História: O que estuda a História? Fontes Históricas. Tempo. Patrimônios.

**CONTEÚDO: TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS**

**HABILIDADES DE ACORDO COM A BNCC**

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

Para trabalhar esse objeto de conhecimento, sugerimos como proposta a visita pedagógica, que pode ser considerada parte importante do que chamamos de Educação Patrimonial, que “na escola faz parte do currículo como tema transversal, integrando-se ao conteúdo das diversas áreas de conhecimento com o propósito de sensibilizar os jovens do ensino básico e médio para conhecer, valorizar e proteger o patrimônio cultural.” Pode e deve ser trabalhada de maneira crítica. (IPHAN)

A Educação Patrimonial integra atualmente, os planejamentos escolares, e especialmente os professores de História têm sido convocados e sensibilizados para essa tarefa, que envolve o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado. (BITTENCOURT: 2018, p.230)

É importante questionar, quem elege o que é patrimônio? O poder público, os cidadãos, os grupos e movimentos sociais? Que identidades são representadas neles? “O compromisso educacional orienta-se por objetivos associados à pluralidade de nossas raízes e matrizes étnicas e deve estar inserido no currículo real em todos os níveis de ensino.” (BITTENCOURT: 2018, p.231). Assim, currículo real ou praticado, precisa contemplar as diferentes parcelas da população. Para propor a visita a partir do caminho na cidade mais especificamente do centro histórico partimos de materiais como os princípios das Cidades Educadoras, dentre os quais

SÉRIE: 6º ANO/ 1ª SÉRIE  
SÉRIE 8º ANO/2ª SÉRIE  
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

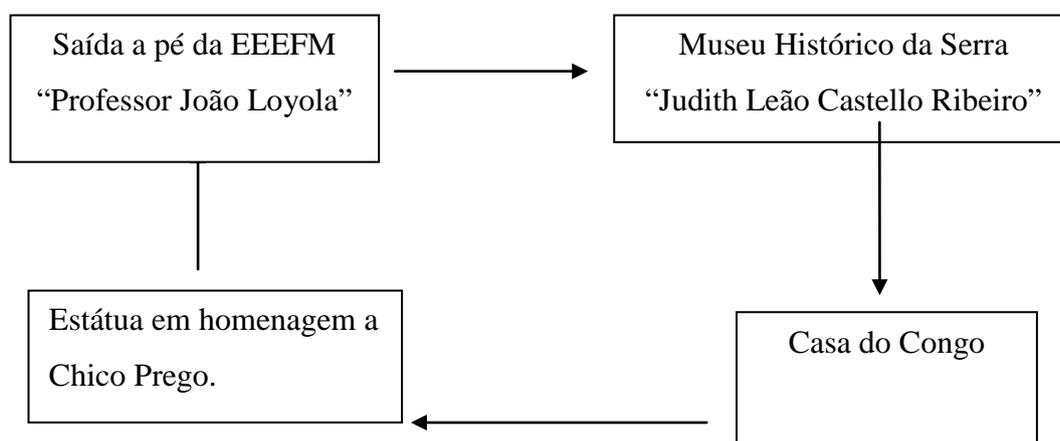
**1ª Etapa**

Visita Pedagógica

Conversar com os alunos sobre a proposta de roteiro e os objetivos da visita pedagógica. Solicitar que tirem fotos, do que acharem interessante e dos objetos dos lugares e façam anotações que julgarem necessárias.

A partir desse material, você pode propor outros caminhos, tudo vai depender dos objetivos da aula.

**Proposta de roteiro**



Conforme a visualização no mapa abaixo:



No percorrer do caminho até o museu, os estudantes passam por vários lugares, que a princípio não estão no roteiro. Entretanto, é possível parar e problematizar esses lugares e depois retomar em sala de aula.

**As questões levantadas pelos estudantes podem ser diferentes, de acordo com a opção do docente, em trabalhar o conteúdo antes ou depois da visita. Na nossa sugestão, o conteúdo será trabalhado depois.**

### **Museu – 6º ANO/1ª SÉRIE**

Questões antes de entrar no museu:

- Observar a construção.
- Olhar o entorno.
- Será que a arquitetura é a mesma de quando foi construído?
- O que é um museu?
- O que tem em um museu?

### **Questões durante a visita**

A visita guiada, tem um(a) monitor(a)/mediador, que apresenta cada sala do museu, os objetos, os personagens, algumas histórias e ainda, desenvolve a visita a partir das perguntas que os alunos fazem.

### **Museu – 8º ANO/2ª SÉRIE**

- Observar a construção.
- Olhar o entorno.
- Será que a arquitetura é a mesma de quando foi construído?
- O que é um museu?
- O que tem em um museu?

### **Questões durante a visita**

A visita guiada, tem um(a) monitor(a)/mediador, que apresenta as salas relacionadas a Insurreição de Queimado no museu, os objetos, os personagens, algumas histórias desenvolvendo a visita a partir das perguntas que os alunos fazem sobre a temática.

**Questões antes de entrar na Casa do Congo:**

- O que é congo?
- Qual a importância de um espaço para apresentar objetos da cultura popular?
- Observar as imagens, indumentárias e materiais em exposição.
- Alguém tem ideia das motivações de visitar a Casa do Congo juntamente com o museu?

**Questões durante a visita**

Após a observação do material exposto, o que te chamou atenção?

A visita guiada, tem um(a) monitor(a)/mediador, que apresenta, os objetos, o congo, algumas histórias e ainda, desenvolve o restante da visita a partir das perguntas que os alunos fazem.

Que histórias são contadas sobre Queimado? E sobre Chico Prego?

**Estátua em Homenagem a Chico Prego****Questões durante a visita**

- Partir dos questionamentos dos próprios estudantes, em relação a estátua, visto que, a ordem dos lugares de visita e as histórias contadas nos lugares visitados anteriormente, conduz a estátua.
- Qual o papel de Chico Prego na Insurreição de Queimado?
- Quem elege quais personagens são homenageados ou lembrados?

**2ª Etapa****Atividade com o objeto gerador**

A proposta do objeto gerador, parte da palavra geradora, apontada por Paulo Freire

Para construir essa atividade com o objeto gerador, uma vez que “a cada novo contexto o objeto adquire novos significados” (APPADURAI, 2008 apud, COSTA, 2017, p. 107), os alunos deverão escolher em dupla o objeto que mais chamou atenção na visita e trabalhar com uma das fotografias que foram solicitadas antes da visita. A fotografia foi pensada para que o objeto fosse trabalhado na escola ou em casa, uma vez que, a dinâmica em

relação ao tempo da visita possivelmente pode não atender ao tempo necessário no trabalho com os objetos dentro do museu.

A fotografia é parte importante da ampliação da capacidade humana de se representa, construindo a história e conferindo significado a essas representações. É uma forma de educar e olhar e a consciência de dar a ler o mundo em torno e de pensar a realidade. (CIAVATTA, 2007, p. 114)

Partindo dessa fotografia, em duplas os alunos trabalharão com o objeto escolhido, através da fotografia. Na tentativa de contribuir com uma narrativa sobre o que viram, ouviram passado e presente através de usos do objeto escolhido e suas reflexões sobre o mesmo.

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras. (RAMOS, 2004, p. 32)

Após a produção da atividade os alunos vão apresentar em sala de aula.

### 3ª Etapa

#### **Museu escolar**

Outra atividade que será utilizada a partir de objetos geradores, “pode-se também fazer com que cada participante traga de casa um objeto para ser apresentado ao grupo, através de comentários de quem o escolheu com a própria escolha” (RAMOS, 2004, p. 33). Os alunos deverão trazer um objeto antigo de casa. Nesta atividade pretende-se também identificar a noção de antigo dos alunos, bem como a história dos objetos. A ideia é que o objeto seja algo que foi ou que é importante para o cotidiano da família, os alunos vão contar a história do objeto junto com suas famílias e trazer para a escola para exposição. Caso não possa trazer o objeto, será necessária uma fotografia.

## Outros caminhos possíveis...

### **Câmara Municipal da Serra**

A primeira sessão da Câmara aconteceu em 20 de agosto do ano de 1833. O primeiro prédio próprio da Câmara demorou muitos anos para ser inaugurado, a obra ficou paralisada durante anos, localizado no Largo do Barão do Amazonas, hoje praça João Miguel - extensão da rua Major Pissarra. Sua construção durou aproximadamente 40 anos.

Em 26 de dezembro de 1975, a Câmara passou suas instalações para um novo prédio, o segundo prédio próprio em 142 anos de sua existência. Situado na rua Getúlio Vargas nº 65, centro, Serra - Sede, onde funcionava até a instalação do seu prédio definitivo, na rua Major Pissarra.

A Câmara possui um projeto chamado “Escola na Câmara”, onde os estudantes podem conhecer a casa das leis no município e visitar as instalações administrativas.



Foto 15. Câmara de Vereadores da Serra. Disponível em <http://www.camaraserra.es.gov.br/pagina/ler/1010/historia-da-camara-municipal>> Acesso em 30 de abril de 2021

### **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Matriz)**

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição mais conhecida como Igreja Matriz localiza-se em frente a praça Barbosa Leão, próximo ao caminho realizado entre o museu e a estátua de Chico Prego.

“A igreja [...], existente atualmente no Município da Serra é originária de uma pequena capela construída em 1564, inaugurada em 8 de dezembro. Após a inauguração da capela é iniciada a

construção de uma igreja de alvenaria, terminando-se as obras de 1769”, aponta Borges (2008, p.78). Ao longo de sua história, a igreja passou por algumas reformas. Inicialmente não tinha torres, com o cruzeiro ao lado e à sua frente o campo, como se observa na imagem abaixo, onde eram realizadas algumas celebrações.



Foto 16. Largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, SerraES, 1908. D’Oliver, Fonte: BARROS, Paulo de. Memória fotográfica da Serra: imagem de um município brasileiro. Vitória: Ed. do autor, 2002, p. 23

A fotografia nos apresenta sua fachada original que se conservou até o final da década de 30, -- seus sinos encontravam-se posicionados ainda nas suas laterais -- onde podemos observar muitos dos detalhes originais que ali permaneceram e dos que sofreram transformações. Do seu largo, atual Praça Barbosa Leão, nada restou do casario e nem sinais do antigo cruzeiro e do chafariz de água -- o chafariz é o pilar entre o mastro e o cruzeiro. (BARROS, 2002, p.22)

Os sinos, que antes se encontravam nas laterais da igreja, foram localizados nas duas torres, inauguradas no governo de Romulo Castello, devido as mudanças estruturais, feitas na construção, a igreja não pode ser tombada como patrimônio federal ou estadual, entretanto sabemos de sua importância histórica para o município.



Foto 17. Igreja Matriz atual. Acervo Pessoal. JUN/2021

## Praça João Miguel



(Direita) Foto 18. Praça João Miguel. 1908 D´D´Oliver, Fonte: BARROS, Paulo de. Memória fotográfica da Serra: imagem de um município brasileiro. Vitória: Ed. do autor, 2002, p. 23  
(Esquerda) Foto 19. Praça João Miguel atual. Acervo pessoal. Jun/2021

A atual praça João Miguel, hoje ponto de encontro, próximo a mercados, posto de gasolina, condomínios fechados e casas antigas que deram lugar a pontos comerciais. Na imagem a esquerda, a praça por volta do ano 1908, na foto a direita, a praça em 2021. entrecruzando presente e passado de um lado e outro das vias que a cortam.

Na primeira imagem “a região da atual praça João Miguel encontra-se à direita, onde estão situadas as árvores frente ao prédio de dois pavimentos”, de acordo com Barros, (2002, p.28), pertencente à família Miguel e construído no século XIX. A construção ao lado, foi a primeira sede da Casa do Congo.

Na segunda imagem, após algumas reformas, a antiga casa da família Miguel, deu lugar ao SEJURES municipal e mais recentemente uma loja de produtos naturais e a casa ao lado encontra-se fechada, após a Casa do Congo ser transferida para o pavimento inferior do Museu Histórico da Serra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith\\_leao\\_castello\\_ribeiro](http://es.serra.camara.dio.org.br/dio/pag-judith_leao_castello_ribeiro)

<https://www.competenciasnabncc.org.br/>

<http://www.camaraserra.es.gov.br/>

<<http://www.aspomires.com.br/pontos-turisticos/>> (foto da casa do congo) acesso em : 21/03/2021.

BARROS, Paulo de. Memória Fotográfica da Serra: imagens de um município brasileiro. Vitória, Ed. do autor, 2002.

BORGES, Clério José. História da Serra. Serra. 3ed. Editora CTC, 2008.

CARDOSO, Lavinia Coutinho. Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade, no século XIX, na província do Espírito Santo (1845 – 1850). Dissertação – PPHIS-UFES, 2008.

CASTRO, Elisiana Trilha. Patrimônio Cultural Funerário. *In*: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.

CHAGAS, Mario. Et al. Museu e público jovem: percepções e receptividades. *In*: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio. Rio de Janeiro: 2010. |Disponível em <https://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/inline-files/94-414-1-PB.pdf> Acesso em Mar/2020.

CHAGAS, Mario. STORINO, Cláudia. Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty. *In*: Cadernos de Sociomuseologia: Patrimônio, Política e Sociomuseologia. Vol 47. 2014/3. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/647>> Acesso em Out/2019.

CLÁUDIO, Afonso. Insurreição de Queimado: Episódio da história da Província do Espírito Santo. Fund. Ceciliano Abel de Almeida. Vitória, 1979.

FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. Trad. Antonio Faundez. 7ed. Rev. Ampl e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GÓES, José Roberto Pinto. A segunda derrota dos escravos de São José do Queimado. Disponível no site: <http://www.no.com.br>. Acesso em fev/2021.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KILOMBA, Grada. Memórias da Planatação. Trad: Jeos Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Rogério Proença. Patrimônio e Centros Históricos. *In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.*

MIRANDA, E. NALY. Reminiscências Da Serra - 1556-1983. Serra, ES, 1984.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. Queimado – A insurreição que virou mito. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2012.

NOVAES, Maria Stella de. A escravidão e a abolição no Espírito Santo: história e folclore. Vitória, 1963.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX, Salvador, EDUNEB, 2003.

OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo. 3ed. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo. Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

OLIVEIRA, Leonardo Valerão. ROCCA, Luisa Durán. Da casa-manifesto à casa-museu: museologia e patrimônio nas residências de Warchavchik, Bo Bardi e Niemeyer. *In: Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, vol. 50, p. 123-140, 2018.*

PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Cultural: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

----- Patrimônio Imaterial: *In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.*

PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA, Museu Histórico da Serra, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RESENDE, Wilson Lopes de. A insurreição de 1849 na província do Espírito Santo. Cachoeiro de Itapemirim, 1949.

RIBEIRO, Judith Leão Castello. OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de (org). Presença. 1ed. Vitória.: GM, 2014.

ROCHA, Levy. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. 3ed. Vitória, 2008.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. *In*: SIMAN, Lana Mara de Castro. MIRANDA, Sonia Regina. (org). Cidade, Memória e Educação. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

TUAN, Yi Fu. <<https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf> > acessado em: 21 de fev 2021.

TIRAPELI, Percival. Patrimônio Religioso. *In*: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (Org) Dicionário Temático de Patrimônio: Debates Contemporâneos. Unicamp, 2020.

## **CONTATOS E ENDEREÇOS**

### **MUSEU HISTÓRICO DA SERRA/BIBLIOTECA MUNICIPAL/CASA DO CONGO**

Endereço: R. Cassiano Castelo, 22 - Serra Centro, Serra - ES, 29176-010

**Contato:** (27) 3251-6636

Instagram: @museuhistoricodaserra

### **CÂMARA MUNICIPAL DA SERRA**

Endereço: Rua Major Pissarra, 245 Centro -Serra/ES.

<http://www.camaraserra.es.gov.br/pagina/ler/1031/camara-escola>

Telefone Geral: 27 3251-8300

### **IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO:**

Pr. Barbosa Leão - Serra Centro, Serra - ES, 29176-050

Contato da Comunidade: (27) 99772-9272

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora pela tranquilidade com que zelou para que a conclusão do trabalho fosse no meu tempo, apesar das dificuldades que enfrentei pelo caminho. Fizemos o possível com o que tínhamos nas mãos.

Aos meus pais Cosme e Nilzenite pelo apoio de sempre.

Aos meus amigos, em especial Danyelly Pessini pelas opiniões sinceras e apoio incondicional; Luciano Severino que conheci durante o mestrado e se tornou um parceiro para a existência e dividimos muitas tristezas e felicidades no processo e Suzanna Lima, mesmo de longe com toda a singeleza e amizade foi imprescindível.

Ao diretor da EEEFM “PROFESSOR JOÃO LOYOLA” Ramon Barcellos

Sant’Ana por abrir gentilmente o espaço da escola para que o trabalho fosse elaborado.

Aos estudantes das turmas de 2017 a 2022, nas aulas de

História ou da eletiva, que tornaram esse trabalho possível.

Aos ilustradores pela paciência e brilhantismo em colocar no papel pensamentos e elocubrações.

A todos que contribuíram para que essa proposta educativa saísse do rascunho.

Gratidão!



